



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS**



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO**

**VERONICA SOBRAL ALMEIDA AMARAL**

**VOZES FEMININAS DA LITERATURA DE CORDEL NO SERTÃO DO PAJEÚ:  
UMA ANTOLOGIA PARA A SALA DE AULA**

**CAMPINA GRANDE - PB**

**SETEMBRO / 2024**

**VERONICA SOBRAL ALMEIDA AMARAL**

**VOZES FEMININAS DA LITERATURA DE CORDEL NO SERTÃO DO PAJEÚ:  
UMA ANTOLOGIA PARA A SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Linguagem e Ensino, na área de Ensino de Literatura e Formação de Leitores.

**Orientador:** Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves

**CAMPINA GRANDE - PB**

**STEMBRO / 2024**

VERONICA SOBRAL ALMEIDA AMARAL

VOZES FEMININAS DA LITERATURA DE CORDEL NO SERTÃO DO PAJEÚ:  
UMA ANTOLOGIA PARA A SALA DE AULA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Linguagem e Ensino, na área de Ensino de Literatura e Formação de Leitores.

**Orientador:** Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves

Aprovada em: 24 de setembro de 2024.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves  
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG/PPGLE

**Orientador**



Prof.ª Dr.ª Naelza de Araújo Wanderley  
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG/PPGLE

**Examinadora interna**



Prof. Dr. Josivaldo Custódio da Silva  
Universidade de Pernambuco – *Campus* Mata Norte/Profletras

**Examinador Externo**

A485v

Amaral, Veronica Sobral Almeida.

Vozes femininas da literatura de cordel no Sertão do Pajeú: uma antologia para a sala de aula / Veronica Sobral Almeida Amaral. – Campina Grande, 2024.

173 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação: Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves".

Referências.

1. Literatura de Cordel. 2. Autoria Feminina - Antologia. 3. Ensino de Literatura. 4. Abordagem Metodológica. I. Alves, José Hélder Pinheiro. II. Título.

CDU 82-91(043)

## **Dedico**

*In memoriam*, a meus pais Nelson e Glória, que sempre  
acreditaram que a educação constrói histórias.  
Minha mãe, que me ensinou as primeiras palavras dos  
livros e da vida;  
E, meu pai, que me ensinou poesia, sem precisar fazer  
versos.  
Sei que, se estivessem aqui, eu veria os seus olhos  
miúdos marejados de felicidade.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida e a dos meus; pelo universo inexplicavelmente poético e por nos inspirar todos os dias para sentirmos a poesia em cada coisa que o sertão nos oferece.

Aos meus pais, Nelson Daniel de Almeida e Maria da Glória Sobral Cordeiro Almeida, *in memoriam*, por acreditarem que, por meio da educação, eu teria uma vida melhor que a deles. Meu pai, minha inspiração poética, que me ensinou - sem dizer nada - que a poesia nos move. Minha mãe, que mesmo sem ser formada, me ensinou a ler e a escrever e foi minha professora nos anos iniciais. Acendeu a chama dos meus sonhos e dos de dezenas de meninos e meninas, no sítio em que morávamos.

A meu amor Jackson, companheiro de uma vida, de sonhos e de estradas, com quem divido todas as lutas e histórias nossas. A você, muito obrigada por acreditar e caminhar comigo.

Aos meus filhos João Pedro, Miguel e Ana Carolina, cada palavra escrita ao som de risadas, brincadeiras ou choros, tem um gosto e um afeto diferente. A vocês, meus eternos pequenos, que me inspiram todos os dias a escrever a poesia da vida.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Hélder Pinheiro, com quem aprendi a sentir a poesia e tocá-la de forma diferente. Obrigada, Hélder, por ser poesia e pelo zelo que tem com ela. Obrigada pela amizade e pelas orientações tão cuidadosas, objetivas e planejadas. Pelo exemplo de humildade e sabedoria. Obrigada por dividir o sonho de pesquisar a literatura de cordel de autoria feminina da região em que nasci e que é meu lar.

Ao meu irmão Rogério, com quem divido nas veias o sangue do amor dos meus pais. A minha cunhada Vânia, por ser tanto na nossa pequena família.

À minha avó Francisca Sobral, *in memoriam*, minha eterna inspiração, com quem partilhei muitas leituras na adolescência. Se viva estivesse, leria e comentaria cada página deste trabalho.

À Dona Lurdes, Seu Arlindo, Jaberson, Janielle, Filipi e Hércules, uma família que se tornou minha e muito faz por mim e pelos meus.

A todas as mulheres que, antes de mim, lutaram para que hoje eu pudesse ler suas vozes e escrever sobre vozes contemporâneas.

Às poetisas que não deixam ser silenciadas pelas memórias patriarcais reproduzidas diariamente. E, especialmente, às cordelistas do Sertão do Pajeú, que me emprestaram suas vozes para esta pesquisa, representando tantas outras que não estão aqui.

A todas as poetisas e poetas da Associação dos Poetas e Prosadores Tabira (APPTA), onde vi a poesia nascer e se tornar lar.

A Dedé Monteiro, meu conterrâneo, amigo e padrinho. O poeta que rega a poesia, divide e ilumina os versos de quem escreve. A você, muito obrigada por ser tão grande e proporcionalmente humilde.

A Dulce Lima, minha poeta e amiga querida, que em prosa, escreve os melhores poemas. Minha inspiração e referência de autoria feminina do meu chão. Obrigada por pavimentar, todos os dias, nossos caminhos.

*In Memoriam*, a Celeste Vidal, Carmem Pedrosa e Nevinha Pires, referências femininas do Pajeú, que tive a alegria de conhecê-las e ler pela primeira vez poemas de autoria de mulheres do lugar em que resido.

Às colegas e aos colegas do PPGLE, com quem dividi diversos momentos durante o curso. A Iara Soares, Jordânia Freire, Haíssa Vitoriano, Adriana Vicente, Jaqueline Mendes, Claudenice Souza e Fernanda Lima, obrigada pelas tantas conversas e pelo apoio mútuo. Nossos encontros deixaram a caminhada mais leve.

Ao Programa de Pós-graduação em Literatura e ensino (PPGLE), pelo tratamento humano e por nos acolher durante os dois anos de Mestrado.

Às professoras Dras. Isis Milreu, Shirley Barbosa, Tássia Tavares e Viviane Caldas, que compartilharam conhecimentos no PPGLE. Obrigada pela humildade e leveza com que conduziram as aulas.

Ao Prof. Dr. Edilson Amorim, pelo afeto, zelo, pelos diálogos e boas risadas na hora do almoço.

À banca de qualificação e defesa, Prof<sup>a</sup> Dra Naelza de Araújo Wanderley, que acompanha este trabalho desde a defesa do projeto e tem um zelo pela poesia popular e ao Prof. Dr. Josivaldo Custódio da Silva, pelo afeto pela Literatura de cordel, tanto na voz, quanto na sala de aula. Obrigada por aceitarem o convite e pela contribuição significativa para esta pesquisa.

À Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco e a Gerência Regional de Educação do Sertão do Alto Pajeú, por acreditarem na formação de professores e permitirem o meu afastamento integral do trabalho para cursar o mestrado.

À Secretaria Municipal de Educação de Solidão, por contribuir com a formação de professores e permitir o afastamento parcial das minhas atividades laborais. Em especial, à

Secretária de Educação Aparecida Ramos, que, com um olhar humano, flexibilizou os horários para que eu pudesse participar das atividades acadêmicas.

Às amigas e amigos, que acreditaram e comemoraram cada passo concluído desta pesquisa.

A todos, enfim, que contribuíram com minha formação ao longo da vida e pavimentaram os caminhos para que eu chegasse até aqui.

Ao Universo, por permitir sentir a poesia, sem tocá-la e, ao lê-la, ser tocada por ela! E por fim, finalizo os agradecimentos, dizendo:

Pelos tantos caminhos que trilhei,  
Com o pé na estrada, olho na vida,  
Hoje sinto que sou agradecida,  
Por chegar ao destino que sonhei!  
Foram tantas histórias que passei,  
Mas, por tantos, eu fui tão amparada;  
E chegando ao final dessa jornada,  
A meu Deus, minha eterna gratidão,  
Pelas vezes que tocou a minha mão,  
Obrigada, Senhor, muito obrigada!



## RESUMO

Algumas pesquisas indicam que a leitura de poesia, sobretudo, de literatura de cordel de autoria feminina, ainda não é tão presente na escola. Refletindo sobre isso, propomos, neste estudo, um levantamento de poemas de autoria de dez cordelistas do Sertão do Pajeú, para análise das temáticas e organização de uma antologia, com abordagens de leitura para a sala de aula. Desse modo, nossa pesquisa tem como objetivo geral, investigar, na literatura de cordel produzida por mulheres do Sertão do Pajeú, a predominância de temas e procedimentos, visando a construção de uma antologia para ser trabalhada em sala de aula. Para desenvolvimento do estudo, elencamos os seguintes objetivos específicos: 1) Discutir as origens da literatura de cordel no Nordeste e realizar um levantamento de cordelistas do Sertão do Pajeú; 2) Analisar os temas e procedimentos predominantes na produção das poetisas selecionadas para a pesquisa; 3) Organizar uma antologia temática de poemas com propostas de abordagem para sala de aula. Para embasar o percurso histórico, bem como a presença da autoria feminina na literatura de cordel, dialogamos com: Abreu (1999), Telles (2001) Queiroz (2006), Perrot (2019), Gotlib (2003), Romanelli (2014), Santos (2006), Mendonça (1993), Grisi (2021) e Almeida (2019). Metodologicamente, recorreremos à pesquisa bibliográfica, embasada por Malheiros (2011). Para seleção dos poemas, valemo-nos do procedimento de categorização apresentado por Bardin (2016). Quanto à fundamentação teórica para análise dos poemas, lançamos mão das discussões de Hooks (2023), Lerner (2019), Ceia (2010), Bosi (1977), Jakobson (1975) e Tavares (2005). À luz de Alves (2023), tratamos sobre a contribuição das antologias na formação de leitores. Propomos sugestões de leitura dos poemas na sala de aula, embasadas em Bajour (2012), Rouxel (2014); Marinho e Pinheiro (2012) e Pinheiro (2018; 2024). Este trabalho pode contribuir para ampliar a visibilidade das vozes de autoria feminina na literatura de cordel do Sertão do Pajeú, bem como, favorecer a aproximação entre o leitor e poesia de autoria feminina.

**Palavras-chave:** literatura de cordel; autoria feminina; antologia; ensino de literatura; abordagem metodológica

## ABSTRACT

Some research indicates that reading poetry, especially cordel literature written by women, is still not very widespread in schools. Reflecting on this, we propose, in this study, a survey of poems by ten cordelists from Sertão do Pajeú, in order to analyze the themes and organize an anthology with reading approaches for the classroom. The general aim of our research is therefore to investigate the predominance of themes and procedures in the cordel literature produced by women from Sertão do Pajeú, with a view to creating an anthology to be used in the classroom. In order to carry out the study, we set out the following specific goals: 1) To discuss the origins of cordel literature in the Northeast and carry out a survey of cordelists from Sertão do Pajeú; 2) To analyze the predominant themes and procedures in the production of the women poets selected for the research; 3) To organize a thematic anthology of poems with proposals for classroom approaches. In order to support the historical journey, as well as the presence of female authorship in cordel literature, we dialogued with: Abreu (1999), Telles (2001) Queiroz (2006), Perrot (2019), Gotlib (2003), Romanelli (2014), Santos (2006), Mendonça (1993), Grisi (2021) e Almeida (2019). Methodologically, we used bibliographical research, based on Malheiros (2011). To select the poems, we used the categorization procedure presented by Bardin (2016). As for the theoretical basis for analyzing the poems, we used discussions by Hooks (2023), Lerner (2019), Ceia (2010), Bosi (1977), Jakobson (1975) and Tavares (2005). In the light of Alves (2023), we dealt with the contribution of anthologies to the formation of readers. We propose suggestions for reading the poems in the classroom, based on Bajour (2012), Rouxel (2014); Marinho and Pinheiro (2012) and Pinheiro (2018; 2024). This work can contribute to increasing the visibility of female voices in cordel literature from Sertão do Pajeú, as well as bringing readers closer to poetry by women.

**Keywords:** cordel literature; female authorship; anthology; literature teaching; methodological approach

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>AS VOZES DAS CORDELISTAS / NA HISTÓRIA DO FOLHETO.....</b>	<b>20</b>
2.1	O QUE O NORDESTE PRODUZ/ TEM A VER COM PORTUGAL?.....	20
<b>2.1.1</b>	<b>De onde vem o cordel? / Do oral para o escrito .....</b>	<b>25</b>
2.2	A MULHER É OCULTADA/ NA NOSSA LITERATURA.....	29
<b>2.2.1</b>	<b>Os registros da mulher/ Na literatura oral .....</b>	<b>32</b>
<b>2.2.2</b>	<b>Surge uma voz feminina/ Na produção do cordel .....</b>	<b>35</b>
2.3	NO SERTÃO DO PAJEÚ/ A POESIA GERMINA.....	37
2.4	EOCA A VOZ DA MULHER/ NO SERTÃO DO PAJEÚ.....	42
2.4.1	Quais serão as cordelistas do corpus desta pesquisa.....	45
<b>3</b>	<b>O QUE ESCREVE A MULHER/ DO SERTÃO DO PAJEÚ?.....</b>	<b>47</b>
3.1	TEMÁTICAS QUE PREDOMINAM/ NOS VERSOS DAS POETISAS.....	47
3.2	MULHER É FORÇA PRESENTE/ NA VOZ DA PRÓPRIA MULHER.....	52
<b>3.2.1</b>	<b>O grito da poesia/ Que diz “não” à violência .....</b>	<b>56</b>
3.3	METALINGUAGEM, UM CONCEITO/ PARA ALÉM DA CONSTRUÇÃO.....	62
<b>3.3.1</b>	<b>A poesia falando/ Sobre o seu fazer poético .....</b>	<b>65</b>
3.4	O SERTÃO VISTO DE PERTO/ PELAS LENTES DA POESIA.....	73
<b>3.4.1</b>	<b>A imagem viva da seca/ Deixando o sertão sem cor .....</b>	<b>76</b>
<b>4</b>	<b>ANTOLOGIA DE VOZES / DAS MULHERES DO SERTÃO.....</b>	<b>82</b>
4.1	CONTRIBUIÇÃO DAS ANTOLOGIAS NA FORMAÇÃO DE LEITORES.....	82
4.2	ANTOLOGIA DE AUTORIA FEMININA DA LITERATURA DE CORDEL.....	84
<b>4.2.1</b>	<b>A poesia encoraja/Nossa luta feminina.....</b>	<b>85</b>
<b>4.2.2</b>	<b>A poesia se encontra / Nas nuances da linguagem.....</b>	<b>87</b>
<b>4.2.3</b>	<b>Seja na seca ou na chuva / O sertão é esperança .....</b>	<b>92</b>
<b>4.2.4</b>	<b>Na espera ou desencanto / O amor se faz presente .....</b>	<b>94</b>
<b>4.2.5</b>	<b>A poesia não cala/ Perante a desigualdade .....</b>	<b>95</b>
4.3	NA SALA DE AULA: ALGUMAS SUGESTÕES DE ABORDAGEM.....	99
<b>4.3.1</b>	<b>A mulher é resistência/ Nas vozes da poesia .....</b>	<b>103</b>
<b>4.3.2</b>	<b>As sequelas sociais/ São consequências políticas .....</b>	<b>106</b>
<b>4.3.3</b>	<b>O sertão é uma tela/ Que inspira poesia .....</b>	<b>112</b>
<b>4.3.4</b>	<b>A poesia se olha/ Na voz da sua linguagem .....</b>	<b>117</b>
<b>4.3.5</b>	<b>O amor está presente/ Em sentimentos diversos .....</b>	<b>120</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>127</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>130</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>135</b>
	Apêndice A.....	136
	Apêndice B.....	147
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>154</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Não há como falar sobre esta pesquisa, sem olhar para o caminho que percorri ao longo da vida, em que a literatura de cordel sempre foi uma constante na minha casa, entre os meus. Embora saiba que ninguém faz nada sozinho, assumirei, inicialmente, a primeira pessoa, para apresentar um pouco da minha história que depois - com a contribuição de muitos - resulta neste trabalho.

Nasci no Sertão do Pajeú<sup>1</sup>, ouvindo leitura de cordel, de forma que sempre fui apaixonada pela sonoridade das rimas, a cadência dos versos e a narrativa que o gênero proporciona. Ainda sem saber ler, ouvia minha mãe lendo folhetos, no sítio em que morava, à luz do candeeiro. Era uma rodada de leitura quase todas as noites e eu chorava ou sorria, dependendo da narrativa. A voz dela embalava minha imaginação e eu vivia a história ou o tema do poema com profundidade. Meu pai era poeta, sem improvisar ou escrever. Sabia muitos versos decorados e tinha a sensibilidade para ouvir poesia. Ouvia com a alma cada estrofe construída pelos poeta. Toda tarde, escutava cantoria de viola transmitida pela Rádio Espinharas de Patos-PB, no rádio de pilha. Era ele encostado na parede com o ouvido no toque da viola e eu - ao seu lado, sentada no banquinho - deslumbrada com aquele momento.

Criada nesse contexto, minha formação leitora tem afinidade com a poesia, pois foi em meio aos versos, as tramas de cordel, as sextilhas cantadas ao som da viola que aprendi a ler. Cursei os anos iniciais do ensino fundamental numa escola rural, turma multisseriada, onde minha mãe era a professora. Do jeito que ela fazia em casa, também lia folhetos para os alunos. Aos 11 anos, fui estudar na cidade de Tabira, cursar a 5ª série e ingressei na Escola Arnaldo Alves Cavalcanti. Lá havia uma biblioteca grande e eu, maravilhada com tantos livros, todo horário vago ia ler e pegar emprestado para levar para casa.

Ainda sobre esse percurso estudantil, no mesmo ano que ingressei nessa escola, foi criado o Festival de Arte e Poesia (FAIP), em que cada turma apresentava uma peça de teatro,

---

<sup>1</sup>Localizada no Sertão de Pernambuco, no centro-norte do estado, a microrregião do Sertão do Pajeú tem uma área de 8.689,7 km<sup>2</sup> e, de acordo com a divulgação do IBGE, em 2020, com uma população de 333.724 habitantes. Esse território é composto por 17 cidades: Afogados da Ingazeira, Brejinho, Calumbi, Carnaíba, Flores, Iguaraci, Ingazeira, Itapetim, Quixaba, Santa Cruz da Baixa Verde, Santa Terezinha, São José do Egito, Serra Talhada, Solidão, Tabira, Triunfo e Tuparetama. É nesta região que o lendário Rio Pajeú desce lá da Serra da Balança, situada na cidade de Brejinho e sai espalhando poesia por todas as cidades. Há quem diga que quem se banha nessas águas, torna-se poeta.

construída em versos. Durante meses, a escola respirava poesia, lendo, decorando e ensaiando a apresentação da peça teatral. Assistir à encenação das peças, ouvir a sonoridade dos versos nos diálogos ou atuar como personagem era vivenciar o ápice da poesia, de modo que, ao final do festival, eu seguia sonhando com o poema que seria escolhido para apresentar no ano seguinte. Nesse mesmo período, fui convidada a participar da Associação de Poetas e Prosadores de Tabira (APPTA), onde me aproximei ainda mais da poesia. Dentre os homens, poucas mulheres, mas grandes referências que até hoje alimentam o sonho de poder difundir e ampliar o alcance da poesia feminina.

Voltando a minha trajetória escolar, durante o ensino médio na mesma escola, participei de um grupo de teatro, criado por duas amigas, um amigo e por mim. Poemas de poetas da região eram transformados em peça teatrais, que eram apresentadas em cidades da região do Pajeú, em ocasiões festivas. Concluído o ensino médio, fui aprovada no vestibular de Letras. Durante o curso, ampliei as leituras tanto de poesia, quanto de outros gêneros, no entanto, pouco se lia poemas nas aulas e, muito menos, leitura de autoria feminina. Lembro-me bem de ter lido Cecília Meireles, Clarice Lispector e Adélia Prado, são poucas entre os homens, mas me fizeram pensar que tanto a poesia, quanto a autoria feminina tem pouca presença na literatura. Enquanto professora, tanto de anos iniciais e, posteriormente, de anos finais e ensino médio, nunca deixei a poesia distante de minhas aulas. Lia, declamava, os alunos liam, comentavam, dramatizavam. No entanto, eu sempre achava pouco, pois queria que ela estivesse com uma presença mais frequente na escola e, sobretudo, a poesia de autoria feminina.

Creio que essa vontade de ver pulsar mais forte na escola vem do meu contato com a poesia oral e escrita, desde criança, e o envolvimento nos movimentos poéticos da cidade. Ouvir e ler poemas me influenciaram tanto que, aos 14 anos, comecei rabiscar versos, construir estrofes e muitas vezes, subir no palco para declamá-las. Se é poesia, não sei, mas sei que o gosto pela leitura dela permanece até hoje e, quando me inspiro, rascunho poemas, reafirmando que a presença da mulher na literatura de cordel existe e precisa ampliar sua visibilidade.

Convivendo neste contexto, antes descrito, e almejando contribuir para ampliar a leitura de poemas na escola, inscrevi-me e fui aprovada no PPGLE, na linha de pesquisa de Literatura e Ensino. Sonhava em pesquisar a poesia de autoria feminina da região em que nasci. E foi o orientador deste trabalho, com a experiência e zelo pela temática, que direcionou esta pesquisa à literatura de cordel, sobretudo de autoria feminina.

Sendo assim, não mais sozinha, a história contada em primeira pessoa torna-se plural e o trabalho de pesquisa nos apresentou a possibilidade de refletir sobre o quanto a poesia é acolhedora e a leitura dela pode ser uma excelente estratégia de formação de leitores. No entanto, o poema ainda é um gênero pouco lido na escola, em detrimento, talvez, dos narrativos que são, visivelmente, mais presentes nos livros didáticos e na leitura em sala de aula. Sobre isso, Pinheiro (2018) diz que, de todos os gêneros literários, provavelmente é a poesia o menos prestigiado no fazer pedagógico em sala de aula.

Logo, se a poesia, de modo geral, é o gênero menos lido na escola, a literatura de cordel de autoria feminina – forma literária que não compõe o cânone<sup>2</sup> da literatura - encontra-se ainda mais distante dos espaços escolares, das indicações de leitura entre professores e alunos. Diante disso, pensar na leitura de literatura de cordel de autoria feminina na sala de aula é ampliar a visibilidade dessa forma literária como aliada à formação de leitores.

Para uns, pode ser óbvio que no Nordeste, por exemplo, o fato da literatura de cordel está presente na vida das pessoas, fazer parte do cotidiano, isso implique que a poesia seja um gênero muito lido na escola. No entanto, os estudos não dizem isso. Ainda há uma lacuna e uma distância entre a produção de poesia e a chegada desses poemas na sala de aula. Em muitos casos, quando chega à escola são cordéis didáticos, utilizado para ensinar conteúdos, furtando do leitor o direito de ler o poema e interagir com ele.

É evidente que existe uma necessidade de superar a problemática, considerando que autores locais podem adentrar o chão da sala de aula, por meio de suas obras, algo que não foi superado ao longo dos anos, mesmo diante de algumas políticas de leitura na escola. Sendo assim, podemos pensar que a leitura de poesia na sala de aula, sobretudo, a literatura de cordel de autoria feminina precisa ser potencializada.

Para isso, é necessário, nos aproximarmos das autoras da região, considerando a relevância que essa literatura tem para a formação de leitores. Essa discussão evidencia a necessidade de oportunizarmos aos leitores a experiência de leitura de literatura de cordel. De

---

<sup>2</sup> Entendido como uma relação ou lista que conserva tudo aquilo que foi escrito, o cânone funciona como uma espécie de memória literária [...]. Trazido para o contexto da contemporaneidade, o cânone transforma seu conceito, passando a ser entendido como uma lista seletiva desse material, na qual importa menos discutir os nomes de autores e de obras que o compõem do que a função que pode atribuir a essa relação (ou cânone). (Moreira, 2003, p. 92)

forma que eles sintam o texto, experienciem e vivenciem a temática abordada, sem se deter, somente, à construção dos versos e classificação de estrofes e rimas.

Partindo disso, decidimos pesquisar, neste trabalho, a produção das cordelistas da região do Sertão do Pajeú, situada em Pernambuco. Para isso, selecionamos poemas de autoria 10 (dez) poetisas residentes nessa localidade para compor o corpus na pesquisa. As cordelistas selecionadas, a saber, Dulce Lima, Andreia Miron, Alecsandra Ramalho, Carmem Pedrosa, Isabelly Moreira, Francisca Araújo, Milene Augusto, Thaynnara Queiroz, Dayane Rocha e Monique D`Ângelo. Para escolhermos essas vozes femininas, consideramos as cordelistas que possuem uma vasta produção na literatura de cordel, porém, as obras têm pouca visibilidade no meio acadêmico, bem como, no ambiente escolar.

Todavia, antes de nos adentrarmos nos objetivos deste trabalho, achamos necessário explicar a escolha da região citada para a pesquisa: o Sertão do Pajeú. Essa região é, historicamente, conhecida como um território povoado por poetas, desde o início da tradição histórica do cordel. No século XX, grandes nomes da cantoria de viola, da literatura de cordel são dessa região. No entanto, até meados do século citado, há um registro, predominantemente, masculino tanto em publicação de folhetos, quanto em antologias de literatura de cordel. Embora houvesse poemas de autoria feminina, essa produção era invisibilizada na historiografia da literatura de cordel.

Contudo, no início do século XXI tem surgido um movimento de poesia de autoria feminina bem significativo. Progressivamente, a poetisa começou a assumir seu lugar, a se destacar, a ter visibilidade no cenário da poesia. Atualmente, existe um número considerável de mulheres que escrevem poemas, que são cordelistas, que improvisam e que garantem a presença feminina nos movimentos literários, ampliando a visibilidade de sua autoria escrita.

Em virtude dessa pesquisa, constatamos que, em quase todas as cidades do Pajeú, há mulheres que escrevem poesia. Em algumas localidades com um número maior, em outras, com um menor número, mas todas com o sangue do verso correndo nas veias e com a escrita pronta na mente para ser grafada no papel.

Dito isso, apresentamos o propósito desse trabalho, que teve como objetivo investigar, na literatura de cordel produzida por mulheres do Sertão do Pajeú, a predominância de temas e procedimentos, visando a construção de uma antologia para ser trabalhada em sala de aula. Como objetivos específicos elencamos os seguintes: 1) Discutir as origens da literatura de cordel no Nordeste e realizar um levantamento de cordelistas do Sertão do Pajeú; 2) Analisar

os temas e procedimentos predominantes na produção das poetisas selecionadas para a pesquisa; 3) Organizar uma antologia temática de poemas com propostas de abordagem para sala de aula.

Dessa forma, a nossa pesquisa buscou identificar quais temas predominam na literatura de cordel produzida por mulheres no Sertão do Pajeú, bem como, quais poemas dessas autoras poderiam ser levados para leitura em sala de aula. No que se refere à relevância da pesquisa, o estudo dessa temática pode possibilitar a visibilidade das vozes de autoria feminina na literatura de cordel dessa região no campo acadêmico. Além disso, as sugestões de leitura de poemas dessas autoras na sala de aula podem contribuir para a formação de leitores, bem como, para descortinar temáticas e poemas de autoria de mulheres que podem desencadear uma discussão necessária na escola.

Do ponto de vista metodológico, o presente trabalho teve uma abordagem quanti-qualitativa e como *locus* de investigação, definimos a região do Sertão do Pajeú, localizada no estado de Pernambuco. Apontamos, como objeto de estudo, a identificação das temáticas predominantes na produção de autoria feminina na literatura de cordel da região citada.

Quanto ao trabalho com a pesquisa quantitativa nessa dissertação, podemos dizer que ela colabora para “oferecer subsídios mensuráveis para se tomar decisões” (Malheiros, 2011, p. 135), favorecendo um entendimento do contexto da pesquisa, da coleta do corpus e dos atores que a compõe. Quanto nos referimos à pesquisa qualitativa e a sua contribuição para este trabalho, consideramos que ela “possui o poder de analisar os fenômenos com consideração de contexto” [...] bem como, “utiliza de maneira mais adequada os valores culturais e a capacidade do indivíduo” (Leite, 2008, p. 100). Nesse sentido, acreditamos que a quantitativa e a qualitativa se conectam e uma subsidia a outra para contribuir com a qualidade da pesquisa.

Dessa maneira, este trabalho assumiu uma abordagem quanti-qualitativa e, para responder aos objetivos a que se propôs, foi definida como uma pesquisa de natureza básica, com finalidade exploratória, de caráter bibliográfico, também de aspecto interpretativo, na medida em que realizamos o levantamento das fontes e interpretamos os dados.

Do ponto de vista de sua natureza, podemos defini-la como pesquisa básica, considerando que “objetiva gerar conhecimentos novos úteis sem aplicação prática prevista. Envolve interesses universais” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 51). Quanto à finalidade podemos classificá-la como exploratória, considerando que “possui planejamento flexível, o que permite



o estudo do tema sob diversos ângulos e aspectos” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 52), subsidiando o levantamento bibliográfico.

Quanto aos procedimentos da pesquisa bibliográfica, consideramos que existem técnicas específicas que contribuirão para efetivar o sentido da pesquisa proposta, entre elas, o levantamento da literatura disponível, a seleção da bibliografia, a leitura crítica dos materiais, o fichamento e a análise das obras. Esse tipo de pesquisa é “um confronto de ideias que, ao final, fará com que o pesquisador tire suas próprias conclusões. Para isso, é recomendável que seja feito um fichamento de cada obra, a fim de sistematizar as ideias principais” (Malheiros, 2011, p 82).

Dessa maneira, neste trabalho recorreremos à pesquisa bibliográfica, de forma que, selecionamos, no primeiro momento, textos teóricos, realizamos a leitura crítica e fichamos as ideias pertinentes ao trabalho para fundamentação teórica. Ainda recorrendo a este mesmo método, fizemos, no segundo momento, o levantamento dos poemas, o fichamento, a leitura e análise das obras das que compõem o corpus deste trabalho. Para isso, seguimos a proposta defendida por Malheiros (2011) já apresentada anteriormente, de forma que possibilitou o estabelecimento de obras e autores pertinentes à temática que selecionamos para a pesquisa.

Como parte do percurso da pesquisa, percorremos as 17 (dezesete) cidades do Sertão do Pajeú e realizamos um levantamento das mulheres que escrevem poemas, considerando diferentes faixa-etárias; encontramos poetisas em 12 municípios, totalizando 47 cordelistas. Certamente, há poetisas, também, nesses três municípios restantes, mas não conseguimos localizá-las nesta pesquisa, talvez, pelo fato da invisibilidade da autoria feminina ainda muito presente na literatura de cordel.

Com o levantamento em mãos, selecionamos 10 (dez) poetisas - já apresentadas anteriormente neste capítulo - cujo poemas de autoria delas compõem o corpus da pesquisa. Definidas as autoras, realizamos o levantamento dos poemas. Durante a coleta dos cordéis, percebemos que não seria possível encontrar somente nos meios impressos, visto que, contemporaneamente, as plataformas/redes digitais têm sido um suporte de publicação da literatura, sobretudo, de cordel. Tratando sobre o futuro da literatura, essa realidade foi anunciada por Hayles (2009), quando apontou que “a literatura digital será um componente importante do cânone do século XXI. Mais acertada do que possa parecer, essa previsão baseia-se no fato de que quase toda literatura contemporânea já é digital” (Hayles, 2009, p.163). Nesse sentido, “a textualidade impressa e a eletrônica se interpenetram profundamente” (Hayles,

2009, p.163). Sendo assim, consideramos para coleta dos dados, os meios híbridos de publicação: impresso e digital.

Partindo disso, para recolher os poemas acessamos acervo pessoal, bibliotecas, livros, folhetos, coletâneas publicadas, blogs, sites, Instagram e Youtube, e formamos o corpus do trabalho para leitura e análise das produções poéticas. Recolhemos, ao todo, 339 poemas das 10 cordelistas que compõem este estudo.

Após a leitura desse acervo, selecionamos 178 textos. Para seleção dos poemas, lançamos mão do modelo de categorização apresentado por Bardin (2016) que ao tratar sobre esse procedimento, lembra que “a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos” (Bardin, 2016, p. 74). Nesse sentido, classificar em categorias acontece após a investigação do que cada um deles tem em comum com outros. O que vai permitir seu agrupamento é a parte comum existente entre eles. No caso deste trabalho, utilizamos o critério de categorização semântico, visto que, organizamos os poemas em categorias temáticas. Após esse agrupamento, construímos quadros e gráficos, explicitando os temas presentes na poesia de autoria das poetisas selecionadas para este estudo.

É importante esclarecer que consideramos literatura de cordel/folhetos, todos os poemas apresentados neste estudo, levando em conta a estrutura das estrofes, que são sextilhas, setilhas e décimas. Algumas construídas em setissílabas ou redondilha maior e outras em decassílabos -formato mais presente na cantoria - mas que também comparece em folhetos da literatura de cordel. Ainda concebemos que os poemas líricos ou narrativos, constituídos nesse formato poético também podem, numa visão contemporânea, serem considerados literatura de cordel, sem nos prendermos à ideia de quantidade de estrofes estabelecidas pelos conceitos primeiros dessa forma literária.

Por fim, para compor a antologia temática, selecionamos poemas que pudessem ser lidos na sala de aula. A respeito de antologia, como subsídio para leitura em sala de aula, “o objetivo é oferecer um suporte para a formação do leitor de poesia, a partir de nossa tradição, que ostenta tanta riqueza poética” (Pinheiro, 2017, p. 217). Organizamos cinco blocos temáticos: “sertão”, “amor”, “mulher”, “metalinguagem” e “político – social”. Com base nos poemas, construímos sugestões de abordagens de leitura de poesia, em cada temática, para sala de aula.

Numa abordagem comparatista, convocamos outros textos para dialogarem com os poemas apresentados na antologia. Nessa perspectiva, pensar no comparatismo é conceber que

o texto tem a “possibilidade de mover-se entre várias áreas, apropriar-se de diversos métodos” (Carvalho, 2003, p. 15). Quanto à proposta comparativa, “acreditamos que ela estimula a descoberta, a percepção do que é específico e do que é partilhado por vários poemas” (Pinheiro, 2017, p.217). A antologia, nesse caso, pode potencializar um contato com uma diversidade de poemas de temáticas e autores distintos.

No que concerne à organização deste trabalho, ele está estruturado em três capítulos. No primeiro: “As vozes das cordelistas/ Na história do folheto”, apresentamos um percurso histórico, iniciado com os primeiros registros da literatura de folheto no Nordeste, evidenciando a relação sutil entre a literatura de cordel portuguesa e a produção nordestina.

Ainda, nesse capítulo, discorremos sobre a oralidade como forma inicial das primeiras produções dessa literatura no Nordeste, bem como, os primeiros registros em folhetos, ainda, predominantemente, masculinos. Discutimos, também, sobre a invisibilidade da mulher na literatura e os primeiros registros de autoria feminina na literatura de cordel. Por fim, chegando ao Sertão do Pajeú, traçamos um percurso da presença da mulher nesse processo de produção poética, apresentamos um levantamento das cordelistas da região e a seleção das autoras que compõem o corpus da pesquisa. Para isso, dialogamos com Abreu (1999), Telles (2001) Queiroz (2006), Perrot (2019), Gotlib (2003), Romanelli (2014), Polesso e Zinani (2010), Santos (2006), Luyten (2003), Lemaire (2020), Mendonça (1993), Macedo e Silva (2021), Grisi (2021), Ramalho (2018) e Almeida (2019).

No capítulo seguinte: “O que escreve a mulher/ Do Sertão do Pajeú?” realizamos a análise dos dados de nossa pesquisa, identificando temáticas e procedimentos presentes na poesia de autoria das cordelistas do Sertão do Pajeú. Nesse processo, organizamos os poemas por categorias temáticas, construímos quadros e gráficos, evidenciando as ideias presentes nos poemas selecionados. Quanto aos temas recorrentes nos textos das autoras, destacamos “amor”, “sertão”, “mulher”, “metalinguagem” e “político – social”.

Ainda nesse capítulo, fizemos uma breve discussão sobre esses assuntos abordados, apresentamos os gráficos e discutimos a recorrência de ideias presente nos poemas selecionados. Por fim, considerando a relevância das temáticas identificadas, escolhemos estes três temas: “mulher”, “metalinguagem” e “sertão”, bem como, um poema relacionado a cada um, de modo que, tecemos comentários sobre eles, considerando as imagens, procedimentos e condição do eu lírico ou narrador na construção do poema. Para embasar a discussão, recorremos a Hooks (2023) e Lerner (2019), para tratarmos a temática “mulher”; valemo-nos

de Alves (2009) e Ferreira (2013) para tratarmos sobre o tema “Sertão”; sobre a “metalinguagem”, lançamos mãos de Ceia (2010), Bosi (1977), Jakobson (1975), Bachelard (1985) e Valéry (1991) e, à luz de Tavares (2005), discutimos sobre os procedimentos formais presentes nos poemas.

No último capítulo: “Antologia das vozes/ Das mulheres do Sertão”, tratamos sobre a contribuição das antologias na formação de leitores, embasada por Pinheiro (2017) e Alves (2023). Em seguida, apresentamos a seleção de poemas de autoria das cordelistas que compõem o corpus da pesquisa. Para organizar a seleção dos textos, procuramos contemplar as diversas temáticas presentes na produção poética de autoria das poetisas, que pudessem contribuir em uma abordagem de leitura na escola. Ainda neste capítulo, propomos sugestões de leitura desses poemas na sala de aula. Do ponto vista metodológico, lançamos mão de Bajour (2012), abordando a conversa literária, como proposta de leitura; Rouxel (2014), apontando a leitura subjetiva na formação do leitor literário; Marinho e Pinheiro (2012) e Pinheiro (2018; 2024), embasando as sugestões de leitura de poesia na escola.

Por fim, nas “Considerações finais”, apresentamos as possíveis contribuições que a pesquisa e a proposta de abordagem de leitura de poemas podem trazer para as discussões sobre a literatura de cordel de autoria feminina, como contribuição para a formação do leitor literário na sala de aula.

## 2 AS VOZES DAS CORDELISTAS / NA HISTÓRIA DO FOLHETO

Neste capítulo, apresentamos uma reflexão sobre a chegada da “literatura de cordel” no Nordeste e discutimos sobre a afirmação de que a produção lusitana é a matriz da literatura de cordel nordestina, concepção defendida por muitos estudiosos. Embora a pesquisa seja voltada à produção das cordelistas do Sertão do Pajeú - PE, entendemos que é necessário revisitar a história e traçar o percurso dessa forma literária, bem como, perceber o momento em que a mulher começou aparecer nos registros da literatura de folhetos.

Além disso, tratamos sobre a relação da oralidade e da escrita, como formato inicial na composição dos poemas, abordando, também, a estrutura formal predominante no Nordeste. Ainda, discutimos a invisibilidade da mulher na literatura, neste contexto, e as primeiras aparições da voz feminina na literatura de cordel. Por fim, apontamos a trajetória da voz da mulher cordelista no Sertão do Pajeú, região localizada em Pernambuco, apresentando um levantamento das cordelistas, cujas obras são objeto de estudo desta pesquisa.

### 2.1 O QUE O NORDESTE PRODUZ/ TEM A VER COM PORTUGAL?

Ao longo da história, os registros que tratam sobre a literatura de cordel no Nordeste remetem-na à origem portuguesa, como fonte principal das produções nordestinas. Alguns pesquisadores - sem haver realizado uma pesquisa documental considerando aspectos formais ou de conteúdo - apresentam uma cadeia de dependência entre a produção do nordeste brasileiro e a de Portugal. E essa ideia tem servido de fundamento de diversos trabalhos que abordam a temática.

A exemplo disso, Diegues Júnior (1993) diz que se têm atribuído às folhas volantes lusitanas a origem da nossa literatura de cordel e que inclusive, o próprio nome consagrado entre nós é também usual em Portugal. Ainda seguindo essa mesma linha de pensamento sobre a origem da literatura de cordel nordestina concedida a Portugal, Queiroz (2006) diz que

A origem de nossa Literatura de Cordel remonta à Idade Média, ligando-se à poesia trovadoresca portuguesa. Assim como os poetas medievais iam de burgo em burgo, castelo em castelo, os poetas cordelistas nordestinos iam de uma feira a outra, ou visitando as cidades, seguindo ciclos de festas religiosas ou acontecimentos importantes. A atividade poética cultural na Idade Média era exercida por poetas de classes sociais diversas, que recebiam nomes específicos, de acordo com sua região e o tipo de função que exerciam. Hierarquizados socialmente, recebiam denominações:

como trovador, jogral, menestrel e segrel, de acordo com suas produções (Queiroz, 2006, p. 21).

No entanto, Márcia Abreu (1999), em sua obra: *História de Cordéis e folhetos* através de pesquisa realizada durante 10 anos, aponta as diferenças entre a literatura de cordel portuguesa e a literatura de folhetos do Nordeste do Brasil. Nesse trabalho, a autora apresenta um estudo relevante que desmistifica a ideia construída, culturalmente, assimilando a origem da literatura de cordel nordestina a Portugal. Os pesquisadores portugueses acreditam que a primeira é fonte e matriz da segunda, como apresenta Abreu (1999)

Os estudiosos tanto em Portugal como no Brasil têm estabelecido uma relação de dependência entre a produção nordestina e a lusitana. Alguns formulam a hipótese de maneira genérica como Manuel Diegues Júnior, dizendo que “tem atribuído às folhas volantes a origem da nossa literatura de cordel.” Outros, mais categóricos, afirmam uma “origem ibérica” “incontestável”. Todos concordam que o material português sofreu alterações em contato com a realidade brasileira (Abreu, 1999, p. 17).

Todavia, é possível, com base na pesquisa de Márcia Abreu (1999), apresentarmos diferenças sobre a hipótese da origem da literatura de cordel no Brasil. A primeira dissidência existente entre a produção de cordel nordestina e lusitana dá-se pela terminologia atribuída a essa forma literária. Em Portugal, no século XVI, a produção e publicação das narrativas é denominada “literatura de cordel”. No Nordeste, desde o início das produções, deu-se o nome de “literatura de folhetos”. A expressão “literatura de cordel nordestina” passa a ser empregada pelos estudiosos somente a partir de 1970, importando o termo português, em que lá era empregado popularmente.

Outro aspecto muito importante que apresenta diferença entre a literatura cordelista do Brasil e Portugal é a uniformidade, pois, “diferentemente da literatura de cordel portuguesa, que não possui uniformidade, a literatura de folhetos produzida no Nordeste do Brasil é bastante codificada.” (Abreu, 1999, p. 73). É importante destacar que a denominação de “cordel”, em Portugal, está associada à forma como acontecia a exposição para vendas, onde os folhetos eram pendurados em barbantes ou cordéis para que o público visualizasse para efetuar a compra. Os folhetos eram também conhecidos como “literatura de cego”, denominação dada pelo fato de alguns

portadores de deficiência visual terem sido, por muito tempo, vendedores exclusivos dos folhetos, bem como de breviários, jornais e livros de oração.<sup>3</sup>

Em relação à definição da literatura de cordel em Portugal, há um impasse. As diversas tentativas de defini-la estão associadas às características físicas dos folhetos e ao jeito de comercializá-los e não, pela forma, temática e conteúdo que compõem a produção. Existe, pelos críticos, uma tentativa de se elencar as temáticas que compõem a literatura de cordel portuguesa, mas pela extensa diversidade, não é possível fazê-la. Sendo assim, definir uma produção literária considerando apenas locais e estratégias de venda, bem como dimensões tipográficas, é preocupar-se com elementos externos e superficiais que compõem a obra, em detrimento da composição de conteúdos e temáticas.

Outra diferença existente entre a produção nordestina e lusitana é o gênero e a forma. Enquanto o cordel português abarca autos, peças teatrais, hagiografias, sátiras, notícias, além de poder ser escrito em prosa, verso ou forma de peça teatral, sem manter uma uniformidade, a literatura de cordel nordestina, é codificada com um tratamento mais uniforme, tanto no que se refere ao conteúdo, quando à forma.

No Nordeste, tratada como literatura de folhetos, essa forma literária ganha espaço nas apresentações de cantorias e desafios<sup>4</sup>, com formas fixas de construção das estrofes que apresenta uma melhor compreensão do ouvinte. Diferentemente de Portugal, que cartas, romances e peças teatrais eram considerados literatura de cordel, a exemplo das produções de Gil Vicente, consideradas as primeiras publicações lusitanas. Sobre isso, Abreu (1999) diz que

As apresentações orais de narrativas de poemas, charadas, disputas não são peculiares ao Nordeste brasileiro. Todos os povos as conhecem, principalmente aqueles nas quais a cultura escrita não é dominante. Índios, negros e portugueses contavam histórias e faziam jogos verbais oralmente, não sendo, portanto, de estranhar que esta prática tenha se difundido por todo o Brasil, assumindo, entretanto, formas específicas de cada região. No

---

<sup>3</sup> Cesariny (2004) apresenta na obra: *Horta de literatura de cordel* um conjunto de textos, que inclui narrativas em prosa, trovas e outros gêneros, considerados folhetos da literatura de cordel em Portugal. Ao todo, o livro contém 50 folhetos dos séculos XVII, XVIII e XIX.

<sup>4</sup> É um duelo de habilidades, uma disputa em que existe a possibilidade de um vencido e um vencedor. Nos chamados tempos heroicos da cantoria, durante o século 19, grande parte das cantorias eram os chamados desafios, uma disputa declarada que muitas vezes se transformava numa guerra sem quartel entre os poetas e suas torcidas. (Tavares, 2016, p. 12)

Nordeste têm grande relevância as cantorias, espetáculos que compreendem a apresentação de poemas e desafios (Abreu, 1999, p.73).

Em vista disso, é possível dizer que, o que tem em comum é a fórmula editorial do cordel, termo utilizado por Chartier (1988) e retomado por Abreu (1999), cujo modelo oportunizou a divulgação de textos de gêneros e origem variados para uma população diversa, mas que não é uma criação portuguesa, pois em outros países já existiam publicações semelhantes. Não se trata, portanto, de uma modalidade literária, de um gênero literário, e sim de um gênero editorial. Talvez, por isso, as tentativas de definição considerem, enfaticamente, o aspecto material e as formas de venda dessas publicações.

Sendo assim, é possível apresentar pontos que distanciam a possibilidade de a origem do cordel nordestino ser, intrinsecamente, ligado ao cordel lusitano. Ainda segundo Abreu (1999)

Dentre as centenas de cordéis remetidos ao Brasil apenas três – *Histórias da Donzela Teodora*, *a História de Pierre e Megalona* e *a História da Imperatriz Porcina* – conheceram versões nordestinas antes de 1930, época em que a literatura de folhetos já estava consolidada, com características formais definidas, contando com centenas de obras publicadas (Abreu, 1999 p. 129).

Após a consolidação da literatura de folhetos no Brasil, no início do século XX, algumas características gráficas, composicionais, editoriais e de comercialização a um público leitor dessa literatura, demarcam características diferentes entre a produção brasileira e a literatura de cordel portuguesa. No Brasil, tanto os cordelistas, quanto a maior parte do público pertenciam às camadas populares. Os cordelistas que faziam a composição dos versos, eram proprietários de suas obras, podendo comercializá-las a editores. Em Portugal, havia os adaptadores de textos conhecidos, de domínio público; os textos dirigiam-se ao conjunto da sociedade.

Em Portugal, as narrativas eram voltadas aos nobres e cavaleiros, enquanto, no Brasil, o cotidiano do sertão e do Nordeste era o tema predominante. A literatura de folhetos do Nordeste tinha uma produção muito vinculada à tradição oral, enquanto em Portugal, a fonte de produção de cordel estava totalmente ligada à cultura escrita. Portanto, há grandes divergências na literatura de cordel nordestina e lusitana, entretanto, ganha destaque a que diz respeito à produção textual, em que as



características peculiares da produção nordestina esclarecem o que é esta forma literária.

Logo, pressupomos, então, que a origem da literatura de cordel nordestina tenha sido concedida a Portugal, considerada a relação de colonização entre os países, de forma que houve uma naturalização da ideia de que, quem coloniza é quem oferece cultura, língua e literatura. É a naturalização do Brasil – colônia, em que tudo que se produz tem uma influência do colonizador. A relação de interdependência, que rotula e diminui a importância do que se é feito, sempre agregando a quem teria o poder de influenciar na cultura ou na produção de quem, supostamente, é inferior e dependente. Sobre isso, Abreu (1999) diz que

Apropriando-se do modelo interpretativo que vincula a produção intelectual dos países colonizados e periféricos a um original desenvolvido nos grandes centros, os folcloristas e críticos buscam identificar as produções culturais brasileiras a similares europeus. Uma visão eurocêntrica, menos ou mais presente, faz com que só se consiga conceber a criação de novas formas – sejam elas literárias, políticas, de comportamento, ou outras quaisquer – partindo dos grandes centros (Abreu, 1999, p. 126).

Nessa discussão, uma questão muito importante a considerar é que não foi Portugal, somente, que apresentou a forma literária que define a literatura de cordel. Enquanto o território lusitano propagava essa literatura, outras províncias, países, continentes, também, comercializavam e apresentavam os folhetos, servindo-se das mesmas formas utilizadas por Portugal. Segundo Marques e Silva (2020)

Antes de se reinventar no Nordeste brasileiro, no final do século XIX, a literatura de folhetos, dita de cordel, vinha correndo “as sete partidas do mundo”, ou os “quatro cantos do mundo” como preferem os nordestinos. Na Itália, sobretudo nas províncias do Sul, vendedores ambulantes, à maneira de mascates, saíam vendendo folhetos, os chamados “libretti muriccioli”. [...] Na França, por volta dos séculos XVI e XVII, predominaram os livrinhos da Biblioteca Azul e a literatura de “colportage”, impressos em formato similar aos folhetos italianos. Seguindo essa mesma tradição, na Espanha, desatacaram-se os “pliegos sueltos” e, em Portugal, as folhas volantes ou literatura de cordel (Marques; Silva, 2020, p.21).

Portanto, vale refletir que, se diversos países viviam o advento dessa forma literária, qualquer outro país poderia influenciar a produção de cordel nordestina e, não somente Portugal. Então, pensar que a literatura de cordel lusitana seria a única matriz

da produção do Nordeste - sem estudos robustos que comprovem isso - é alimentar o preconceito e a relação de submissão entre colonizado e colonizador.

### **2.1.1 De onde vem o cordel? / Do oral para o escrito**

No Nordeste, no final do século XIX e início do século XX, surgem as práticas orais da produção da poesia nordestina: as cantorias<sup>5</sup> de violas, em que os poetas cantavam histórias, em versos. Os primeiros movimentos dessa produção literária surgem no interior do Nordeste. Nos primeiros anos da história, não há registros dessas práticas no Brasil, mas, segundo Abreu (1999), algumas notícias de cantorias oitocentistas foram conservadas. Informações e trechos de poemas guardados na memória e resgatados em entrevistas marcam a história dessas ações poéticas. No entanto, é possível demarcar algo muito importante que é a força da oralidade dessa produção, tanto na composição, quanto na transmissão do que foi, na época, produzido.

Tratando sobre a origem da literatura de folhetos no Nordeste, a serra da Teixeira, no estado da Paraíba, é o lugar onde nasceu quem é considerado o primeiro poeta da tradição da cantoria de viola, Agostinho Nunes da Costa, que viveu entre 1797 e 1858. Se havia cantadores antes dele, não houve um registro que possa assegurar esse fato. Foi no Sertão da Paraíba, onde surgiram os maiores nomes da cantoria do século XIX. Além dos filhos de Agostinho Nunes - Nicandro e Ugolino – fizeram história: Romualdo da Costa Manduri, Bernardo Nogueira, Germano da Lagoa, Francisco Romano, Silvino Piruá. Ficaram conhecidos como grupo do “Teixeira” e foram responsáveis pelas composições poéticas da época. Mesmo sem ser cantadores, Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista – pioneiros na impressão de folhetos compuseram o grupo. Essa origem talvez explique o percurso poético do Cariri paraibano e sertão pernambucano, que é permeado de poetas até os dias atuais.

Fora da serra, mas ainda na região Nordeste, outros poetas cantavam e fortaleciam a tradição da poesia: Inácio Catingueira, Cego Sinfrônio, Manoel

---

<sup>5</sup> A cantoria de viola nordestina, também conhecida como repente, é uma das muitas manifestações da cultura popular encontrada no Nordeste. [...] Seus produtores – conhecidos como cantadores, repentistas ou violeiros – não devem ser confundidos com outras categorias de poetas populares [...] os repentistas apresentam-se em locais previamente delimitados. [...] configura-se como um sistema em processo no qual se articulam os repentistas e o público, em cuja dinâmica surge a produção poética. (Ayala, 1988, p.16-17)

Cabaceira, Manoel Caetano, José Galdino da Silva Duda, Neco Martins, Manoel Carneiro, João Benedito, João Melchíades, Cego Aderaldo. Segundo Abreu (1999)

Estes cantadores apresentavam-se nas casas-grandes das fazendas ou em residências urbanas, em festejos privados ou em grandes festas públicas e feiras. Alguns permaneciam nos locais que residiam – suas “ribeiras” – aguardando a chegada de um oponente; outros percorriam o sertão, cantando versos próprios ou alheios, apresentando-se sozinhos ou em dupla (Abreu, 1999, p.75).

A maioria dos poetas dependiam exclusivamente da memória para formularem as estrofes, visto que eram analfabetos. Quanto a isso, eles não escondiam em seus embates. Cascudo (1984) publica uma estrofe de um poeta, falando que não sabe ler:

Inda eu caindo dos quartos,  
Fico seguro na mão...  
Trato bem pra ser tratado  
Carrego esta opinião  
Embora sem saber ler,  
Governou todo o sertão!... (Cascudo, 1984, p. 143)

Somente no final século XIX, a produção poética da cantoria começou a se tornar impressa e as publicações dos registros poéticos em cordel começaram a surgir. Leandro Gomes de Barros<sup>6</sup> foi o responsável pelo início das publicações regulares de cordéis, em 1893. Não se sabe se antes dele, algum poeta tornou poemas impressos.

O fato da não publicação talvez se justifique, porque, na verdade, ao longo da história, para manter o suspense ao declamar os poemas nas feiras, muitos poetas preferiam não publicar, e assim mantinham o registro em cadernos. Seria a forma de prender a atenção do público, somente fazendo uso da oralidade. Na sua pesquisa Abreu (1999) fala que, apesar de resistências, a publicação de folhetos começou a ganhar importância e que, ao menos vinte e três autores publicaram alguns de seus poemas sob a forma de folhetos, até 1930.

Alguns poetas que moravam na zona rural, tiveram pouca instrução, porém dentre eles, havia os que eram autodidatas ou aprendiam com a ajuda de parentes ou conhecidos. Dentre os que seguiram os passos de Leandro de Barros e publicaram folhetos de cordel, destacamos Francisco das Chagas Batista e João Martins de

---

<sup>6</sup> Leandro Gomes de Barros, nasceu em 1865, em Pombal, no estado da Paraíba e faleceu, em março de 1918, no Recife. Em um folheto editado em 1907, o cordelista afirmava escrever poemas desde 1889.

Athayde. Francisco das Chagas, quando frequentou uma escola noturna, já havia publicado vários folhetos. João Athayde aprendeu a ler sozinho. Os poetas que conseguiam lucrar com a venda dos folhetos, mudaram-se para os grandes centros, para comercializarem melhor as suas produções.

Enquanto Leandro Gomes de Barros anunciava seu endereço para venda de folhetos, em 1911, Francisco das Chagas abriu uma loja de livros usados e folhetos. Os folhetos eram adquiridos por todas as classes sociais como fonte de lazer. Os poetas ficavam atentos ao que o público gostava de ler e mantinham as temáticas que agradavam ao leitor. Eles apresentavam trechos de seus poemas publicados nos folhetos, despertando o interesse do público para adquirir e continuar a história. Mantendo as regras formais e as temáticas conhecidas, segundo Abreu (1999), não existiam marcas claras de um estilo individual que permitissem diferenciar um poeta do outro, ou determinar, com segurança, a autoria dos textos. Abreu (1999) afirma que

Dentre os primeiros autores, ganharam evidência Francisco das Chagas Batista – que começou a publicar seus poemas em 1902 –, João Martins Athayde – em 1908 – e o próprio Leandro Gomes de Barros. Eles foram os fixadores das normas de composição de folhetos que até hoje se seguem, abrindo todas as vias trilhadas posteriormente (Abreu, 1999, p. 98).

Portanto, diante dessa contextualização, é possível compreender que a literatura de cordel no Nordeste tem, de fato, uma origem pautada na oralidade, nas cantorias de viola, e que, somente depois, o folheto de cordel esteve presente nas feiras, nas festas, sendo a grande atração cultural e de lazer do povo da época e que, de forma diferente, faz-se presente até os dias atuais.

Certamente, até o final do século XIX, as cantorias eram, predominantemente, compostas dentro de uma forma fixa: quadras setessilábicas, rimando em ABCB. Segundo Abreu (1999), essa talvez tenha sido a grande contribuição lusitana para a literatura de folhetos nordestina, pois esse tipo de estrutura poética é a forma popular por excelência em Portugal.

No entanto, essa forma não se tornou predominante no Brasil, pois há registros que Silvino Pirauá de Lima utilizou a sextilha, para compor seus versos. A estrofe de Rodolfo Coelho Cavalcante afirma a introdução da sextilha por Pirauá na nossa literatura:

No começo da poesia  
 Popular hoje Cordel  
 Era em quadras, realmente,  
 Que usava o menestrel,  
 Mas Silvino Pirauá  
 Um novo sistema dá  
 De maneira mais fiel.

Repetindo os últimos versos  
 Da quadra forma sextilha  
 Cuja estrofe mais completa  
 Na melodia mais brilha,  
 Foi assim que começou  
 E depois continuou  
 Se aceitando a setilha. (Abreu, 1999, p. 85)

Posteriormente, além de sextilha (seis versos), a setilha (sete versos) e a décima (dez versos) tornaram-se presentes na cantoria e na produção de literatura de cordel. A sextilha setessilábica é a forma predominante na literatura de cordel brasileira, ABCBDB. A sextilha – estrofe de seis pés - é a forma popular dos desafios e dos romances publicados em todo Brasil. A setilha tem uma construção composta por rimas em ABCBDDDB que dá uma beleza rítmica a estrofe quando lida ou cantada, sendo uma forma de produção de muitos poetas. A décima é composta no formato de ABBAACCDDC, que pode ser construída em setissílabas ou decassílabas<sup>7</sup>.

Quanto às formas da cantoria utilizadas por poetas – em sua diversidade - que conduziram à produção de cordel, Abreu (1999) diz

Outras formas – sempre fixas – foram sendo incorporadas. Dentre elas, a de maior aceitação, tanto em pelejas, quanto em narrativas, foi a estrofe de sete versos setessilábicos com rimas ABCBDDDB. Nos desafios, como recursos para exibição de destreza poética ou com tentativa de dificultar a resposta do oponente, surgiram o martelo (décimas em redondilhas menores) o galope a beira-mar (décimas em decassílabos, cujo último verso deveria terminar em “beira-mar”) (Abreu, 1999, p. 89).

Portanto, consideramos que a literatura de cordel nordestina tem características próprias, tanto de forma, quanto de temáticas abordadas. Geralmente, os poemas produzidos por cordelistas nordestinos trazem temáticas relacionadas às coisas do nordeste/ sertão, mantendo as formas estruturadas de estrofes, com rimas e métricas regulares e sequenciadas, de forma

---

<sup>7</sup> Há que se chamar a atenção de que existem vários modelos de sextilha, setilha e decimas e não apenas estes dois predominantes na hoje consagrada Literatura de cordel.

que seguem a tradição dessa produção literária na região do Nordeste. Após apresentarmos uma abordagem sobre a origem da literatura de cordel nordestina, passaremos para o próximo tópico, em que discutiremos a invisibilidade da autoria literária feminina, sobretudo na literatura de cordel.

## 2.2 A MULHER É OCULTADA/ NA NOSSA LITERATURA

Em uma sociedade patriarcal e colonial, a mulher brasileira vivia em condições de submissão, à margem das decisões. Excluída e oculta da sociedade, ela não tinha voz, nem autonomia para falar e ser ouvida. Até o início do século XX, poucas foram evidenciadas e puderam ser autoras de seus próprios escritos. Imposta pela sociedade, a mulher era impossibilitada de se alfabetizar, devido à condição de restrição à educação. Segundo Perrot (2019), o fato de as mulheres serem menos vistas no espaço público, por ficarem confinadas em famílias, ficaram invisíveis e assim, foram destinadas à obscuridade, fora do tempo e dos acontecimentos.

Nesse sentido, pelas condições de analfabetismo e limitação à autoria, pouco se sabia sobre o que sentiu a mulher da época, posto que eram, em sua grande maioria, ocupadas pelo dia a dia e a luta para sobreviver. Telles (2001) aborda que a mulher foi excluída de uma participação efetiva na sociedade, bem como de exercer cargos e assumir a condição de manter sua própria sobrevivência, impedida, também, de ter acesso à educação.

Na literatura em geral, quando registrados – pelo fato de ser negada sua autoria – os escritos eram associados ao que viviam no cotidiano e vivência doméstica, cujos temas eram tratados sem importância por quem tinha acesso.

Luccock (1951) em suas viagens pelo Brasil, em 1808, observando a rotina das mulheres, registrou que “estava assentado que o saber ler para elas não devia ir além do livro de rezas, pois isso lhes seria inútil [...] nem desejava que escrevessem, a fim de que não fizesse um mal uso dessa arte” (Luccock, 1951, p. 75). Dialogando com essa ideia, Telles (2001), alega que a possibilidade de criação da escrita tornou-se privilégio dos homens, cabendo às mulheres apenas os afazeres de casa, constituição da família e nutrição. Considerando esse quadro de segregação, fica claro que a mulher era um ser invisível socialmente e que suas ações se limitavam, apenas, aos redutos domésticos.

Tratando sobre o contexto de cultura colonial no Brasil, em que não se podia fundar universidades e o analfabetismo era predominante, a pesquisadora Gotlib (2003) ressalta que

... os textos feitos por mulheres, se existiram, devem ter circulado oralmente: se assim foi, encontram-se na tradição da poesia e cantos populares, território de cultura que merece ainda cuidadosa investigação. Outros textos por elas escritos fariam parte de um contexto de cultura bem específico: o espaço doméstico registrado nos livros de receitas, diários, cartas, simples anotações, orações, pensamentos, lista de deveres e obrigações, que também, efêmeros, quase na sua grande maioria, desapareceram (Gotlib, 2003, p.16).

Certamente, as mulheres enfrentaram grandes desafios no processo das primeiras letras, perante uma sociedade sexista, que considerava desnecessário que elas soubessem ler e/ou escrever. Embora ao longo do processo obtiveram conquistas nos inúmeros campos de conhecimento e da vida social, persistiram ainda os nichos patriarcais de resistência.

Quanto à produção literária, pela ausência de valorização da autoria feminina, muito da autoria literária da mulher ou em outros segmentos pode ter se perdido, levando em conta o contexto de produção de uma sociedade dominante e patriarcal, que não a conceituava como um ser pensante, negando seus direitos, bem como, a possibilidade de construção de sua identidade intelectual.

Romanelli (2014) discute a exclusão feminina na literatura como um movimento proposital e político, com consequências bem presentes em nossa realidade. Segundo a autora

Ao longo do tempo, as escritoras foram sistematicamente excluídas do cânone literário. [...] não que as mulheres não escrevessem. Aquelas poucas que tinham o privilégio de serem alfabetizadas escreviam cartas, e algumas mais do que isso, mas não compartilhavam e muito menos publicavam seus escritos, com algumas exceções, e mesmo assim muitas usavam pseudônimos masculinos. [...] Mesmo com todas as dificuldades e amarras relativas ao seu gênero, muitas mulheres foram capazes de escrever, mas suas obras foram esquecidas no tempo (Romanelli, 2014, p. 15).

Portanto, refletir sobre a condição da mulher no século XIX, tolhida de seus direitos, à margem da sociedade e à sombra da invisibilidade, permite-nos criar possibilidades que possam oportunizar discussões sobre a ocupação de espaço como criadora, escritora e mulher, capaz de contribuir com a sociedade e com a literatura e ter a visibilidade que é negada ao longo da história.

Assim, como em todos os movimentos literários, a invisibilidade da mulher, também, marca a história da literatura de cordel. Embora se tenha uma vasta produção de literatura de cordel no Brasil desde o final do século XIX, é possível perceber que é, essencialmente, de

autoria masculina. Diversos nomes, tais como, Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista, José Martins de Athaíde, Zé Pacheco, João de Cristo Rei, Silvino de Pirauá, Manoel Caboclo, Pedro Bandeira - dão início à publicação da literatura de cordel no Brasil e ilustram a bibliografia dessa forma literária. No entanto, neste registro da história, não houve espaço para a produção das mulheres, fato que não garante a inexistência de poetisas.

Do período em que surge a literatura de folhetos no Nordeste, no final do século XIX, até quase o final do século XX, pouco foi o registro de autoria feminina nessa literatura. Eram os homens que publicavam folhetos, andavam pelo sertão, cantavam e declamavam em feira, faziam cantorias de violas e tinham presença marcante em eventos culturais.

Segundo Polesso e Zinani (2010), o que acontece é que ignoradas por tanto tempo ou recebendo um papel secundário no plano cultural, firmou-se a ideia de que as mulheres não tinham produções intelectuais ou literárias de qualidade. Acreditamos que, embora convivessem neste universo da poesia - como esposas, filhas ou irmãs - enquanto poetisas, as mulheres não tiveram a oportunidade de inserir-se neste contexto e nem de ter visibilidade na sociedade patriarcal. Às mulheres, cabiam-lhes outros afazeres, como cuidar dos filhos, das tarefas de casa e da roça.

A invisibilidade feminina neste contexto cultural dificultou a possibilidade de mulheres publicarem, cantarem e divulgarem sua arte. A respeito disso, Queiroz (2006) acredita que a ausência feminina, nestes espaços, ocorreu porque, numa região patriarcal como o Nordeste, não era possível uma mulher andar nas feiras, para vender suas produções. Sobre isso, a autora diz

A forma de distribuição dos folhetos talvez seja uma das razões para a ausência das mulheres no cordel. No início do século XX até os anos 50, época áurea da literatura de cordel, o processo editorial dos folhetos encontrava-se em grande efervescência, com tiragens expressivas. Para divulgação e conhecimento de seu nome, tinha mais força a presença e a performance do cordelista, que nas feiras, nas festas de padroeiros e acontecimentos importantes lia ou declamava em voz alta os versos até o momento em que teria de parar para aguçar a curiosidade e levar os ouvintes a adquirirem os folhetos (Queiroz, 2006, p.55).

Nesse sentido, é importante destacar que o fato do homem protagonizar a literatura de cordel e, majoritariamente, existir mais homens nos eventos, não anulam a existência da poesia oral e escrita de autoria de mulheres cordelistas. É importante deixar claro que elas existiram, mas foram ocultadas, tanto no campo oral, quanto na publicação de folhetos. E, embora hoje seja possível mapear uma crescente visibilidade da mulher na produção e divulgação da



literatura de cordel, ainda assim, é preciso muito para que a autoria feminina tenha uma maior presença nesse espaço literário.

### 2.2.1 Os registros da mulher/ Na literatura oral

Embora tardiamente, no final do século XIX e início do século XX, as vozes femininas começaram a aparecer nas cantorias, porém sem constar, de forma detalhada, nos registros da historiografia. Segundo Santos (2010), os poucos apontamentos que existem da produção oral dão conta que Rita Medêro, Maria do Riachão, Chica Barrosa, Maria Tebena, dentre outras, participavam de cantorias e desafios de viola com poetas da época e podem ser primeiros registros da literatura feminina oral.

Iniciamos falando sobre Rita Medêro - nome que surge a partir de pesquisas - que era uma repentista que se consagrou no meio masculino por ser ousada e fazer versos considerando o universo dos homens, com temas relacionados à boemia, álcool e pornografia. Segundo a pesquisa de Queiroz (2006), a poetisa era muito solicitada para as festividades locais e ficou famosa tanto pela música, quanto pelo seu estilo “boêmio”, que ingeria bebida alcóolica e revolucionava o mundo masculino da poesia popular.

Sobre a cantadora de viola Maria do Riachão, são encontrados registros que pode ser uma demonstração de repentista no século XIX. Sobre isso, Luyten (2003) diz

Dentre os cantadores, porém, destacava-se uma mulher – a Maria Riachão. Cabocla jovem e bonita, no entanto, era melhor cantadora do que os seus cortejadores. Além de possuir uma voz bem timbrada, rimava com espantosa facilidade. Daí, ela dizer a todo momento que seu coração pertenceria àquele que conseguisse vencê-la num desafio. Inúmeros pretendentes tentaram a vitória, mas, inutilmente. Maria do Riachão era infernal... (Luyten, 2003, p.146).

Outra mulher, invisibilizada pela historiografia, chama-se Francisca Maria da Conceição – Chica Barrosa - uma mulher negra e repentista, nordestina, de Pombal na Paraíba. Está entre as principais cantadoras paraibanas registradas na história e que viveu entre o século XIX e início do XX. Leonardo Mota (1978) foi um pesquisador que anotou - por meio de testemunhas auriculares - a presença de algumas mulheres cantadoras. Ele destaca Chica Barrosa, que teria, segundo o testemunho do poeta Azulão, cantado com o cantador cearense Neco Martins:

– Neco, você não se esqueça  
 De que eu sou nega atrevida...  
 Eu, no dia em que me estôvo,  
 Só canto é a toda brida...  
 Meus olhos se acucurutam,  
 Fica a venta retorcida;  
 Cantado macho é bobage,  
 Não pode com minha vida.

– Barrosa tu não te exalta,  
 Tu deixa dessa imprudência,  
 Viegie que a mió virtude  
 É calma com paciência!  
 Acho que hoje eu faço aqui  
 O que dói-me a consciência [...] (Mota, 1978, p. 61).

Ainda sobre a presença da mulher na literatura oral, em algumas pesquisas surge o nome de Maria Tebana. Sobre ela, Santos (2010) aponta que a cantadora é norte-rio-grandense do século passado sobre a qual as notícias se resumem a fragmentos de desafio entre ela e Manoel do Riachão. A autora diz que, segundo pesquisas, nunca houve quem soubesse em que município e ano nasceu. Sobre a repentista, sobre ela, existe um registro de versos publicados no livro *Vaqueiros e cantadores*, em que Câmara Cascudo (2005) apresenta o seguinte duelo entre Maria Tebana e Manoel Riachão:

Senhor Manuel do Riachão,  
 Que comigo vem cantar,  
 O que é o que os olhos veem  
 Que a mão não pode pegar,  
 Depressinha me responda,  
 Ligeiro, sem maginar...

Você, Maria Tebana,  
 Com isso não me embaraça,  
 Pois é o sol e é a lua,  
 Estrela, fogo e fumaça.  
 Eu ligeiro lhe respondo,  
 Se tem mais pergunta faça [...] (Cascudo, 2005, p. 220)

Nesse contexto, destacamos duas cantadoras de viola do estado de Pernambuco, que em meados do século XX iniciaram o ofício na poesia: Mocinha da Passira, natural de Passira, localizada no agreste pernambucano e Anita Catota, natural do Sítio Riachão, São José do Egito, localizado no Sertão do Pajeú. Mocinha da Passira desde os 13 anos, já improvisava versos e participava de cantorias. Aos 16 anos saiu de casa para viver praticando seu ofício de cantadora, de modo que se tornou uma repentista profissional, fazendo duelos com diversos poetas. Até os

21 anos seu pai lhe fazia companhia nas noitadas de cantoria. Essa atitude do pai prova o quanto a sociedade e o meio da cantoria de viola é patriarcal.

Ainda sobre o percurso de cantadora de viola, em 1976, após quase 20 anos de estrada, Mocinha teve a oportunidade de registrar seus versos em um disco. Foi a única mulher repentista a participar das gravações de um marco importante para a discografia do gênero, o LP *Viola, Verso, Viola*<sup>8</sup>. O disco reuniu grandes nomes da tradição oral, como Diniz Vitorino, os irmãos Otacílio, Dimas e Lourival Batista, além de Zé Vicente da Paraíba.

A outra mulher que se tornou cantadora de viola é Anita Catota que, ainda menina, acompanhava o irmão mais velho nas cantorias. Tempos depois, acompanhada do pai, fez cantorias na região, enfrentando poetas em duelos. Diferentemente de Passira, Catota abandonou as andanças da viola, após o casamento, trocando o ofício do verso para cuidar dos filhos e da casa. O tempo passou, os filhos cresceram, mas ela não retornou às cantorias. Em entrevista para a organização do livro *O Rio que passa*<sup>9</sup>, a poeta diz que se sente frustrada por não ter seguido a vida na poesia de improviso

Sobre mulheres repentistas que, mesmo diante do silenciamento imposto pelos ideais patriarcais na literatura de cordel, conseguiram erguer a voz, Lemaire (2020) reflete que

São vozes de “heroínas”, mulheres “feministas” que cada uma na sua época e no seu contexto social e político – e apesar das reações às vezes violentas e agressivas de homens – se posicionaram como detentoras/guardiãs e reinventoras de um *matrimônio* local, regional, até dentro dos quadros de um gênero/território tradicionalmente masculino cuja arte poética “profissional” essas mulheres também sabiam brilhantemente ilustrar (Lemaire, 2020, p.56).

Diante do exposto, é possível refletir que a mulher esteve, desde o início na literatura oral, presente em outros ramos, como ciranda, coco, benditos, canto, etc., como também, produzindo poemas, fazendo parte desse contexto. No entanto, tanto a sociedade patriarcal, quanto os registros ao longo da história contribuíram para que a produção feminina ficasse invisível e sua trajetória não tivesse o mesmo espaço que os homens. Nesse sentido, este percurso histórico silenciou a voz das mulheres e garantiu a ideia de que a literatura de cordel é tipicamente masculina. Portanto, revisitar a história e refletir sobre essa temática, é,

---

<sup>8</sup> Gravado no Estúdio Rozenblit

<sup>9</sup> RAMOS, Alexandre. **O rio que não passa**. Recife – PE: Andararte, 2013.

certamente, uma forma importante de contribuir para construir novos caminhos, rompendo com estereótipos arraigados há anos.

### 2.2.2 Surge uma voz feminina/ Na produção do cordel

Há registros de que o primeiro folheto de cordel feminino publicado no Brasil foi escrito nos anos de 1930, de autoria da paraibana Maria das Neves Batista Pimentel, no entanto, não foi assinado por ela. Filha do poeta Francisco das Chagas Batista e casada com Altino de Alencar Pimentel, Maria das Neves, com receio de não ser aceita pela sociedade como cordelista, permitiu que seu folheto fosse assinado com o pseudônimo do seu esposo, Altino Alagoano. Sobre isso, em depoimento a Mendonça (1993), a cordelista explica, naturalmente o ocorrido:

Todos os folhetos que foram vendidos na Livraria de meu pai ou que foram impressos, tinham nome de homem, eram homens que faziam, não existia naquele tempo, folheto feito por mulher, e eu, para que não fosse a única, né? meu nome aparecesse no folheto, não fosse eu a única, então eu disse:

– Eu não vou botar meu nome.

Aí meu marido disse:

– Coloque Altino Alagoano (Pimentel *apud* Mendonça, 1993, p. 70).

Essa fala de Maria das Neves demonstra o quanto a mulher se submetia à sociedade patriarcal e, o quanto o homem permitia o apagamento e a invisibilidade da autoria feminina na época. O fato de Altino Alencar não questionar e aceitar assinar um cordel que não era de sua autoria - mas de sua esposa - corrobora com a ideia de que, de fato, a voz da mulher foi silenciada e sua autoria apagada por muito tempo.

Voltando ao tema da publicação do primeiro folheto escrito por ela, o cordel foi inspirado no romance de Victor Hugo e foi intitulado com o mesmo nome da obra do autor: *Corcunda de Notre Dame*. Tratando sobre a publicação do cordel, em entrevista a Mendonça (1993), Maria das Neves disse: “Eu morava em Recife, em 1935, foi quando fiz esse primeiro folheto *O corcunda de Notre Dame*. Meu marido trouxe o romance, li e fui versando, fazendo os versos, então, eu fiz esse primeiro folheto, ele tirou um milheiro e vendeu todo.” (Pimentel *apud* Mendonça, 1993, p. 68).

Embora para muitos pesquisadores, o cordel *O violino do diabo ou o Valor da honestidade*, teria sido o primeiro trabalho de Maria das Neves Pimentel a ser publicado, a pesquisa de Maristela Mendonça (1993) apresenta trechos de entrevistas da cordelista, que

desmistifica essa ideia. Antes de escrever o cordel citado, ela já havia escrito *O corcunda de Notre Dame e O amor nunca morre*, de modo que, o cordel *O violino do diabo* é o terceiro folheto escrito e publicado. No depoimento concedido a Mendonça (1993), Maria das Neves explica como escreveu mais dois folhetos:

Depois em Maceió, [...] ele perguntou se eu não podia fazer outro, aí trouxe Manon Lescaut do Abade Prévost. Eu li o romance e comecei a versar o romance e fiz este *O amor nunca morre*. O folheto foi vendido e foi tirado segunda edição, aí foi vendido também. Aí ele disse, agora vamos fazer outro, aí eu fiz o *Violino do Diabo* de Perez Escrich. Eu li o romance e versei também. (Pimentel *apud* Mendonça, 1993, p. 68).

Então, pensando nesse depoimento de Maria das Neves, percebemos o quanto sua fala naturaliza, talvez inconscientemente, a assinatura da sua obra por Altino Alagoano. O que mais nos incomoda não é o fato dele pedir para ela escrever mais folhetos, para vender; porém, é o fato dele continuar assinando-os, reforçando a ideia de que somente homens escrevem cordéis. E perguntamos, se Altino Pimentel não tivesse permitido a ocultação da autoria da cordelista, quantas outras cordelistas teriam rompido o silêncio imposto pela sociedade?

Acreditamos que, por estar inserida em um espaço patriarcal, em que homens dominavam a publicação dos cordéis, com liberdade de viajar para as feiras, a cordelista publicou sua obra com pseudônimo, mostrando o quanto a voz feminina, desde muitos anos, é invisibilizada.

Sobre a invisibilidade da autoria feminina na literatura de cordel, Macedo e Silva (2021) apresentam a ideia de que outras mulheres escreveram, porém não publicaram – embora com um pseudônimo, como Maria das Neves – e permaneceram no anonimato. Assim, afirmam as pesquisadoras

[...] Uma característica que também podemos apontar, e que colabora para que Das Neves tenha tido a oportunidade de publicar, ainda que sob o pseudônimo de seu esposo, é a de pertencer a uma família da área, tendo em mãos todo o mecanismo para ascender a uma publicação, o que obviamente colaborou para termos o seu registo hoje e, infelizmente, podemos afirmar que não tiveram a mesma sorte outras autoras no mesmo período (Macedo; Silva, 2021, p.13).

Refletindo sobre o que dizem as autoras, que Maria das Neves teve a “sorte” de pertencer a uma família de poetas e publicar, mesmo sendo ocultado seu nome e que outras mulheres, talvez, não tiveram a mesma oportunidade. Se pararmos para pensar sobre essa afirmação, nos

indagamos se a mulher precisava e, se ainda precisa, de “sorte” para ter sua autoria publicada e reconhecida.

Ainda sobre a publicação de folhetos de autoria feminina, somente no final do século XX, especialmente nos anos 1970, algumas mulheres ganharam notoriedade na literatura de cordel. Queiroz (2006) apresenta algumas cordelistas, tais como, Vicência Macedo Maia, que publica em 1972, em Salvador (BA), o folheto *A B C da Umbanda*; Maria José de Oliveira: *Ou sou ou deixo de ser em 1977*, em Maceió (AL) 1977; Josefa Maria dos Anjos: *Briga di ponta di rua*, em Aracaju (SE) 1980; Yonne Rabello – “Trovadora Pernambucana” lança *Lampião – vagalume do sertão*, em 1982; Maria Arlinda dos Santos: *A história de Zé Fubua*, em Salvador (BA) em 1982.

Após tratarmos sobre a invisibilidade da mulher na literatura e apresentarmos os primeiros registros de autoria feminina na literatura oral e no cordel, vamos aportar no Sertão do Pajeú, *campus* desta pesquisa. Neste próximo tópico, conheçamos um pouco dessa região, reconhecida como um território que permeia a poesia, banhada pelas águas do Rio Pajeú.

### 2.3 NO SERTÃO DO PAJEÚ/ A POESIA GERMINA

O Sertão do Pajeú é uma região localizada no Sertão pernambucano, no centro-norte do estado. Essa microrregião tem uma área de 8.689,7 km<sup>2</sup> e, de acordo com a divulgação dos dados do IBGE, em 2020, tem uma população de 333.724 habitantes. Para visualizarmos essa informação, apresentamos, a seguir, o mapa de Pernambuco, com a região destacada em vermelho.

**Figura 1 - Sertão do Pajeú destacado no mapa de Pernambuco**



**Fonte:** Imagem disponível em: [www.joaozinhoteles.com.br/assessoria-de-imprensa/saude/regiao-do-pajeu-chega-a-343-casos-confirmados-da-covid-19/](http://www.joaozinhoteles.com.br/assessoria-de-imprensa/saude/regiao-do-pajeu-chega-a-343-casos-confirmados-da-covid-19/), acessada em 12 mai. 2023.

Esse território, que podemos ver na figura 1, está destacado na cor vermelha no mapa do estado de Pernambuco. Composto por 17 municípios, a saber, Afogados da Ingazeira, Brejinho, Calumbi, Carnaíba, Flores, Igaraci, Ingazeira, Itapetim, Quixaba, Santa Cruz da Baixa Verde, Santa Terezinha, São José do Egito, Serra Talhada, Solidão, Tabira, Triunfo e Tuparetama.

Apresentamos, a seguir, a Figura 2, para percebemos que o itinerário das cidades que compõem essa região, se constitui numa descida, seguindo o contorno do Rio Pajeú. Inicia-se em Brejinho, cidade que tem divisa com a Paraíba e conclui o percurso em Serra Talhada. É possível visualizar novamente, na imagem abaixo, as dezessete cidades da região do Pajeú, campus desta pesquisa.

**Figura 2 - Municípios que compõem a região do Sertão do Pajeú**



**Fonte:** Blog Santa Cruz da Baixa verde. Disponível em: [santacruzbaixaverde.blogspot.com](http://santacruzbaixaverde.blogspot.com), acesso em 24 mai. 2023.

Segundo Grisi (2021), a colonização dessa região, apresentada na Figura 2, se deu, principalmente pela Paraíba, ou seja, iniciando pela nascente do Rio Pajeú, instalada no município de Brejinho, que na época pertencia ao município de Itapetim. Sobre isso, a pesquisadora afirma que

Houve um movimento de colonização pela Bahia que chegou pela parte mais ao Sul da região, entretanto, para este trabalho, foi aquela da parte conhecida como “cabeça do Pajeú” que moldou a tradição poética, que os primeiros poetas chegam pelo atual município de Teixeira/ PB, próxima a divisa entre os estados da Paraíba e Pernambuco (Grisi, 2021, p. 48).

Sobre a descendência do nome, Pajeú é de origem indígena que deriva do tupi antigo e que significa "rio dos pajés". Nomeada em homenagem ao rio temporal que cruza todo o seu território, a região do Sertão Pajeú é marcada pela história lendária do Rio Pajeú, que recebeu

a denominação de Rio dos Poetas. O Rio Pajeú, embora temporário – carrega uma simbologia para além de suas águas, com uma potência poética que permeia o imaginário do povo da região. Sobre isso, Ramos (2013) diz que

O rio e a poesia se unem e, descendo o Pajeú os corações batem no ritmo da métrica. Talvez seja um caso bem singular onde a população se identifica a partir do vale de um rio, revelando a força do território da poesia e da relação entre ambos. [...] Sim. O Rio Pajeú é um bem cultural maior que a água que passa ou não passa por ele. (Ramos, 2013, p.6)

Esse rio tem nascente em Brejinho, juntando -se ao Riacho do Navio, município de Floresta - desaguando no Rio São Francisco - história contada pelo músico Luiz Gonzaga, na música: Riacho do Navio<sup>10</sup>. No livro *Fragments do Pajeú*, Nevinha Pires (1997) diz que

Pajeú no Dicionário Aurélio é definido como o nome de uma planta da família das Poligonáceas, mas na região é também conhecido como uma “faca longa e estreita, de ponta fina, de cabo de chifre, em forma de anéis, de cor branca e preta, também chamada pajeuzeira, bem como: faca de ponta, lambedeira, etc.” (Pires, 1997, p. 47).

Nesta imagem 3, podemos visualizar o percurso do Rio Pajeú, despontando em Brejinho, seguindo o trajeto e desaguando em Floresta, no encontro com o Rio São Francisco. Vejamos.

**Figura 3 – Percurso do Rio Pajeú**



**Fonte:** Blog Mega Sertão: O Rio Pajeú nasce na chapada de Borborema no maciço dos Cariris Velho Serra da Balança- entre (PE/PB).

<sup>10</sup> Riacho do Navio <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/47101/>



Para o sertanejo e, principalmente, para o poeta, o percurso das águas do Pajeú, apresentado na Figura 3, representa a correnteza da poesia e a consagração dos versos. Mais que um elemento na natureza, o Rio Pajeú é uma divindade. Sobre isso, Pires (1997) lembra que,

O filho do Sertão do Pajeú tem no seu rio o ícone dos poetas e menestréis, provocando degraus de cultura em seus repentistas, poetas e prosadores que falam até de suas águas barrentas que no improviso viram lenços brancos que batem forte para ecoar nas serras de onde descem os ventos que falam, rimam, cantam e às vezes amedrontam. (Pires, 1997, p. 32)

Banhar-se nas águas desse rio ou beber dessa fonte, metaforicamente, é desejo de quem admira a poesia e se embevece dos versos construídos em cada lugar às margens do Pajeú. A sede de poesia é demonstrada por quem vive nesse território ou por quem nele passeia. Segundo Pires (1997),

Nosso povo é sedento de poesia, em tudo o homem faz poesia, são valores que não foram explorados em seu potencial de inteligência com tendências natas, vieram do berço e o acompanham até o túmulo. Os poetas são verdadeiros ídolos de seu povo, às vezes, sem conhecimento técnico dos versos, mas dotados de fértil imaginação improvisam rimas que reproduzem o sentimento de cada um. (Pires, 1997, p. 31).

Quando pensamos na história do Pajeú podemos pensar que é grafada pela poesia, na memória do seu povo. Nesse sentido, a oralidade protagonizou o registro, que passado de geração em geração, perpetuou a marca de território da poesia. Da mesma forma que memorizamos cantigas, ditados populares e sabedoria dos nossos ancestrais, no Sertão do Pajeú, desde a infância, grava-se poemas – em sextilhas, sétimas, décimas e outras formas - e, passa-se para as próximas gerações, de forma que seja garantida a preservação da história e da poesia do seu povo. Segundo Almeida (2019)

A poesia sempre escreveu a história da microrregião do Pajeú. Os violeiros repentistas e os cordelistas do sertão pernambucano conduziram essa narrativa pelo mundo afora. A partir de uma cultura predominantemente oral, eles romperam barreiras sociais e limites geográficos para mostrar à poesia o lugar onde ela merece estar: na boca do povo (Almeida, 2019, p. 103).

E assim, a poesia do Pajeú é viva e corrente como as águas de um rio, renovando -se a cada invernia, através do seu povo que mantém os movimentos poéticos, alimentando a correnteza poética. No que concerne a ações de fomento para manter a tradição da literatura de

cordel presente em diversas gerações, temos alguns eventos, movimentos e projetos que contribuem para isso.

Um dos exemplos, é a cidade de Tabira, localizada na região citada, que tem uma associação de poetas constituída há 30 anos: Associação de Poetas e Prosadores de Tabira (APPTA), que fomenta ações de divulgação da poesia. Inúmeros membros fazem parte do grupo, de forma voluntária, envolvidos em atividades poéticas em toda a região. Quando fundada, a predominância era masculina, progressivamente sendo ocupada por mulheres. A APPTA, além de realizar oficinas em escolas, é a principal organizadora da Missa do Poeta<sup>11</sup>, bem como, da Mesa de glosas<sup>12</sup>.

Além de Tabira, outras cidades do Pajeú, embora não tenham associações constituídas, também realizam eventos de poesia, que contribuem para fomentar a divulgação e permanência da poesia no solo pajeuzeiro. Ingazeira realiza a “Cantilena”, Tuparetama, o “Balaio Cultural”; em São José do Egito, “A Festa de Louro”<sup>13</sup>, com uma semana poética, um tributo a Louro do Pajeú. Além disso, outros eventos acontecem nas cidades da região, promovendo a poesia.

Sigamos para o próximo tópico. Ouçamos as primeiras vozes de autoria feminina da literatura de cordel na região campus de nossa pesquisa.

---

<sup>11</sup> Evento que acontece há 35 anos, em homenagem em memória a Zé Marcolino e poetas vivos do Sertão do Pajeú. Atividade poética, em que a missa é celebrada com música e poesia. Surgiu a partir de uma homenagem a Zé Marcolino, poeta de Sumé - PB, mas residente em Serra Talhada, no Pajeú. Após sua morte em um acidente automobilístico nas estradas do Sertão, o Pe. Assis Rocha, de Serra Talhada, realizou em missa de 30 dias toda em poesia. Ao sair de Serra Talhada, o padre foi para Tabira e levou a missa para ser celebrada lá, com receio que o evento não permanecesse. E há 35 anos ininterruptos, a Missa do poeta acontece, envolvendo poetas de todas as regiões.

<sup>12</sup> A mesa de glosas tem origem nas rodas de mesas de bares no Sertão do Pajeú e no Cariri, quando terminava as cantorias, os poetas e apologistas ficavam fazendo rodadas de versos, a partir de um mote. (Ramalho, 2018, p. 17). A APPTA formalizou o evento, criando a Mesa de Glosas do Pajeú, um evento poético que acontece há 26 anos, e que começou com a participação de somente de homens, mas desde 2015 as mulheres compõem a mesa. É um momento em que os poetas, a partir de um mote (composto por dois versos), constroem, de improviso, a estrofe para concluir com o mote dado pela comissão organizadora. Cada poeta que está na mesa faz uma glosa com o mote exposto. Terminada a rodada, a comissão apresenta outro mote. E a cena se repete até terminar a rodada de motes.

<sup>13</sup> Evento em homenagem ao nascimento do poeta Lourival Batista Patriota, também conhecido por Louro do Pajeú, nascido em São José do Egito, em 6 de janeiro de 1915 e faleceu em 1992. Foi um repentista brasileiro, considerado o rei do trocadilho.

## 2.4 ECOA A VOZ DA MULHER/ NO SERTÃO DO PAJEÚ

Nos anos de 1970, algumas mulheres marcaram a história da poesia no Pajeú. Em um número pequeno, vozes como Rafaelzinha, Anita Catota, Luzia Batista, Severina Branca e Carmem Pedrosa abriram caminhos para a contemporaneidade e deixaram um pequeno registro do quanto produziram numa época em que a mulher era silenciada na literatura, sobretudo, no cordel. Segundo Almeida (2019)

Fazendo uma visita rápida as nossas memórias, verifica-se que as mulheres poetas (ou poetisas, de acordo como cada uma prefira ser chamada) desenvolveram papel fundamental na poesia da região. No entanto, poucos nomes ganharam destaque – se comparado à quantidade de homens poetas que tiveram notoriedade – pelos pesquisadores, apologistas e pela mídia. Os motivos são vários para que a ênfase tenha sido dada aos homens: a presença masculina era mais numerosa – e até hoje é – na cantoria de viola e a maior parte de títulos publicados de cordel também era assinada por homens, e assim se estendia para os recitais. Com isso, eles ganhavam mais visibilidade (Almeida, 2019, p.103).

Vamos mostrar um pequeno levantamento das poetisas que conseguiram ser vistas e alguns de seus poemas foram registrados, nas décadas de 1970. Apresentamos, a seguir, Rafaelzinha, Anita Catôta, Luzia Batista, Severina Branca e Carmem Pedrosa. Começamos falando sobre Maria Rafael dos Anjos Ferreira – Rafaelzinha, que nasceu no Sítio Serrote Pintado, São José do Egito/PE. Desde criança, teve contato com a poesia, pois seus pais eram admiradores da cantoria de viola. A poetisa foi um dos nomes mais relevantes da poesia da sua geração. Faleceu em 2004. Ela residiu em outros lugares, mas nunca esqueceu o seu chão, e por isso, a temática da saudade é presente em seus versos. Essa abordagem a deixou conhecida como “A Poetisa da Saudade”. Vejamos o que diz nessa estrofe:

Eu só não sinto saudade  
Na hora que estou dormindo,  
Quando vou abrindo os olhos  
Saudade já estou sentindo,  
Não sei que mal fiz pra ela  
Pra andar me perseguindo.<sup>14</sup>

Outra poetisa que podemos citar é Anita Lopes de Almeida, conhecida por Anita Catota, que nasceu em 1946 e viveu no Riachão, zona rural do município de São José do Egito. Ainda

---

<sup>14</sup> Poema cedido dos arquivos de pesquisa da poetisa Isabelly Moreira.

menina, acompanhava o irmão mais velho nas cantorias. Durante 14 anos, ela foi umas das duas únicas mulheres a percorrer essas e outras estradas do Nordeste para realizar cantoria, acompanhada do pai. Deixou a viola para casar-se e depois disso, não voltou a fazer cantorias, mas a poesia permaneceu em sua vida por muito tempo. Faleceu em 2019, mas deixou alguns poemas, como este:

Quando eu morrer, cada amigo  
 Me reze dez padi – nossos  
 Me leve pra sepultura  
 Para a proteção dos ossos.  
 Cubra meu caixão com terra  
 De Riachão e dos Grossos.<sup>15</sup>

Abrindo, também, os caminhos para as mulheres contemporâneas, fazemos referência a Luzia Batista, que nasceu em 1952, em São José do Egito. Fez sucesso em sua juventude nos anos 1970 e 1980, nos improvisos das cantorias, mas somente aos 66 anos publicou seu primeiro livro: “Poetisa sonhadora – versos e canções” (2018), com ajuda de Isabelly Moreira e Vinicius Gregório. Luzia só conseguiu iniciar e permanecer na poesia, graças à ajuda do pai, que a acompanhava nas rodas de versos. Mesmo assim, logo após o casamento, a poetisa encerrou o seu trabalho, deixando poemas que retratavam a condição da mulher na poesia e que abordavam o seu drama pessoal por ser analfabeta, quase cega e não pode prosseguir com a poesia. Em uma das estrofes, Luzia, explicita que não sabe ler, mas justifica, nestes versos, porque não precisa dominar a leitura,

Foi Deus e Nossa Senhora  
 Que me mandou do infinito  
 Este meu dote sagrado  
 O que mais acho bonito  
 Pra mim tudo vem do céu  
 Não preciso de papel  
 Pra ler o que está escrito.<sup>16</sup>

Autêntica, subversiva e revolucionária, Severina Gomes da Silva (Severina Branca) nasceu no povoado de Serrote Pintado (São José do Egito-PE), em 1945, indo residir posteriormente com sua família em Mundo Novo. Em sua juventude conheceu o contexto ilusório e difícil de uma realidade boêmia e de prostituição. As marcas de uma vida mundana

<sup>15</sup> Estrofe cedida por Isabelly Moreira, do seu acervo de pesquisa

<sup>16</sup> Estrofe cedida por Isabelly Moreira, do seu acervo de pesquisa.

cravaram os versos profundos que Severina carrega ao falar sobre desamores e lamentos. Ela eternizou o mote que tanto inspirou e inspira poetas: “O silêncio da noite é que tem sido/ Testemunha das minhas amarguras” (Branca, 2022). Este poema, a seguir, retrata o que viveu Severina Branca

Sou mulher de sentimentos  
 Às duas da madrugada  
 Levando a chave na mão  
 Deixando a porta trancada  
 E uma filha na cama  
 Sem esperança de nada (Branca, 2022, p. 19)

Outra poetisa à frente de seu tempo chama-se Maria do Carmo Pedrosa da Silva - Carmem Pedrosa, que nasceu em julho de 1930, no Sítio Poço Redondo – alto da Serra da Borborema - município de Tabira. Mulher negra de olhos claros, filha de agricultores, foi criada com nove irmãos, dividindo a vida entre a roça e os afazeres de casa. Teve os primeiros contatos com a poesia, em casa, nas cantorias de viola, onde seus irmãos faziam versos para reunir a família e alegrar a vizinhança. Publicou seu único livro *Vitória Régia*, em 1983. Sobre a seca no sertão, ela disse:

E a linda sabiá  
 De sede quase morrendo,  
 Canta defronte o filhote  
 Como quem canta dizendo:  
 Não tem água na represa  
 E as coisas da natureza  
 Estão desaparecendo. (Pedrosa, 1983, p 23)

É possível afirmar que outras mulheres do Sertão do Pajeú, certamente produziram poemas, no entanto, muitas foram invisibilizadas e não tiveram registros de suas autorias. Embora, pouco visíveis, é importante reconhecer que a participação e inserção da mulher no meio da literatura de cordel nas décadas passadas contribuíram para que tenhamos um maior número de mulheres que escrevem, declamam e vêm desvendando e descortinando a invisibilidade das vozes femininas da literatura de cordel.

Agora, vamos conhecer o levantamento das cordelistas do Sertão do Pajeú, bem como, a seleção das autoras, cujos poemas compõem o corpus deste trabalho.

### 2.4.1 Quais serão as cordelistas/ Do corpus desta pesquisa?

Neste século XXI, no Sertão do Pajeú, tem surgido um movimento de poesia de autoria feminina bem significativo. Progressivamente, a mulher começa assumir seu lugar, a se destacar, a ter visibilidade no cenário da poesia. Atualmente, existe um número considerável de mulheres que escrevem, publicam cordéis, improvisam e, assim, garantem a presença da mulher nos movimentos literários, ampliando a visibilidade dos seus poemas.

Ao longo dos anos, por meio de recitais realizados nas cidades do sertão, surgiu um movimento significativo e participativo de mulheres declamando nos palcos, participando de mesas de glosas e publicando as produções - sejam em folhetos de cordel, páginas do Instagram, coletâneas poéticas ou livro, mas ainda há uma invisibilidade incontestável dessas produções, na região citada. Embora, considerando uma expansão da participação da mulher na produção de literatura de cordel, na publicação de livros e inserção em eventos, a voz das cordelistas dessa região ainda não foi devidamente estudada.

Sendo assim, surgiu o interesse em pesquisar e dar visibilidade às vozes femininas da literatura de cordel do Sertão do Pajeú e para isso, percorremos as cidades que fazem parte desse território e realizamos um levantamento para selecionar o corpus da pesquisa. No que concerne ao levantamento dos dados, nas 17 cidades que compõem a região, encontramos poetisas em 12 municípios, totalizando 47 mulheres que escrevem poemas no padrão de literatura de cordel. A seguir, apresentamos a localidade em que residem e os nomes das poetisas.

No município de Afogados da Ingazeira localizamos as cordelistas: Elenilda Amaral, Erivoneide Amaral e Thaynnara Queiroz; Flores: Vivian Jenikelly; Iguaraci: Francisca Araújo; Ingazeira: Dione Nunes; Itapetim: Monique D'Ângelo, Izabela Ferreira e Dayane Lopes; Santa Cruz da Baixa Verde: Elisabeth Nunes; São José do Egito: Isabelly Moreira, Ana Clara Meneses, Maria Antonia, Vivi Maria, Anita Catota, Severina Branca, Luzia Batista, Terezinha Costa, Graça Nascimento, Roberta Clarissa, Beatriz Marinho, Simone Passos, Maria das Neves Marinho, Clenice Valadares, Rafaelzinha; Serra Talhada: Adeilza Pereira; Solidão: Milene Augusto; em Tabira: Carmem Pedrosa, Dulce Lima, Andreia Miron, Alecsandra Ramalho, Ângela Patrícia, Dayane Rocha, Wandra Rodrigues, Pepita Lins, Inês Gomes, Veronica Sobral, Rayane Brito, Simone Alves, Joana Cordeiro e Celeste Vidal; em Triunfo: Maria Helena Pádua, Mariane Alves e Elis Almeida; Tuparetama: Mariana Vêras, Mariana Teles e Adriana Souza.

Nesta pesquisa, não localizamos poetisas nos municípios de Brejinho, Carnaíba, Calumbi, Santa Terezinha e Quixaba. Acreditamos que isso não quer dizer que não há mulheres que escrevem poemas nessas localidades. Talvez seja sinal da invisibilidade da mulher na poesia que, embora escreva, no entanto não há publicação, nem notoriedade na região.

Quanto à delimitação do corpus, com base no levantamento citado, estabelecemos alguns critérios. Inicialmente, selecionamos algumas cordelistas que possuem produção na literatura de cordel, porém, as obras têm pouca visibilidade no meio acadêmico, bem como, no ambiente escolar. Ainda consideramos para a seleção, poetisas com poemas publicados em livros, folhetos, Instagram, facebook e youtube, com poemas construídos em sextilha, sétima ou décimas, aproximando-se das características formais da literatura de cordel.

Dessa forma, seguindo os parâmetros citados, selecionamos dez poetisas que têm produção em cordel, cujos poemas dessas autoras formam o corpus desta pesquisa. São elas: Alecsandra Ramalho, Andreia Miron, Carmem Pedrosa, Dulce Lima, Elenilda Amaral, Dayane Rocha, Francisca Araújo, Isabelly Moreira, Milene Augusto e Thaynnara Queiroz.

A produção poética delas nos possibilitou analisar quais temáticas e procedimentos predominam na autoria feminina da literatura de cordel no Sertão do Pajeú, cujos resultados são apresentados no próximo capítulo.

### 3 O QUE ESCREVE A MULHER/ DO SERTÃO DO PAJEÚ?

Neste capítulo, apresentamos a análise dos dados desta pesquisa. Após coletarmos os poemas, fizemos a leitura e escolha dos textos, agrupando-os em categorias temáticas. Com base nos resultados, apresentamos e comentamos os temas e procedimentos mais presentes na poesia das cordelistas. Seleccionamos três temáticas recorrentes na produção delas, a saber, “mulher”, “metalinguagem” e “sertão”, escolhemos poemas que tratam dos respectivos temas e apresentamos uma breve discussão sobre a temática e os poemas selecionados.

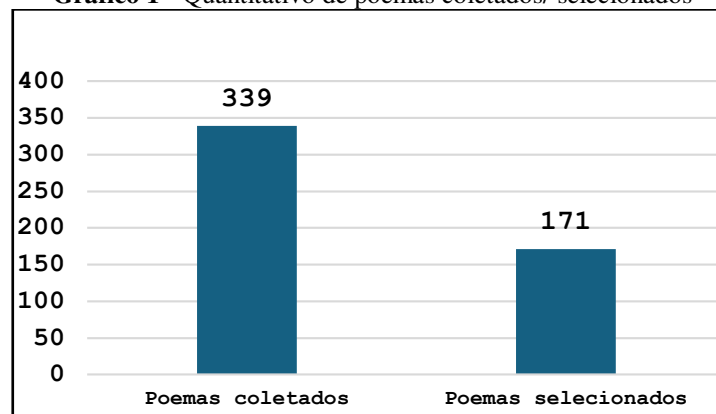
#### 3.1 TEMÁTICAS QUE PREDOMINAM/ NOS VERSOS DAS POETISAS

Para identificarmos as temáticas predominantes presentes nos poemas de autoria das (10) dez cordelistas do Sertão do Pajeú que compõem este estudo, realizamos o levantamento do material. Ao todo, recolhemos 339 (trezentos e trinta e nove) poemas. Fizemos a leitura deles e seleccionamos aqueles que respondiam às características da literatura de cordel, considerando formas e procedimentos utilizados na construção dos poemas, como por exemplo, estrofes formadas por sextilha, septilha e/ou décima, com rima e métrica.

Esclarecemos que consideramos literatura de cordel/folhetos, todos os poemas apresentados neste estudo. Mantemos neste trabalho os poemas construídos em versos decassílabos, pois - mesmo sendo um gênero muito presente na cantoria de viola - também comparece em folhetos da literatura de cordel dessa região. Acreditamos que a literatura de cordel citada no *corpus* dessa pesquisa recebe uma grande influência do repente, uma que vez que os eventos de cantoria de viola acontecem constantemente em várias cidades do Sertão do Pajeú. Ainda concebemos que os poemas líricos ou narrativos, constituídos nesse formato poético também podem, numa visão contemporânea, serem considerados literatura de cordel, sem nos prendermos à ideia de quantidade de estrofes estabelecidas para formalizar a classificação do folheto de cordel.

Com base nesses critérios estabelecidos, seleccionamos 171 (cento e setenta e um) poemas. Esse quantitativo de textos tornou-se o *corpus* de nossa pesquisa. Abaixo, apresentamos o Gráfico 1, com o número de poemas coletados e selecionados para a pesquisa:



**Gráfico 1** - Quantitativo de poemas coletados/ selecionados

Fonte: Dados da pesquisa

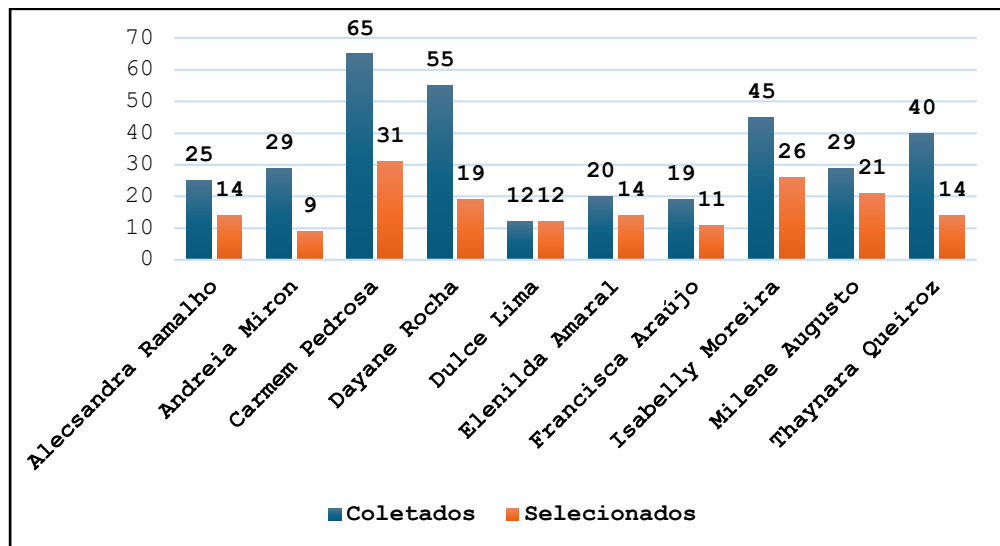
E por que não categorizamos todos os poemas coletados? Considerando o objetivo da pesquisa que é investigar, na literatura de cordel produzida por mulheres do Sertão do Pajeú, a predominância de temas, é possível entendermos o recorte que a pesquisa exige. É importante esclarecer que, embora as poetisas tenham uma predominância na escrita de poemas no padrão da literatura de cordel, algumas delas também escrevem versos livres, sonetos e quadras, que fogem do escopo de nossa pesquisa, de forma que esses poemas não foram selecionados para compor o corpus desse trabalho. No que se refere ao quantitativo de poemas coletados de cada poetisa, não definimos um número exato de textos que seriam pesquisados. Sendo assim, fizemos o levantamento do material de acordo com o acesso que tivemos, de forma que houve uma variação na quantidade de poemas de cada autora.

Dessa forma, julgamos necessário explicar como se deu o processo de coleta do corpus do trabalho. Para recolhermos os poemas de autoria das cordelistas, tivemos acesso aos livros publicados, páginas de blogs, Instagram, Youtube, bem como, o envio pelas autoras por meio de email. Consideramos, que na contemporaneidade, a literatura, sobretudo de cordel, também circula nos meios virtuais, plataformas e redes sociais e se tornaram, nessa pesquisa, um espaço de recolhimento dos poemas.

O Gráfico 2, que apresentaremos a seguir, mostra que todas as cordelistas tiveram um número considerável de poemas coletados e selecionados para a pesquisa, de modo que este material tornou robusto o corpus do trabalho.

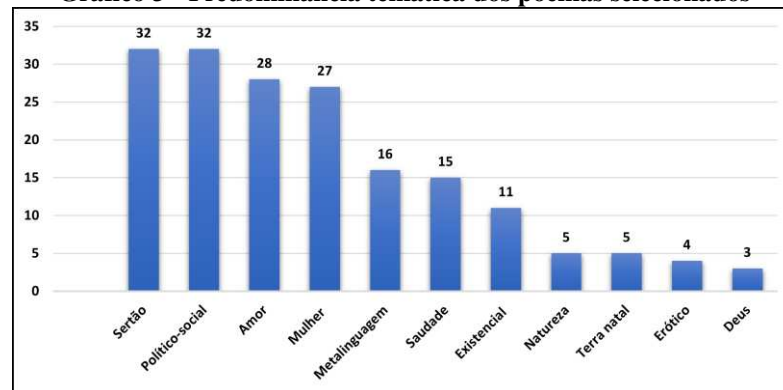
Para visualizarmos o quantitativo de poemas coletados e selecionados de cada autora, apresentamos, a seguir, o Gráfico 2:

Gráfico 2 - Quantitativo de poemas coletados e selecionados



Fonte: Dados da pesquisa

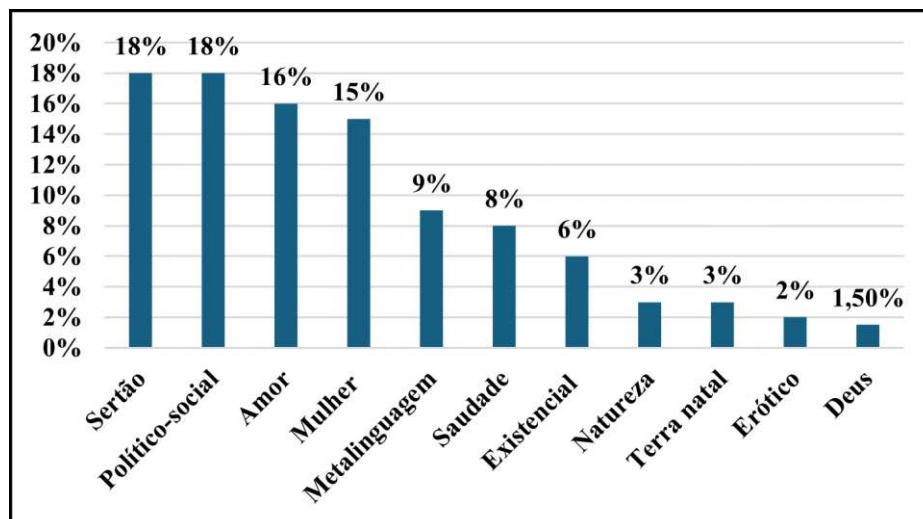
Quanto ao processo de seleção desses poemas apresentados acima, lemos, anotamos as recorrências temáticas e depois agrupamos por categoria. Para identificarmos a predominância do assunto tratado nos poemas da autoria da cordelistas, lançamos mão do procedimento de categorização apresentado por Bardin (2016) que considera que a classificação em categorias impõe a investigação do que cada um dos elementos tem em comum com outros, permitindo agrupar a parte comum existente entre eles. Com base nessa teoria, selecionamos os poemas das autoras por categoria temática e construímos quadros (ver em apêndices), especificando o título do poema, fonte em que foi coletado o texto, classificação formal (quantidade de estrofes e de sílabas métricas), de forma que conseguimos visualizar os temas predominantes na produção de cada cordelista. Com base nos quadros, agrupamos todos os poemas, de modo que visualizamos a predominância temática dos 171 poemas selecionados para a pesquisa. Mostramos, a seguir, o gráfico 3, evidenciando a predominância dos temas presentes na produção poética de autoria das cordelistas do Pajeú.

**Gráfico 3 - Predominância temática dos poemas selecionados**

Fonte: Dados da pesquisa

Analisando o Gráfico 3, podemos dizer que as temáticas: “sertão”, “político-social”, “amor”, “mulher”, “metalinguagem”, “saudade” e “existencial”, predominam na poesia de autoria das cordelistas que compõem este estudo. Ainda foi possível identificar outros - embora apareçam com uma frequência menor - como, “natureza”, “terra natal”, “erotismo” e “Deus”.

Para que pudéssemos ter uma visualização palpável, produzimos o percentual da recorrência temática presente nos poemas selecionados. A seguir, apresentamos no gráfico 4, os números dessa predominância.

**Gráfico 4 – Percentual da predominância temática dos poemas selecionados**

Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com o gráfico 4, do total de poemas selecionados, com 18% de recorrência nas temáticas, aparece o “sertão”. Sobre esse assunto, as cordelistas versejam sobre a seca, um

fenômeno que assola a região e traz consequências para quem nela vive, bem como, para os animais e a plantação. Outros subtemas recorrentes relacionado ao sertão é a chegada da chuva, a resistência da natureza, beleza dos pássaros e exaltação ao lugar em que vivem.

Destacamos que os poemas também apresentam uma abordagem político - social, com um percentual de 18% dos selecionados. Discussão sobre a fome, a situação política do Brasil e a desigualdade social estão presentes na produção poética dessas autoras. Ainda analisando o percentual apresentado, 16% abordam a temática “amor”. Nessa abordagem, alguns subtemas podem ser observados tais como, amor materno, perda amorosa, romantismo, amor utópico e amor ágape.

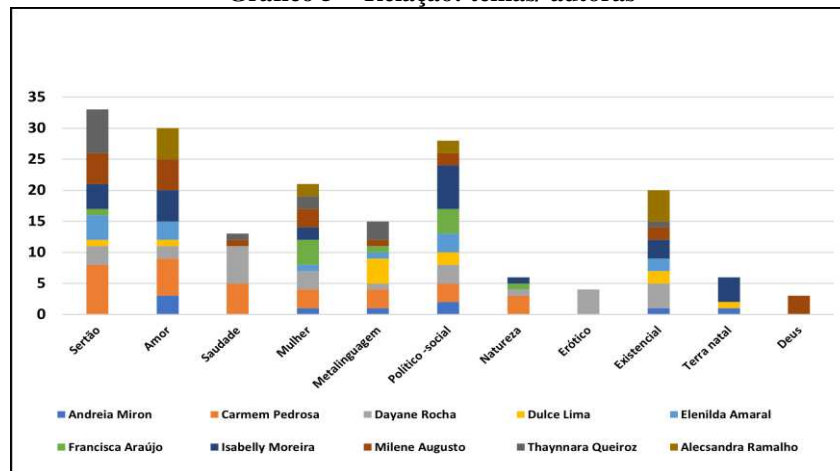
Quanto à temática “mulher”, observamos um viés de resistência, denúncia, tomada de consciência, esta temática representa 15% dos poemas selecionados para esta pesquisa. Essa abordagem rompe com o silenciamento determinado nas gerações passadas.

O assunto “metalinguagem” é muito presente nos poemas tratados neste estudo. A poesia descrita e reverenciada pela própria poesia, na voz feminina, representa 9% das temáticas identificadas. Ainda analisando a predominância temática, a “saudade” representa 8% do assunto tratado pelas cordelistas. Nesse percurso de escrita, os poemas passeiam pela saudade de um amor, de mãe, saudade póstuma e da infância.

Discorrendo sobre a vida, os sentimentos humanos, as relações entre pessoas, voltado ao tema da existência, há uma representação de 6% dessa abordagem. E por fim, entre 3% e 0,5%, aparecem as temáticas: “natureza”, “terra natal”, “erotismo” e “Deus”. Portanto, é possível perceber que 82% dos poemas das cordelistas do Sertão do Pajeú versam sobre: sertão, questões social, amor, mulher, metalinguagem, saudade e assuntos existenciais.

Outra questão que observamos, com base nos dados da pesquisa, é que as cordelistas perpassam pela maioria das temáticas quando escrevem seus poemas. No entanto, “erotismo” e “Deus” são abordados por apenas uma poetisa, em cada tema. A seguir, apresentamos o Gráfico 5 que materializa essa discussão.

Gráfico 5 - Relação: temas/ autoras



Fonte: Dados da pesquisa/2023

Como já mencionamos, é possível perceber que, no Gráfico 5, duas temáticas são abordadas por apenas uma poetisa, distintivamente. Sendo assim, “erotismo” comparece na autoria de apenas uma poetisa; falando sobre Deus, uma cordelista escreve sobre o assunto.

Após apresentarmos os dados desta pesquisa, apontando as temáticas presentes e predominantes na literatura de cordel de autoria feminina das poetisas em estudo, resolvemos escolher três desses temas apresentados. O nosso objetivo é discutir, mais detalhadamente, tanto do ponto de vista do assunto abordado, quanto de procedimentos utilizados para a construção dos poemas. Como critério para seleção, pensamos naqueles que mais estiveram presentes na produção poética das cordelistas. Sendo assim, a seguir, vamos nos deter aos temas: “mulher”, “metalinguagem” e “sertão”. Neste próximo tópico, trataremos sobre a temática: “mulher”.

### 3.2 MULHER É FORÇA PRESENTE/ NA VOZ DA PRÓPRIA MULHER

No percurso de seleção temática dos textos produzidos pelas cordelistas, encontramos 27 poemas que tratam sobre a mulher, numa visão contemporânea. As dez autoras escrevem sobre esse tema que versam desde a origem, os lamentos, a reafirmação enquanto poetisa, a força, a denúncia, a resistência e o enfrentamento ao patriarcado. Com isso, levantam a bandeira de luta contra a opressão, o sexismo e as estratégias de silenciamento da voz feminina.

Quando olhamos a história, podemos refletir sobre, de que forma, nas diversas instituições – família, igreja, sociedade - a visão patriarcal suscita o sexismo e o preconceito que inferiorizam os valores femininos, de modo que invisibilizam a voz da mulher.

Nesse mesmo viés, outra questão nos deixa pensativos: até que ponto, enquanto mulher, alimentamos e corroboramos com esse sistema que invisibiliza a voz feminina? Sobre isso, Lerner diz que “o sistema do patriarcado só pode funcionar com a cooperação das mulheres. Assegura-se essa cooperação por diversos meios: doutrinação de gênero, carência educacional, negação às mulheres do conhecimento da própria história.” (Lerner, 2019, p. 267). A respeito disso, há discussões empreendidas sobre a necessidade de uma mudança, de modo que a mulher rompa, também, com as ideias e atitudes que cooperam e fortalecem esse sistema patriarcal.

Ainda tratando sobre as ideias de Lerner (2019), ela insiste em dizer que “enquanto homens e mulheres considerarem “natural” a subordinação de metade da raça humana à outra metade, será impossível conceber uma sociedade na qual as diferenças não signifiquem dominação ou subordinação.” (Lerner, 2019, p. 280). E de fato, o pensamento da autora faz sentido, considerando que, enquanto não houver uma mudança de pensamento e postura, em que concebam que homens e mulheres têm os mesmos direitos, pouco há de mudar e a voz feminina continuará sendo silenciada e invisibilizada em diversos segmentos, sobretudo na literatura.

No que concerne às lutas pela quebra de uma visão patriarcal, pelo direito de igualdade em todos os espaços, ainda há, muitas vezes, a distorção sobre o objetivo dessas ações. Sobre isso, Hooks (2023) nos apresenta uma abordagem muito pertinente, quando diz que é necessário que os movimentos possam envolver, incluir e conscientizar a classe masculina sobre a importância de uma ação entre homens e mulheres, de modo a desmontar o sistema do patriarcado e não de um enfrentamento de gêneros.

Logo, ao nos debruçarmos sobre a literatura de cordel de autoria feminina, podemos perceber que há uma abordagem necessária sobre a condição da mulher. Desse modo, a poesia – ao assumir uma bandeira de luta, resistência e denúncia - dialoga com a proposição de Lerner (2019) que diz que a mulher precisa romper paradigmas tradicionais e enfrentar o patriarcado. Ainda pensando no contexto da literatura de cordel como um espaço marcadamente patriarcal - durante séculos – podemos dizer que, embora ainda haja muitas lacunas para demarcar o território feminino, muitos passos já foram dados.

Nesse sentido, “o silêncio (im)posto às mulheres enquanto artistas nesta área é hoje, gradativamente, e cada vez mais, questionado pelas próprias mulheres que, agora, em romaria presentificam uma prática poética que nos incita a repensar a historiografia dessa literatura.” (Santos, 2006, p. 03). Assim, acerca da conquista de espaços antes povoado somente por

homens, consideramos que a poesia é um instrumento que oportuniza – à mulher – o uso da própria voz para questionar a sociedade, o homem e a justiça. Ainda é uma estratégia para romper padrões, quebrar o silêncio e buscar soluções para os enfrentamentos que precisa fazer todos os dias.

Após essa discussão, retornamos ao corpus deste trabalho para apresentarmos a lista dos poemas que abordam a temática “mulher”. A seguir, apresentamos o quadro 1, com o nome das cordelistas e os títulos dos poemas de autoria delas:

**Quadro 1 – Poemas sobre a temática “mulher”**

<b>Cordelistas</b>	<b>Temática “mulher”</b>
Alecsandra Ramalho	Não nasci submissa
	Mulher
Andreia Miron	Mulher da poesia
Carmem Pedrosa	Quem sou
	Eu poetisa
	Meus lamentos
Dayane Rocha	Minha força
	Minha raiz
	Mulheres
Dulce Lima	Mulher
Elenilda Amaral	Protesto feminista
Francisca Araújo	Sou mulher
	Respeito não é somente/ No dia internacional
	A força do meu repente/ Representa quem eu sou
	Minha voz é plenitude/ versejando a liberdade
Isabelly Moreira	Levanta teus braços
	Nós, mulheres, morremos todo dia
	Outras dez levantarão...
Milene Augusto	Sou mulher que tem postura
	Nós queremos respeito
	A mulher vai poder se libertar
Thaynnara Queiroz	Gênesis – a origem do cangaço
	A minha vó me ensinou

**Fonte:** Dados da pesquisa

O quadro 1 revela a força da voz de autoria feminina na literatura de cordel, uma vez que as dez poetisas têm poemas que dão voz ao que sente a mulher. Os poemas escritos sobre essa temática versam, na maioria, sobre a condição de resistência que ela assume diante do que a sociedade patriarcal impõe, denunciando a violência, o desrespeito e a falta de liberdade.

A seguir, vamos conhecer um pouco da visão de algumas autoras, por meio de estrofes dos seus poemas.

Com um tom de resistência, Francisca Araújo questiona a comemoração do Dia Internacional da Mulher, de forma que defende que essa data seja de luta contra os males causados à mulher. Em uma estrofe do cordel: “Respeito não é somente/ No dia internacional”, a autora reivindica:

Não adianta dar flores,<sup>17</sup>  
 Dispenso os discursos secos,  
 Enquanto em ruas e becos  
 Houver cenas de horrores.  
 Sem difusão de valores  
 Que combata o grande mal,  
 A violência atual  
 Cresce gradativamente.  
 Respeito não é somente  
 No dia internacional.<sup>18</sup>

Endossando a discussão apresentada pela cordelista anterior, Milene Araújo narra a situação da mulher que sofre violência e apela por respeito na estrofe do poema: “Nós queremos respeito”:

Ela diz que não quer mais<sup>19</sup>  
 Ser a sua namorada;  
 Ele não aceita nada,  
 Bate, xinga e tudo faz.  
 Ela perde a sua paz  
 Ele, a casa dela invade,  
 Se arma e usa a maldade,  
 Causando tristeza e dores.  
 Ao invés de lhe dar flores  
 Dê direito à liberdade.

E por fim, a poetisa Dulce Lima, relembra o percurso de luta da mulher e evidencia a força e a doçura que envolve o seu ser. Assim, diz ela, no poema: “Mulher”:

Forte, meiga, decidida  
 Quando o momento requer.  
 Hoje enfrenta mil batalhas,  
 Mas é grande o seu mister.  
 Não esmorece, jamais  
 E entre graças divinais,

---

<sup>17</sup> Estrofe do folheto de cordel: Respeito não é somente/ No dia Internacional

<sup>18</sup> Transcrito do folheto de cordel: Respeito não é somente no dia internacional

<sup>19</sup> Poema disponibilizado pela autora via WhatsApp



Assim, surgiu a mulher!<sup>20</sup>

Certamente, a poesia de autoria feminina segue resistindo, abrindo caminhos tanto para dialogar, quanto para encorajar o combate à violência contra a mulher e, principalmente, para contribuir para que a invisibilidade feminina encurte de tamanho.

Agora, dos poemas apresentados no quadro 1, selecionamos um para discutirmos a abordagem da autora, a voz do eu lírico, visão de mundo e condição da mulher. De autoria de Isabelly Moreira, escolhemos “Nós, mulheres, morremos todo dia”, que apresenta a mulher numa condição de resistência e enfrentamento à violência.

### 3.2.1 O grito da poesia/ Que diz “não” à violência

O poema: “Nós, mulheres, morremos todo dia”, de Isabelly Moreira, poetisa de São José do Egito. Nascida no final do século XX, a poetisa traz em seus versos, costumeiramente, crítica social, bem como, discute a violência contra a mulher. Nele, a cordelista apresenta a mulher numa condição de luta, resistência, denúncia e inconformismo perante as situações que a impedem de ter liberdade de escolha e enfrentamento à violência praticada pelas mãos de quem poderia lhe oferecer afeto: o homem. A seguir, o poema:

**Nós, mulheres, morremos todo dia**<sup>21</sup>  
(Isabelly Moreira)

Nós, mulheres, morremos todo dia  
Pelas mãos de maridos, namorados.  
E o jornal sanguinário anuncia:  
Mortes, mortas, destinos desgraçados.  
Uma ossada encontrada num terreno;  
Um pulmão perfurado leva um dreno;  
Na cintura: uma faca dele, nela;  
Os sinais de defesa em cada mão,  
Ironia cruel da criação  
Quando a fêmea fratura uma costela.

<sup>20</sup> Poema disponibilizado pela autora via WhatsApp

<sup>21</sup> Publicado na *Revista Observatório cultural*, ed. 25, 2019, p. 108

Justo nela? Do elo em criatura.  
 Sim! O barro que faz é o que enterra.  
 E o homem que beija é o que tortura  
 E que tenta explicar da vez que erra,  
 Joga a culpa pra ela e pra o ciúme,  
 Culpar vítima, aqui, virou costume.  
 Sinto nojo da frase de um carrasco  
 Que vomita jargão de um bem eterno  
 E o que foi paraíso, vira inferno  
 Se a palavra do amor se torna asco.

Um fiasco contorna a profissão  
 Que também é cenário de assédio.  
 Vira e mexe a figura do patrão  
 É a causa de um trauma sem remédio.  
 Mexe e vira, o transporte coletivo,  
 Filas, bancos e becos são motivo  
 Para que a mulher se apavore  
 Com o gesto obsceno do agressor  
 Ou qualquer falsa forma de amor  
 Faz com que cada caso só piore.

Que se tore o machismo matador  
 Inquilino de irmãos, amigos, pais...  
 Que o Estado se torne protetor  
 Para que não sejamos numerais.  
 Que a voz da mulher não silencie,  
 E nenhum dedo em riste atrofie  
 Frente à cara covarde e à covardia.  
 Toda causa exige um compromisso  
 E enquanto alguém se cala e é omissor,  
 Nós, mulheres, morremos todo dia.

Esse poema suscita uma discussão social sobre a violência contra as mulheres em várias vertentes, desde a violência psicológica - quase invisível, mas muito presente - a mais cruel que provoca a morte de tantas. O eu lírico feminino porta-se na condição de luta, de enfrentamento e de resistência, apresentando o quanto a violência contra a mulher é real. Assume, portanto, a condição de inconformismo, convocando-nos para tomada de decisões e resolução dessa problemática. A temática do poema abre um campo de reflexão e discussão sobre o patriarcado, a omissão ao direito de escolha da mulher, bem como, a necessidade de atitude do Estado, enquanto protetor da vida.

O poema é construído por meio de recursos estilísticos, procedimentos formais, de imagem e a sonoridade que põem em evidência a força da poesia, como elemento de resistência e luta social, defendida por Bosi (1977).

Quanto à construção do poema, o título e o primeiro verso nos apresentam a repetição de uma ação cotidiana e contínua, com o verbo no presente: “Nós, mulheres, morremos todo

dia”. O eu lírico se inclui, trazendo a ideia de que a sororidade entre as mulheres, numa rede de apoio e de luta, uma sentindo a dor da outra. Essa ideia segundo Hooks (2023)

Está fundamentada no comprometimento compartilhado de lutar contra a injustiça patriarcal, não importa a forma que a justiça assume. Solidariedade política entre mulheres sempre enfraquece o sexismo e prepara o caminho para derrubar o patriarcado.” (Hooks, 2023, p. 36).

Sendo assim, a sororidade entre mulheres fortalece as muitas vozes que lutam contra a violência patriarcal. Ainda nos referindo ao título, o verbo, acrescido da expressão “todo dia”, reforça a continuidade permanente da ação. Assim, o poema apresenta, já na primeira estrofe, um ciclo de violência que resulta em uma consequência: a morte.

Seguindo a análise, a composição dos quatro versos iniciais da primeira estrofe com o uso repetido da consoante nasal “m”, que deveria conferir ao poema uma sugestão de doçura, sofre um rompimento imposto pela vibrante da consoante [R], pelo som surdo do “t” e ada oclusiva “d” que conclui a estrofe numa sugestão sonora do contexto de violência evocados nos versos da estrofe.

Nós, **mulheres**, **morremos** todo dia  
Pelas **mãos** de **maridos**, namorados.  
E o jornal sanguinário anuncia:  
**Mortes**, **mortas**, destinos **desgraçados**.

Em seguida, há uma enumeração de ações, uma sucessão vertiginosa de imagens que materializam a violência contra a mulher, confirmando a anunciação feita no primeiro verso da estrofe. O recurso retórico da enumeração, nestes versos, favorece a descrição e os detalhes das ações apresentadas no poema. Vejamos, a seguir, parte da estrofe que apresenta o que discutimos:

Uma ossada encontrada num terreno;  
Um pulmão perfurado leva um dreno;  
Na cintura: uma faca dele, nela;  
Os sinais de defesa em cada mão  
Ironia cruel da criação  
Quando a fêmea fratura uma costela.

No verso: “Na cintura: uma faca dele, nela”, é possível perceber que o uso da palavra “cintura” é utilizado com ambiguidade, uma vez que, normalmente, o homem utiliza a cintura da calça ou bermuda para pendurar a faca, que é um instrumento de uso cotidiano ou arma. No

entanto, quando o eu – lírico diz: “uma faca dele, nela”, sugere que a faca transportada na cintura pelo homem, é cravada na cintura da mulher, em um ato de violência.

Ainda na primeira estrofe, os dois últimos versos apresentam uma crítica ao homem, fazendo uma relação com a criação humana, segundo os textos bíblicos, quando diz: “Ironia cruel da criação/ Quando a fêmea fratura uma costela”. Nessa passagem, há uma marca de intertextualidade com a história bíblica da criação humana, em que a mulher foi constituída a partir da costela do homem.

Assim, está escrito o texto bíblico, em Gênesis: “Então o Senhor Deus fez o homem cair em profundo sono e, enquanto este dormia, tirou-lhe uma das costelas, fechando o lugar com carne. Com a costela que havia tirado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher e a levou até ele.” (Bíblia [...], 1990, Gên 2, 21-22, p. 15). A ironia e a crítica apresentadas no poema é que o homem, quando agride ou mata a mulher, fratura sua própria costela. Essa referência da mulher é abordada por Lerner (2019), no seu livro: *A criação do patriarcado: história de opressão das mulheres pelos homens*, tratando que,

A criação da mulher pela costela de Adão é interpretada em seu sentido literal há milhares de anos, para indicar a inferioridade da mulher concedida por Deus – seja porque a interpretação recai sobre a costela como uma das partes “inferiores” de Adão e, portanto, um indício de inferioridade, seja pelo fato de Eva ter sido criada da carne e do osso de Adão, enquanto ele foi criado a partir da terra. Do ponto de vista histórico, a passagem tem recebido um significado profundamente patriarcal. (Lerner, 2019, p. 231)

Ainda nessa discussão, retomamos a segunda estrofe do poema, que nos apresenta a ideia a seguir:

Justo nela? Do elo em criatura.  
 Sim! O barro que faz é o que enterra.  
 E o homem que beija é o que tortura  
 E que tenta explicar da vez que erra,  
 Joga a culpa pra ela e pra o ciúme,  
 Culpar vítima, aqui, virou costume.  
 Sinto nojo da frase de um carrasco  
 Que vomita jargão de um bem eterno  
 E o que foi paraíso, vira inferno  
 Se a palavra do amor se torna asco.

Observamos que os dois primeiros versos dessa estrofe: “Justo nela? Do elo em criatura/ Sim. O barro que faz é o que enterra” continuam a discussão crítica sobre o elo religioso que há entre homem e mulher e a violência praticada por quem foi, segundo a bíblia, a matriz de criação feminina, cuja visão, estritamente, patriarcal.

Ainda na mesma estrofe, o segundo verso propõe mais um diálogo intertextual com a passagem bíblica: “O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou-lhe nas narinas um sopro de vida e o homem se tornou um ser vivente”. (Bíblia [...], 1990, Gên 2, 7, p. 14). Ainda no segundo verso, a palavra “barro” constitui uma imagem, assumindo um sentido de ambiguidade, considerando o barro (homem) e o barro (terra do cemitério). Então, nesse caso, há um questionamento da posição autoritária e violenta do homem em relação à mulher.

Além da ambiguidade, esta estrofe é constituída de elementos que se opõem. Em mais de uma passagem há presença de um paradoxo, caracterizando a dualidade entre os sentimentos e as atitudes na relação abusiva homem/mulher. É possível demarcar a presença de elementos de oposição na terceira, nona e décima estrofes: “E o homem que beija, é o que tortura”, “E o que foi paraíso, visa inferno”, “se a palavra do amor se torna asco”. Então, as palavras “beija/tortura”, “paraíso/inferno” e “amor/asco” apresentam a relação de conflito entre homem e mulher, quando esta decide dizer “não” ao companheiro. Esta estrofe sinaliza paradoxo que materializam as imagens construídas na primeira estrofe.

A terceira estrofe do poema apresenta um cenário de violência, em muitos casos, invisibilizada, uma vez que não traz consequências palpáveis, visíveis e de impacto: a violência psicológica, silenciosa e discreta. A seguir, leiamos a estrofe citada:

Um fiasco contorna a profissão  
Que também é cenário de assédio.  
Vira e mexe a figura do patrão  
É a causa de um trauma sem remédio.  
Mexe e vira, o transporte coletivo,  
Filas, bancos e becos são motivo  
Para que a mulher se apavore  
Com o gesto obsceno do agressor  
Ou qualquer falsa forma de amor  
Faz com que cada caso só piore.

Nessa estrofe, a vítima vive a violência, é impactada por ela, mas, em muitos casos, não vem à tona, socialmente. Então, esses versos apresentam uma denúncia, um grito de alerta, através de uma sucessão de imagens de atos de assédio, de violência e de abusos sexuais em

diversos cenários, que contribuem para o adoecimento e trauma da mulher. Nesse trecho, o eu lírico não cala, mesmo diante do silêncio da vítima.

Ainda analisando o poema, a quarta estrofe faz um chamamento à sociedade, ao Estado e à mulher. Vejamos, a seguir:

Que se tore o machismo matador  
 Inquilino de irmãos, amigos, pais...  
 Que o Estado se torne protetor  
 Para que não sejamos numerais.  
 Que a voz da mulher não silencie,  
 E nenhum dedo em riste atrofie  
 Frente à cara covarde e à covardia.  
 Toda causa exige um compromisso  
 E enquanto alguém se cala e é omissor,  
 Nós, mulheres, morremos todo dia.

Essa estrofe é marcada por verbos no imperativo, chamando à luta, à fala, ao enfrentamento a quem violenta e desrespeita a mulher. Há o uso de um verbo de força muito usado no sertão e na conversa do cotidiano: *torar*, que quer dizer, partir, cortar, fazer-se em pedaços. Nos versos: “Que se tore o machismo matador/ Inquilino de irmãos, amigos, pais”; torar o machismo é romper com conceitos arraigados do machismo estrutural que permeiam atitudes da sociedade. É possível identificar o efeito de sentido construído por meio da metáfora em que o machismo é inquilino, habita, faz morada no homem, em qualquer idade.

No quarto verso, o Estado é chamado à responsabilidade, para que possa garantir o direito da mulher, à proteção à vida, como garante à Constituição Federal e sugere ações que reduzam tanta morte, considerando que cada mulher tem um nome e vida, não é apenas um número. Seguindo, no quinto verso, chama a mulher à luta, à fala. Pede que não silencie, que enfrente o machismo. É um encorajamento à mulher para que não permita ser violentada e desrespeitada. E por fim, o poema é concluído dizendo que se omitir à luta e ao enfrentamento, o ciclo terá continuidade. O último verso do poema é concluído como o poema foi iniciado, com: “Nós, mulheres, morremos todo dia.” Esse recurso nos sugere que, caso não haja uma mudança, um enfrentamento à violência contra a mulher, o ciclo não será fechado e voltamos aos problemas descritos desde o início do poema, de forma que as ações serão permanentes e contínuas.

Do ponto de vista formal, constituído por quatro estrofes, compostas, cada uma, por dez versos – décima –, o poema: “Nós, mulheres, morremos todo dia”, tem uma construção em

decassílabos, ou seja, cada verso tem dez sílabas poéticas, com rimas alternadas e intercaladas ABABCCDEED, uma configuração usual da constituição desse formato de estrofe. Essa construção muito contribui para o ritmo e a sonoridade, durante a leitura. Sendo assim, “ao longo do poema, a poeta recorre com mais intensidade a procedimentos, variando o momento como atinge o leitor” (Tavares, 2005, p.18). Além disso, é importante destacar que há rima interna entre as estrofes do poema. Citamos aqui, como se dá essa estratégia poética:

Quando a fêmea fratura uma **costela** (último verso da 1ª estrofe)  
 Justo **nela?** Do elo em criatura (primeiro verso da 2ª estrofe)

Nesse caso, é possível perceber uma rima interna entre o primeiro verso da segunda estrofe em que a palavra “costela”, no final do primeiro do verso, rima com “nela” no início do verso da segunda estrofe. Assim também acontece nas estrofes seguintes:

Se a palavra do amor se torna **asco** (último verso da 2ª estrofe)  
 Um **fiasco** contorna a profissão (primeiro verso da 3ª estrofe)

Faz com que cada caso só **piore** (último verso da 3ª estrofe)  
 Que se **tore** o machismo matador (primeiro verso da 4ª estrofe)

Nesse sentido, “a poesia procura usar a sonoridade das palavras e o ritmo das frases para criar uma impressão de *música*, procura sugerir *imagens* através de palavras que estimulem indiretamente os nossos cinco sentidos” (Tavares, 2005, p.18). Portanto, a rima interna além de favorecer uma sonoridade ao poema, de modo que a leitura apresenta uma musicalidade e ritmo, dá a ideia, também, de um entrelaçamento entre as estrofes, dando continuidade tanto ao ritmo quanto à temática desenvolvida. Há um enlaço para que o leitor não perca o fio condutor da leitura e do assunto abordado.

### 3.3 METALINGUAGEM, UM CONCEITO/ PARA ALÉM DA CONSTRUÇÃO

Quando selecionamos os textos e realizamos a categorização temática, percebemos que as cordelistas têm um número significativo de poemas que falam sobre a construção da própria poesia, do fazer poético, delineando imagens que demarcam a linha dessa construção literária. Esse processo da linguagem de falar sobre ela mesma, da palavra sobre a palavra, da poesia autodefinir-se, chamamos de metalinguagem. Nessa perspectiva, Ceia (2010) diz que

A palavra metalinguagem, formada com o prefixo grego meta, que expressa as ideias de comunidade ou participação, mistura ou intermediação e sucessão, designa a linguagem que se debruça sobre si mesma. Por extensão, diz-se também: metadiscurso, metaliteratura, metapoema e metanarrativa. (Ceia, 2010, s/p)

Nesse sentido, tratar sobre o conceito de metalinguagem é pensar na sua função social, quando influencia a linguagem, descrevendo-a e dando sentido a ela. Dessa forma, pode ser considerada para além da descrição e representação de um código linguístico, pois “a metalinguagem não é apenas um instrumento científico necessário, utilizado pelos lógicos e pelos linguistas; desempenha também papel importante em nossa linguagem cotidiana” (Jakobson, 1975, p. 127). Nessa lógica, Jakobson (1975) acredita que a metalinguagem transcende a representação da palavra, transformando-a e ampliando a sua significação no contexto.

Assim também pensa Bosi (1977), considerando que a metalinguagem ultrapassa o entendimento tradicional e técnico que a restringe aos fenômenos do código, de maneira que a palavra assume a força da resistência. Como ato de resistência, a metalinguagem transcende o que é imposto pela ideologia, pela retórica, reconstruindo-se, evocando outras vozes, pondo-se a refletir sobre os reflexos da própria linguagem.

Ainda nessa linha de discussão, Bosi diz que, “dos caminhos de resistência mais trilhados (poesia-metalinguagem, poesia-mito, poesia biografia, poesia-sátira, poesia-utopia), o primeiro é o que traz, marcas mais profundas de certos modos de pensar que rodeia cada atividade humana.” (Bosi, 1977, p. 147). Portanto, pensando sobre o que trata Bosi (1977), a poesia - metalinguagem de autoria feminina, que compõe o corpus deste trabalho, é revolucionária, símbolo de resistência e rompe com a tradição dos conceitos técnicos, extrapolando o mundo pela palavra. Dito isso, apresentamos o quadro com as autoras e os poemas que compõem a temática “metalinguagem”.

**Quadro 2 – Poemas sobre a temática “metalinguagem”**

<b>Cordelista</b>	<b>Temática “metalinguagem”</b>
Andreia Miron	O que é poesia?
Carmem Pedrosa	Como veio a poesia
	Como encontro poesia
	O valor da poesia
Dayane Rocha	Ao público jovem
	Poesia
	Na fonte da poesia



Dulce Lima	Quanto vale a poesia
	Nas águas da poesia/ batizei o universo
	Nosso pão é poesia/recheado de emoção
Elenilda Amaral	Sonhar que sou poeta
Francisca Araújo	Em todo canto há um novo mundo
Milene Augusto	Poesia
Thaynnara Queiroz	O desencontro da poesia
	Poesia
	A força da poesia

**Fonte:** Dados da pesquisa

Nesse quadro 2, apresentamos dezesseis (16) poemas que abordam a temática metalinguagem. Das dez cordelistas do corpus desta pesquisa, encontramos textos demarcando esse tema, na produção poética de oito (08) mulheres. Na abordagem, podemos encontrar poemas que descrevem a poesia de forma lírica, comparando a elementos naturais, mas também, que seguem uma vertente crítica, de luta e resistência. A seguir vamos apresentar estrofes de algumas autoras, abordando a temática.

Numa perspectiva metalinguística, a cordelista Dayane Rocha compara a poesia ao seu percurso, seu caminho e suas lutas e a considera como bússola de sua trajetória. No poema: “Poesia”, ela diz,

Elevo ao céu da minha alma viva  
 As orações, sem santo que escrevo,  
 No vai e vem, que faz de mim um trevo,  
 Tudo que vem, me deixa mais cativa.  
 Sigo a estrada, erro o meu caminho,  
 Mas quem verseja, nunca está sozinho,  
 É mais feliz quem faz do verso, o guia,  
 O amor de Deus, a fé, a gratidão,  
 Tudo que há de forte em oração,  
 Encontro em mim, na minha poesia. <sup>22</sup>

Nesse quadro 2, composto por poemas que abordam a temática metalinguagem, a cordelista Elenilda Amaral apresenta no poema “Sonhar que sou poeta”, os conflitos e dúvidas sobre o que é poesia e como faz parte de sua vida. A seguir, a estrofe da autora sobre essa temática:

<sup>22</sup> Poema extraído do Instagram da autora

Eu não sei se é dom ou vocação  
 Esse meu de poder poetizar,  
 Ou talvez uma forma de esborrar  
 As agruras de um pobre coração.  
 Já não sei se feliz eu sou ou não;  
 Se a poesia de certo me completa  
 Ou se apenas me toma e me coleta  
 Pra me usar pra poder aparecer,  
 Eu só sei que preciso até morrer,  
 Pelo menos sonhar que sou poeta. (Tavares e Rocha, 2017, p. 63)

Comparando a poesia à cura e à aproximação de Deus, Milene Augusto diz, no poema “Poesia”:

A poesia é a cura  
 Que tenho pra os dias meus  
 É a mais perfeita oração  
 Para crentes e ateus.  
 E quanto mais eu escrevo  
 Mas fico perto de Deus.<sup>23</sup>

Após visualizarmos a abordagem de três autoras acerca da temática, selecionamos do Quadro II, um poema para discutirmos sobre o tema metalinguagem, bem como os recursos utilizados pela cordelista para construção dos versos. Quanto ao critério utilizado para seleção do poema a ser analisado, recorreremos aos procedimentos utilizados pela autora, do ponto de vista temático, estrutural e metalinguístico, bem como, a visão de mundo empreendida nas discussões. Assim escolhemos o poema: “Em todo canto há um novo mundo” de autoria da cordelista Francisca Araújo, que será apresentado e analisado, a seguir, neste tópico.

### 3.3.1 A poesia falando/ Sobre o seu fazer poético

Dentre os poemas apresentados no quadro 2, escritos por oito (08) cordelistas que compõem a pesquisa, o poema de autoria de Francisca Araújo, já citado anteriormente. A poetisa é natural de Iguaraci, cidade localizada na região do Sertão do Pajeú, estado de Pernambuco. Francisca além de escrever poemas, é glosadora, pois tem a habilidade de improvisar versos oralmente, de modo que participa de Mesas de Glosas<sup>24</sup>.

<sup>23</sup> Poema cedido pela autora via WhatsApp

<sup>24</sup> É um momento em que os poetas, a partir de um mote (composto por dois versos), constroem, de improviso, a estrofe para concluir com o mote dado pela comissão organizadora. Cada poeta que está na mesa faz uma glosa com o mote exposto. Terminada a rodada, onde todos os poetas glosam finalizando a estrofes com os versos expostos, a comissão apresenta outro mote. E a cena se repete até terminar a rodada de construção de estrofes.

A poética da cordelista é composta por diversas temáticas, percorrendo desde a crítica social até a poesia lírica e descritiva. Neste poema, a poetisa narra a espera pela inspiração e o processo de construção do poema. Para isso, utiliza-se da linguagem própria do gênero, para explicar a poesia. Leiamos o poema e, em seguida, vamos discuti-lo.

**Em todo canto há um novo mundo**<sup>25</sup>  
(Francisca Araújo)<sup>26</sup>

Eu não tenho um conceito definido  
Que resuma o que é a poesia  
Por mais vezes que busque esse sentido  
Remontando o painel da fantasia...  
Ela salta das quadras e tercetos,  
Pulsa forte na veia dos sonetos,  
Mergulhando no mar da inspiração...  
Canta ainda as chegadas e partidas,  
Nos olhares que choram despedidas,  
Pra dar voz ao que sente o coração.

Flor que brota do ramo da cultura,  
No pomar divinal das belas artes,  
Entre tantas reluz de forma pura  
Espalhando o saber por muitas partes.  
Ela cabe na palma do universo  
E por ter um conceito tão diverso  
Ninguém sabe qual será a sua idade...  
Mas seu cheiro comparo ao da essência  
De um poema na sombra da carência  
Cochilando nos braços da saudade.

Quando o vate desliza a mão na prima  
O bordão afinado logo soa  
E parece dizer ao som da rima  
Que ela dança por dentro da pessoa.  
Nesse mesmo rojão sai entretendo  
Puxa a linha do verso e vai tecendo  
Os mistérios do mundo e os que sente...  
Qualquer tema desata se preciso  
Bastam só dois retalhos de improviso  
Com dez cordas na agulha do repente.

Venha ao céu dos meus sonhos, quero vê-la  
Encantar-se na prece mais tranquila  
Por que posso rimar pra descrevê-la  
Mas preciso sonhar pra descobri-la...  
Incendeie a esfera desses astros  
Deixe meros sinais ou alguns rastros  
Parta assim que surgir a luz da aurora...  
Forre a cama macia do meu peito,  
Se quiser adormeça no meu leito,  
Diga um verso qualquer e vá embora!

Eu recito um minuto de protesto  
Quando a dor do meu pranto cai sem voz  
E confesso o temor de todo o resto  
Ao estar junto a ela, mas a sós...  
Ah, quem dera compor mais um poema,  
Sem que o tempo desbote a cor do tema  
Para tê-la por mim sempre lembrada...  
Já que todos que fiz vi perecendo,  
Com o suor das palavras escorrendo,  
Gota a gota, da folha rabiscada.

Quis fugir do conforto do meu ninho,  
Engasguei-me no silêncio dos meus lábios,  
Pois só vi, nas lonjuras do caminho,  
Passos tolos buscando rumos sábios.  
E voltei sem explicar essa magia...  
Pois só sei contemplar a Poesia  
Sendo ela que em tudo me completa,  
Entre tantas razões, por ser perfeita...  
E, pra tentar desvendar do que foi feita,  
Sonhos, às vezes, meu Deus, que sou Poeta!

Nesse poema, a autora na ânsia de buscar uma definição para a poesia, faz usos de diversos recursos que propõem um percurso de descobertas, mas de indecisões e (in)definições próprias do fazer poético.

<sup>25</sup> Poema disponibilizado pela autora via WhatsApp

<sup>26</sup> Nasceu em Iguaraci – PE. É poetisa, declamadora e glosadora de improviso. Participou de diversas coletâneas e tem um cordel publicado intitulado “Respeito não é somente no dia internacional”, escrito em homenagem aos 14 anos da promulgação da Lei Maria da Penha. Participou da Websérie: Escritoras negras do Sertão de Pernambuco. É umas das seis mulheres que participa da Mesa de Glosas do Pajeú, realizada em Tabira, pela APPTA e compõe o grupo Mulheres de Repente, participando de Mesas de Glosas pelos diversos estados do Brasil.

O título carregado de subjetividade é a porta de entrada para a discussão da temática, quando diz que “Em todo canto há um novo mundo”. Poeticamente, falando, a expressão “canto”, traz a ideia de melodia, construção poética. Assim, o título pode ser o prenúncio da subjetividade que é a poesia, em que cada construção remete a uma vastidão de significados, a novos mundos, a partir do ponto de vista e das experiências de vida do leitor.

Na primeira estrofe, a voz da autora se mistura com o eu lírico, para dizer que não tem um conceito que defina a poesia. Os dois primeiros versos dizem o seguinte:

Eu não tenho um conceito definido  
Que resuma o que é a poesia

No entanto, nos versos seguintes, o eu lírico busca, incessantemente, elementos e sentimentos que possam se aproximar de uma definição concreta. Para isso, remonta um painel, dando vida à poesia para além da sua forma estrutural e sua construção poética. Vejamos estes versos:

Por mais vezes que busque esse sentido  
Remontando o painel da fantasia...  
Ela salta das quadras e tercetos,  
Pulsa forte na veia dos sonetos,  
Mergulhando no mar da inspiração...

Na construção dos versos “ela salta das quadras e tercetos / Pulsa forte na veia dos sonetos”, é possível perceber a concepção da poesia como um sentimento, que se liberta da forma e ganha vida. A imagem construída por meio do recurso de personificação nos permite interpretar que a poesia rompe com as estruturas tradicionais de formas e padrões e ganha o espaço imenso dos sentimentos e da inspiração. É o abrir-se para ser vista e sentida por quem a tocá-la.

Ainda na primeira estrofe, os três versos que a finalizam dizem o seguinte:

Canta ainda as chegadas e partidas,  
Nos olhares que choram despedidas,  
Pra dar voz ao que sente o coração.

Esses versos nos apresentam uma imagem de uma representação poética, cuja poesia é um instrumento que dá voz aos sentimentos, sente o que o outro sente e pode eternizar em um instante poético. Esses últimos versos nos fazem lembrar de Bachelard (1985) que diz que

Em todo verdadeiro poema é possível encontrar os elementos de um tempo detido, de um tempo que não segue a medida, de um tempo que chamaremos de vertical, para distingui-lo do tempo comum, que foge horizontalmente com a água do rio, com o vento que passa. (Bachelard, 1985, p. 183)

Sendo assim, utilizando-se do recurso da metalinguagem, em busca de uma definição do fazer poético, a poesia é definida, na primeira estrofe, para além da sua forma, apresentando a ideia de pulsação e vida; personificando os versos, libertando-os para registrar os sentimentos da vida e do mundo, sem a linearidade do tempo e das coisas, como cita Bachelard (1985).

Na segunda estrofe do poema, o eu lírico apresenta uma comparação da poesia a uma flor que brota no jardim das artes, em que exala e espalha saberes. No quinto verso, diz: “Ela cabe na palma do universo”. Esse verso retoma a ideia de vastidão e imensidão da poesia, como também dá vida ao universo, humanizando-o, referindo-se a palma da mão do que se consagra um espaço quase infinito. Ainda nessa estrofe, os três últimos versos do poema dizem:

Mas seu cheiro comparo ao da essência  
De um poema na sombra da carência  
Cochilando nos braços da saudade.

Esses versos comparam a poesia às sensações provocadas a partir dos sentidos humanos. Sentir o cheiro que a poesia emite. Neles, apresenta o interior humano, em que a carência e a saudade se misturam e exalam no poema o seu cheiro, a sua dor ou até ideia paradoxal, quando cochila nos braços de um sentimento tão doído quanto a saudade. O abstrato toma corpo e reverbera-se de forma concreta.

Na terceira estrofe, há uma narração do ato de produzir poesia, desde a preparação, o despertar do verso no interior do poeta até a construção. Nos versos, a seguir, a autora diz:

Puxa a linha do verso e vai tecendo  
Os mistérios do mundo e os que sente...

Nesses versos, ela compara o fazer poético com a arte da tecelagem, em que puxa o fio e vai tecendo, construindo o poema, costurando e desvendando os mistérios e os sentimentos do mundo e de si própria. O verso “Os mistérios do mundo e os que sente”, nos faz lembrar Carlos Drummond de Andrade, no poema: “Sentimentos do mundo” que diz:

Tenho apenas duas mãos  
e o sentimento do mundo,  
mas estou cheio de escravos,  
minhas lembranças escorrem  
e o corpo transige  
na confluência do amor. (Andrade, 2023, p. 09)

Sendo assim, a “tecelagem” dos versos de Francisca, desvendando os mistérios e sentimentos do mundo demarcam a presença de intertextualidade com “as duas mãos” de Drummond, para tecer os sentimentos do mundo citados por ele.

Na quarta estrofe, nos primeiros versos, há uma evocação à poesia, almejando vê-la e senti-la na calma dos sonhos. É possível perceber a evocação e a espera ansiosa para a chegada da inspiração no momento de calma, oração e sonho. A seguir, a estrofe citada:

Venha ao céu dos meus sonhos, quero vê-la  
Encantar-se na prece mais tranquila  
Por que posso rimar pra descrevê-la  
Mas preciso sonhar pra descobri-la...  
Incendeie a esfera desses astros  
Deixe meros sinais ou alguns rastros  
Parta assim que surgir a luz da aurora...  
Forre a cama macia do meu peito,  
Se quiser adormeça no meu leito,  
Diga um verso qualquer e vá embora!

Como tantos poetas que fazem menção à noite como fonte de inspiração pela melancolia que o tempo oferece, há uma comparação o corpo humano ao universo celestial à espera da visita da poesia para iluminar os seus sentidos.

Em tom de prece, fazendo uso de verbos no imperativo, os versos demarcam o pedido e a vontade do eu lírico de receber a poesia: “Venha ao céu dos meus sonhos, quero vê-la”; de ser aconchegado por ela: “Incendeie a esfera desses astros”, “Deixe meros sinais ou alguns rastros”, “Forre a cama macia do meu peito”; de aconchegá-la: “Se quiser adormeça no meu leito”, mas, também, de despedir-se quando diz: “parta assim que surgir a luz da aurora...”, “Diga um verso qualquer e vá embora!”

Considerada como uma entidade que chega à noite, ilumina, deixa rastros, traz a paz e acalenta o peito, dá sossego, deixa um verso e vai embora. Então, nos versos: “Parta assim que surgir a luz da aurora...” e “Diga um verso qualquer e vá embora”, o eu lírico considera a poesia uma passagem, que pausa, inspira e segue seu caminho ao amanhecer.

Essa estrofe nos faz lembrar Valéry (1991) que, falando sobre poesia, diz que o universo poético apresenta grandes analogias com o que podemos supor do universo dos sonhos. Sobre isso, o autor se posiciona dizendo:

Nos tempos modernos, a partir do romantismo, se formou uma confusão bastante explicável entre a noção de sonho e de poesia. Nem o *sonho*, nem o *devaneio* são necessariamente poéticos [...] isso significa que esse *estado de poesia* é perfeitamente irregular, inconstante, involuntário, frágil, e que perdemos, assim como obtemos, *por acidente*. (Valéry, 1991, p. 206).

Sendo assim, o estado de poesia tratado por Valéry (1991) é percebido em todo o poema pelo eu lírico. Na quinta estrofe, ele lamenta a ausência da inspiração, a angústia de não a ter, sempre e, as lágrimas emitem a dor do peito, quando diz:

Eu recito um minuto de protesto  
Quando a dor do meu pranto cai sem voz

Ainda na mesma estrofe, há o registro do medo de sentir a solidão junto às palavras na hora de escrever. Este sentimento está presente nos versos:

E confesso o temor de todo o resto  
Ao estar junto a ela, mas a sós...

Seguindo a estrofe, é explícito o desejo de escrever mais um poema, que possa ficar registrado, para que não esqueça a presença da poesia e da inspiração:

Ah, quem dera compor mais um poema,  
Sem que o tempo desbote a cor do tema  
Para tê-la por mim sempre lembrada...  
Já que todos que fiz vi perecendo,  
Com o suor das palavras escorrendo,  
Gota a gota, da folha rabiscada.

Portanto, “o poeta, no ato mesmo de fazer o poema, expõe seu conceito de poesia, explicitando sua função catártica, ou seja, aquela de meio de vazão dos sentimentos, de alívio mesmo de sofrimentos.” (Ceia, 2010, s/p) Assim, desabafa e conceitua, convocando a poesia para um campo de significado de emissão de sentimentos.

Esses versos: “Ah, quem dera compor mais um poema, / Sem que o tempo desbote a cor do tema/Para tê-la por mim sempre lembrada...” nos fazem lembrar um poema de Alice Ruiz, que expressa:

queria tanto  
fazer um poema  
uma canção que fosse  
digna desse dia  
com suas cores  
brilhos e brisas.  
queria tanto  
que esse poema me quisesse  
e me fizesse um mimo  
me desfazendo em risos (Ruiz, 2013, p. 37)

O diálogo entre o poema de Francisca e o de Ruiz está presente no desejo explícito de escrever um poema, não somente estrutural, mas com o sentimento poético. Nesse sentido, o eu lírico não domina a poesia, mas é dominado por ela. E por isso, o desejo de escrever não o faz escrever, se não houver a inspiração. Então, durante a leitura é possível sentir a tensão que essa espera provoca.

Na última estrofe, há uma constatação que todas as buscas para definir a poesia foram em vão, já que sobre a poesia, ele sabe, somente, contemplá-la. É possível encontrar imagens que demarcam os conflitos e a busca incessante pela definição de poesia, como, por exemplo, neste trecho:

Quis fugir do conforto do meu ninho,  
Engasguei-me no silêncio dos meus lábios,  
Pois só vi, nas lonjuras do caminho,  
Passos tolos buscando rumos sábios.  
E voltei sem explicar essa magia...

E por fim, a constatação de que a poesia é subjetiva, o eu lírico se convence que faz parte de sua vida, mas que é intocável, e só sonhando ser poeta, para tentar alcançá-la. Portanto, utilizando-se da própria linguagem poética, a autora faz um passeio buscando desvendar a poesia, desde a sua forma aos sentimentos provocados por ela.

Do ponto de vista formal, o poema: “Em todo canto há um novo mundo” é constituído de 6 (seis) estrofes. Cada estrofe é composta por dez versos e, por isso chamada de décimas, com rimas no formato: ABABCCDEED. Os versos são construídos com dez sílabas métricas, denominados decassílabas. Esse estilo de construção métrica oferece ao poema uma leitura



rítmica, uma sonoridade que embora favoreça a leitura, é preciso saber fazê-la, para não perder o sentido da construção poética.

Tratando sobre a sonoridade das palavras, Tavares (2005) diz que “um dos principais recursos para explorar a sonoridade, num poema, é a *rima*, que é a repetição regular dos mesmos sons, ou de sons parecidos.” (Tavares, 2005, p. 31) Nesse sentido, quando lemos parte da estrofe, a seguir, esperamos, de fato, o desenrolar do poema. Vejamos,

Venha ao céu dos meus sonhos, quero vê-la  
Encantar-se na prece mais tranquila  
Por que posso rimar pra descrevê-la  
Mas preciso sonhar pra descobri-la...  
Incendeie a esfera desses astros

As palavras “vê-la” e “descrevê-la”, “tranquila” e “descobri-la”, rimam e oferecem um ritmo de continuidade de leitura, despertando o desejo de continuar lendo e desvendando palavras e sentidos no poema.

Nesse caso, Tavares (2005), ainda diz que “sons que se repetem a intervalos regulares criam um ritmo e, criam no leitor ou no ouvinte, a expectativa de que mais adiante aquele som vai reaparecer, só que em outra palavra.” (Tavares, 2005, p. 31). De fato, é exatamente isso que sentimos quando lemos o trecho da estrofe apresentada anteriormente, pensamos com será desenvolvido o restante dos versos e quais as palavras que terão sentido nesse contexto de construção poética, rítmica e métrica.

Ainda nesse trecho da estrofe, podemos destacar um exemplo de rima que pode ser considerada rica, pelos estudiosos na construção formal do poema. Observemos o segundo e quarto versos: “Encantar-se na prece mais tranquila” [...] / “Mas preciso sonhar pra descobri-la...”. As palavras “tranquila” e “descobri-la”, pertencem a categorias de palavras diferentes: substantivo e verbo, respectivamente e rimam entre si. Nesse sentido, Tavares (2005), diz que “no aspecto puramente técnico ou artesanal da poesia, ganha ponto aquilo que envolve uma dificuldade extra e que, quando bem realizado, dá impressão de algo aparentemente fácil.” (Tavares, 2005, p. 46).

Então, consideramos que analisar um poema, do ponto de vista formal e temático, é perceber as nuances da construção, as intencionalidades do autor, bem como, os elementos que prendem o leitor na leitura atenta e rítmica. Agora, sigamos para o próximo tópico, onde a temática “sertão” é apresentada.

### 3.4 O SERTÃO VISTO DE PERTO/ PELAS LENTES DA POESIA

Retratado na poesia, nas canções, nos contos, lendas e cantos, o Sertão ganha, tanto na escrita quanto na oralidade, um espaço poético seja numa visão real, imaginária, romântica e até preconceituosa. Há casos em que a romantização da vida do Sertão distancia-a da realidade de quem vive nele, onde a luta diária e o enfrentamento às adversidades climáticas são reais e trazem para o homem e a mulher do campo um trabalho exaustivo. Em alguns casos, o preconceito e um olhar pejorativo estão presentes, também, nessas produções, pondo quem vive na roça como personagem de gracejo, principalmente quando deixa o seu lugar e passa a habitar nos grandes centros. Tratando sobre isso, Alves (2009) diz que

Também é recorrente a idealização da vida no campo, que se soma ao saudosismo, caindo, muitas vezes, num bucolismo que a falseia a realidade do trabalhador rural. Outro viés presente na produção de muitos poetas é a apresentação do modo simples de ser do sertanejo quando chega à cidade. Este viés é responsável por um olhar muitas vezes cheio de preconceitos, apresentando o homem do campo meio bobo, além do preconceito linguístico que está por trás da reprodução das falas do sertanejo (Alves, 2009, p. 55)

No entanto, há quem consiga escrever sobre o sertão, considerando-o um espaço de vivências e experiências dos sertanejos, com significados ligados a uma história, produção cultural e simbologia experienciadas nos sentimentos e práticas. Nesse caso, é o sertão visto de perto, sentido e construído em cada um que nele vive. Nesse sentido, é perceber que “além de tencionar o amor e a dor pela relação com a terra, o sertanejo aprende com o lugar diversas maneiras de convivência. As aporias e as incertezas, fazem com que o homem do sertão esteja sempre aprendendo (...) o sertão é expresso pelo mundo vivido.” (Ferreira, 2013, p. 17)

Portanto, após este preâmbulo, vamos nos debruçar sobre os poemas de autoria das cordelistas que compõem o corpus dessa pesquisa, uma vez que, dentre as temáticas presentes na produção poética delas, o sertão é o segundo tema mais recorrente nos poemas selecionados.

Então, durante o processo de leitura e categorização, identificamos diversos poemas que tratam sobre a temática, numa abordagem que versa sobre a seca, chuva, exaltação ao lugar, vegetação, cultura, cotidiano, lembranças e vivências, cujos poemas demonstram um sentimento de pertencimento ao espaço sertanejo. A seguir, apresentamos o Quadro 3, composto pelos nomes das cordelistas e os poemas com a temática que tratamos neste tópico.

**Quadro 3 – Poemas sobre a temática “Sertão”**

<b>Cordelista</b>	<b>Temática “Sertão”</b>
Carmem Pedrosa	Imagem viva da seca
	O sertão e a natureza
	O sertão na seca
	A seca no sertão
	Quando choveu no sertão
	Coisas que eu admiro
	Aonde eu moro
	Sei porque
	Homenagens aos poetas de Tabira
Dayane Rocha	O vento passa cantando/ Quando é inverno o Sertão
	É esse o quadro avistado/ Da janela do Sertão
Dulce Lima	Forte feito o sertão
Elenilda Amaral	Noite de São João
	Uma tela pintada desse jeito/Só se ver no sertão que fui criada
	Os tabaqueiros
	Labuta do agricultor
Francisca Araújo	O tecido cinzento do sertão/ Com um toque de Deus mudou a cor
	Quando o firmamento chora/O sertão sente alegria
Isabelly Moreira	São João
	Sertão teu, sertão meu, sertão de nós
	Não ouço mais o carão/ Cantando lá na represa
	Coroa de frade
Milene Augusto	Brota verso improvisado/ Do solo da poesia.
	Que o vento passa cantando/Quando é inverno o sertão
	Meu sertão
	Eu nasci no sertão
	Onde eu nasci
Thaynnara Queiroz	Pajeú, nosso corcel/De beleza e alumbramento
	A chuva é quem veste a planta
	E ver o gado berrando/ Na porteira do curral
	Eu nunca fui tão feliz
	Mês sem chuva
	Do chão que meu peito adora
Eu admiro o roçado	

**Fonte:** Dados da pesquisa

Nesse quadro 3 apresentado acima, podemos perceber que das dez cordelistas que compõem esta pesquisa, oito escreveram sobre a temática “sertão”, com uma quantidade bem significativa de poemas. A fim de conhecermos melhor a abordagem das temáticas pelas autoras, vamos apresentar e comentar, brevemente, estrofes de algumas cordelistas.

No livro Vitória Régia (1983), encontramos poemas de Carmem Pedrosa que tratam sobre as diversas nuances do sertão, tais como: a seca, a alegria da chuva, a vegetação, a

admiração pelas coisas do ambiente, o seu lugar e os sentimentos mais vívidos que permearam sua vida e sua vivência sertaneja. No poema: Quando choveu no Sertão”, ela disse:

Admirei as carreiras  
Das famosas corre-campos;  
Vibrei vendo as lamparinas  
Dos pequenos pirilampos,  
Iluminando as estradas  
Que a chuva arrancou os tampos. (Pedrosa, 1983, p. 55)

Ainda nesse quadro, apresentamos, da cordelista Dayane Rocha, poemas que falam sobre o sertão, abordando suas belezas naturais e a fortaleza encontrada em cada espaço sertanejo, bem como suas vivências no sertão. No poema: É esse o quadro avistado/ Da janela do sertão, publicado no livreto de cordel “Balai de Munganga”, Dayane verseja:

Eu lembro quando brincava  
No terreiro da fazenda,  
Já esperava a merenda  
Que minha avó preparava.  
O tacho, pra mim, deixava  
Para raspar o cascão.  
E na beira do fogão,  
Tinha almoço preparado.  
É esse o quadro avistado  
Da janela do sertão.<sup>27</sup>

Ainda sobre a temática “Sertão”, Francisca Araújo, compara a chuva no sertão ao choro no firmamento, narrando, no mote que inspirou o poema, a sequência da preparação do universo para chover, molhar o chão e fazer o sertão sorrir. No poema: “Quando o firmamento chora /O sertão sente alegria”, a poetisa construiu a seguinte décima:

Quando uma nuvem pesada  
Escurece o nevoeiro  
Começa um vento rasteiro  
Deixando a mata assanhada.  
O show da passarinhada  
Faz um coro de poesia,  
Que quem ouve se arrepiá,  
Sabendo que vem melhora.  
Quando o firmamento chora  
O sertão sente alegria.<sup>28</sup>

<sup>27</sup> Poema publicado no folheto de cordel *Balai de Munganga*

<sup>28</sup> Poema transcrito de vídeo gravado no youtube

No poema: “Sertão teu, sertão meu, sertão de nós”, publicado no livro *Canta Dores* (2017), a cordelista Isabelly Moreira apresenta a vida simples do sertão, os costumes e a vivência dos momentos apreciando a natureza que o espaço oferece. A seguir, apresentamos uma estrofe do poema:

Num açude sangrando, a farra é boa!  
 Dão pinote, “timbum”, muito frecheiro.  
 Sugestão de presente é miaeiro,  
 Pra menino não ter dinheiro à toa.  
 Beber água de pote e de quartinha,  
 Jantar boa coalhada com farinha,  
 Descansar numa rede e, logo, após,  
 Conversar co’os vizinhos na calçada,  
 Sob a bênção da noite enluarada:  
 Sertão teu, sertão meu, sertão de nós. (Moreira, 2017, p. 65)

Após a apresentação de algumas estrofes dos poemas que compõem a temática apresentada nesse tópico do estudo, podemos considerar que as cordelistas descrevem o sertão baseado numa visão mais realista. Conseguem, por meio da poesia, construir imagens, narrar cenas que têm uma relação com a história e a vivência de cada uma no seu território sertanejo.

Considerando, então, o quadro com os poemas que tratam sobre essa temática, escolhemos um para, detidamente, discutirmos a abordagem, o posicionamento do eu lírico ou narrador, bem como, a construção formal utilizada pela autora. Como critério de escolha, resolvemos pensar nos diversos subtemas abordados e resolvemos escolher um poema que trata sobre a seca, considerando a resiliência do sertanejo ao enfrentar esse fenômeno ao longo da história. A seguir, vamos analisar o poema: “Imagem da seca”, de autoria da poetisa Carmem Pedrosa.

### **3.4.1 A imagem viva da seca/ Deixando o sertão sem cor**

O Sertão é um tema muito presente na poesia de autoria feminina das autoras que compõem esta pesquisa. Seja apresentando as belezas do sertão ou o sofrimento dos sertanejos em anos de seca, as poetisas do Pajeú demonstram a vivência e um grande orgulho de serem filhas do solo sertanejo. Para analisarmos tanto do ponto de vista temático, quanto dos procedimentos utilizados para construção do poema, selecionamos do Quadro 3, apresentado no subtópico anterior, o poema: “Imagem viva da seca”, de autoria da poetisa Carmem Pedrosa,

Quanto à autora, Carmem Pedrosa, nasceu nos anos 1930, no Sítio Poço Redondo – alto da Serra da Borborema - município de Tabira, no Sertão do Pajeú, estado de Pernambuco. Filha de agricultores, foi criada com nove irmãos, dividindo a vida entre a roça e os afazeres de casa. Autora do livro: *Vitória Régia*, publicado em 1983, a poetisa escreve sobre o sertão, especialmente sobre a seca e a chuva, apresentando uma visão do seu tempo, onde a seca gerava uma situação dramática para os animais e seres humanos. Então, vamos conhecer um pouco da poesia dessa autora. A seguir, apresentamos o poema e algumas discussões sobre ele.

**Imagem viva da seca**<sup>29</sup>  
(Carmem Pedrosa)<sup>30</sup>

As cientistas abelhas  
Voam além do serrado  
Sem encontrarem uma flor  
Nem arvoredo copado.  
Onde reuniam-se plateias.  
Juntas ao zangão disposto  
Morrem de fome e desgosto  
Recuadas nas colmeias.

E a linda rouxinol  
Do galho da laranjeira  
Canta com seu canto triste  
Olhando pra ribanceira,  
Onde a rã raspava o pote  
E famoso caçote  
Corria na capoeira.  
E a linda sabiá  
De sede quase morrendo,  
Canta defronte o filhote  
Como quem canta dizendo:  
Não tem água na represa  
E as coisas da natureza  
Estão desaparecendo.

E o vento buzinando  
Na densa poeira da estrada,  
Onde o bravo sertanejo  
Emigrou com a filharada.  
E no Pajeú sem água  
A juriti canta a mágoa  
Desta seca prolongada.

<sup>29</sup> PEDROSA, Carmem. **Vitória Régia**. Olinda - PE: Tipografia da Fundação Casa das Crianças, 1983

<sup>30</sup> Carmem Pedrosa nasceu em 1930, no Sítio Poço Redondo, município de Tabira - PE. Teve os primeiros contatos com a poesia, em casa. Mulher negra, Carmem promovia, nos anos 80, cantorias com cantadores de viola, em um hotel que coordenava na cidade. Autora do livro: *Vitória Régia*, publicado em 1980. Faleceu em 1997.

E o forte sertanejo  
 Deixa sua região  
 Vai para o sul, pensativo,  
 Em troca de água e pão.  
 Suportando as desvantagens,  
 Conservando as tatuagens  
 Das lembranças do sertão.

Esse poema descreve os cenários da seca no sertão, provavelmente entre os anos de 1950 e 1980, em que os longos anos de seca, embora intercalados, trouxeram grande devastação nas regiões semiáridas, como o Sertão nordestino.

O narrador, em quase todo o poema, constrói imagens da devastação da natureza e principalmente dos animais. Apresenta, ao longo do poema, uma descrição das dores e consequências causadas pela seca na região. No primeiro verso da primeira estrofe, qualifica as abelhas de cientistas, pela capacidade que têm de produzirem mel. Vejamos:

As cientistas abelhas  
 Voam além do serrado  
 Sem encontrarem uma flor  
 Nem arvoredos copados.  
 Onde reuniam-se plateias.  
 Juntas ao zangão disposto  
 Morrem de fome e desgosto  
 Recuadas nas colmeias.

A partir do segundo verso, o narrador apresenta a saga delas à procura de matéria-prima para produzirem o seu produto. Descrevem a ausência de flores para serem colhidas e folhas nas plantas devastadas pela seca, onde as abelhas se reuniam. Nos três últimos versos, apresenta o desfecho trágico dessa procura, em que, de volta à colmeia, as abelhas juntam-se ao zangão e morrem pela incapacidade de produzirem o alimento para sobrevivência.

As palavras “fome” e “desgosto” justificam a causa da morte. De fome, porque não produziram o mel para o próprio sustento; e de desgosto, porque, fazer o mel é uma arte. E artesãs que são, as abelhas perceberam a impossibilidade de produzirem o que mais gostavam de fazer. Na segunda estrofe, o narrador descreve os sentimentos da rouxinol diante do cenário construído pela seca.

E a linda rouxinol  
 Do galho da laranjeira  
 Canta com seu canto triste  
 Olhando pra ribanceira,

Onde a rã raspava o pote  
E famoso caçote  
Corria na capoeira.

Normalmente, a rouxinol tem um canto alegre, otimista. Há quem diga que canta anunciando a primavera. No entanto, o terceiro verso dessa estrofe: “canta com seu canto triste”, expressa a tristeza do rouxinol, observando a ribanceira seca do rio.

No quarto verso: “Onde a rã raspava o pote”, essa expressão retoma uma experiência popular que quando a rã canta, emitindo um som que se assemelha a raspagem de um pote de barro, o sertanejo já pode se alegrar que a chuva está chegando. Porém, o marcador temporal expresso no verbo “raspava”, demonstra uma ação no passado, ou seja, sem sinal de esperança da chegada do inverno. E isso justifica o canto triste do pássaro.

Ainda narrando o sofrimento dos pássaros em anos de seca no sertão, a terceira estrofe do poema descreve o sentimento da sabiá no seu canto, sentindo a falta de água, como uma das consequências da seca. Os três primeiros versos apresentam o drama da mãe, olhando para o filho, sentindo sede e percebendo que a água do açude secou. O narrador demonstra uma relação de afetividade com a natureza e consegue descrever o que sente na voz dos pássaros. Vejamos:

E a linda sabiá  
De sede quase morrendo,  
Canta defronte o filhote  
Como quem canta dizendo:  
Não tem água na represa  
E as coisas da natureza  
Estão desaparecendo.

Após apresentar uma visão dos efeitos da seca na vida e no habitat da fauna sertaneja, insere na cena, a rotina do homem do campo para enfrentar a seca. A quarta estrofe diz o seguinte:

E o vento buzinando  
Na densa poeira da estrada,  
Onde o bravo sertanejo  
Emigrou com a filharada.  
E no Pajeú sem água  
A juriti canta a mágoa  
Desta seca prolongada.

Retratando o destino escolhido pelo sertanejo, a palavra “estrada”, dá sinais da decisão tomada por ele. O zumbido do vento, levantando a poeira, acompanha o homem que emigra



com a família, em busca de sobrevivência. O êxodo rural foi uma grande constante nos longos anos de seca no nordeste, em que as famílias do sertão nordestino começaram a deixar a região e seguiram para os grandes centros do sudeste de país, à procura de trabalho e sobrevivência.

Ainda na mesma estrofe, retomando o canto dos pássaros, o narrador faz referência à falta de água na região do Pajeú, onde a autora nasceu e criou-se. Nos dois últimos versos, relata o canto triste da juriti, presenciando a seca.

Na quinta estrofe, o narrador trata, ainda, da partida do sertanejo para o Sudeste do país, referindo-se a essa região, com a palavra Sul. Era assim, nos anos 60 que os nordestinos quando viajavam para São Paulo, nomeavam de viagem para o Sul. Essa referência está presente nos quartos versos da quinta estrofe.

E o forte sertanejo  
Deixa sua região  
Vai para o sul, pensativo,  
Em troca de água e pão.

Esses versos nos fazem perceber marcas de intertextualidade com o poema “A triste partida, de autoria do poeta Patativa do Assaré. Nesse trecho a seguir, a saída do sertanejo para o sul do país, dialoga com o que apresenta Carmem Pedrosa, nos versos acima. Vejamos o que diz Assaré (1989):

Em riba do carro  
Se junta a família  
Chegou o triste dia  
Já vai viajá[...]

O pai, pesaroso  
Nos fio pensando  
E o carro rodando  
Na estrada do Su. (Assaré, 1989, p. 90 - 91)

O poema de Assaré narra a saga do sertanejo à espera da chuva e a sua decisão em deixar a terra natal e buscar os centros urbanos para sobreviver. Ainda analisando o poema “Imagem viva da seca”, a sexta estrofe narra a chegada do sertanejo no sudeste do país e os primeiros contatos com emprego.

Nas garras do mau patrão  
Passa nas portas da morte  
Porque não tem instrução  
Sofre por conta da sorte.

Porém quando enche a barriga  
 Demonstra com uma briga  
 Que é sertanejo do norte.

Ao utilizar as palavras “garras”, “mau” e “morte”, referindo-se ao patrão, o narrador caracteriza a exploração do trabalho dos emigrantes nos grandes centros, principalmente, “porque não tem instrução”, como diz o terceiro verso. A instrução, neste sentido, refere-se à falta de estudos e conhecimentos, de forma que torna o trabalho braçal pesado e explorado.

O último verso da estrofe faz referência ao “sertanejo do norte.” Então, os emigrantes nordestinos caracterizavam o Nordeste com a palavra norte. Essa expressão aparece também no poema: “Triste partida”, de Patativa do Assaré. Na sétima estrofe do poema, o cenário muda, porque chove no Sertão.

Mas Deus muda a sua sorte  
 Por sua grande humildade.  
 Volta de novo pro Norte,  
 Pra um sítio ou pra cidade,  
 Porque pegou o inverno.  
 Diz: Voltei daquele inferno  
 Pra não morrer de saudade.

Nessa estrofe, é narrado o regresso do nordestino para sua terra natal, em decorrências do inverno. O fato de voltar a chover nas terras nordestinas, abre um leque de esperança e voltar “pro Norte” é motivo de comemoração e alegria. Primeiro, para poder plantar e seguir a vida do campo; e depois, para matar a saudade da família que deixou a sua espera. O inverno, para o sertanejo, é a renovação da esperança, da força e da vontade de continuar lutando. Nesse caso, o narrador idealiza uma realidade que pode não ter acontecido. Primeiro, porque diante da realidade não seria fácil voltar, pelas condições financeiras e, depois, ao voltar, poderia não encontrar o sertão idealizado. Muito poderia ter mudado em sua terra natal.

E por fim, na última estrofe, os dois primeiros versos emitem o saudosismo e a alegria de seu regresso:

Quero é rever meu Nordeste  
 Cheio de pássaros cantando.

Quanto ao regresso, o poema de Carmem Pedrosa e o de Patativa do Assaré diferem. Enquanto Carmem apresenta a volta do sertanejo para o Nordeste, Patativa narra a vontade e a tristeza de não poder voltar. Vejamos, como se dá o desfecho do poema de Patativa do Assaré,

Do mundo afastado  
 Sofrendo desprezo,  
 Ali veve preso  
 Devendo ao patrão.  
 O tempo rolando  
 Vai dia, vem dia,  
 E aquela famia  
 Não vorta mais não! (Assaré, 1989, p. 92)

Voltando ao olhar para o poema de Carmem Pedrosa, o narrador retrata a saudade das coisas simples, das belezas naturais existentes em sua terra natal, não encontrada na cidade grande. Fazer referências à cantiga dos pássaros, é trazer lembrança da calma que o campo ou a cidade pequena oferece.

Do ponto de vista formal, o poema é construído por estrofes compostas de sete versos, denominadas setilhas e cada verso composto por sete sílabas métricas. Embora o poema de autoria de Carmem Pedrosa apresente uma narrativa triste das consequências da seca no sertão nordestino, traz um desfecho do retorno do sertanejo com sua família para viver novamente em sua terra e apreciar a fartura proporcionada por um ano de chuva.

A seguir, apresentamos o terceiro capítulo desta pesquisa, em que trataremos, no primeiro tópico, sobre as contribuições da antologia para a formação de leitores.

#### **4 ANTOLOGIA DE VOZES / DAS MULHERES DO SERTÃO**

Neste capítulo, empreendemos uma breve discussão sobre a contribuição das antologias na formação de leitores. Em seguida, apresentamos a antologia de autoria feminina da literatura de cordel, constituída por poemas das dez poetisas que estão presentes nesta pesquisa. E, por fim, apontamos sugestões de abordagem de leitura em sala de aula, embasados na teoria de Bajour (2012); Marinho e Pinheiro (2012), Rouxel (2014) e Pinheiro (2018; 2024).

##### **4.1 CONTRIBUIÇÃO DAS ANTOLOGIAS NA FORMAÇÃO DE LEITORES**

Quando pensamos em antologia poética, já visualizamos a possibilidade de ter acesso a um conjunto de poemas composto por diversas temáticas e de autorias diferentes. Imaginamos

que a antologia pode ser comparada a um *hiperlink*<sup>31</sup>, em que o leitor navega de um autor para outro, abrindo novas possibilidades e acessando outras leituras, a partir das tantas apresentadas na coletânea. Nesse sentido, acreditamos que a antologia possibilita ao leitor o contato com a diversidade temática, formal e até de contexto de escrita de cada autor, constituindo-se numa riqueza que pode desencadear momentos de leitura e maior facilidade de identificação entre o leitor e o texto.

Então, oportunizar a entrada de uma coletânea de poemas na sala de aula, permitindo diversos caminhos de abordagem, contribui para fortalecer as estratégias de formação de leitores. Defendendo essa ideia, Pinheiro (2017), nas orientações didáticas sobre a antologia: *Poesia Brasileira: das origens ao pré-modernismo*, diz que

Muitos são os caminhos para a abordagem de um conjunto de poemas tão diversificados quanto os desta antologia. Há distâncias e aproximações temporais, formais, temáticas, entre outras. Toda essa diversidade se constitui numa riqueza que favorece um conjunto de entrada para abordá-los (Pinheiro, 2017, p. 217).

Assim, as muitas rotas possíveis para favorecer a leitura de antologias poéticas permitem que os estudantes ampliem os horizontes de leitura, oferecendo-lhes autonomia para navegar pelos diversos campos que essa estratégia oferece.

Ainda sobre a importância das antologias, Alves (2023), faz uma reflexão considerando a sua experiência de leitura, em que quando criança não teve acesso a livros, afirma que na adolescência, as antologias foram decisivas para a sua formação leitora. Hoje, como profissional, organiza antologias para seus estudantes. O autor defende que essa proposta de ler antologia não deve ser cobrada em provas, mas deve servir para ser lida, relida e revisitada em qualquer momento. Assim, Alves (2023), defende a proposição de leitura de antologias na sala de aula, dizendo:

Penso, a partir de minha experiência profissional, que poderíamos indicar antologias para serem lidas ao longo do ensino médio, não como um “paradidático” que será cobrado numa prova, mas como uma pequena biblioteca de versos a serem visitados e revisitados a qualquer hora, em qualquer momento. Isso mesmo: uma antologia – ou várias, por autores, por temas, por formas etc. – que os leitores pudessem acessar na hora que quisessem, como desejassem e para que também pudessem compartilhar com os colegas seus gostos, suas descobertas, suas dúvidas e incompreensões. (Alves, 2023, p. 10)

---

<sup>31</sup> Um hiperlink, segundo a Microsoft support, é um link de um documento para outro que abre a segunda página ou arquivo quando você clica nele. Você pode usar um hiperlink em uma pasta de trabalho no navegador exatamente como você pode em outros aplicativos.

Portanto, ratificando o que propõe Alves (2023) e considerando a importância de reunir poemas e organizar antologias para serem lidas em sala de aula, apresentamos um conjunto de poemas de autoria de mulheres cordelistas que residem no Sertão do Pajeú. A ideia é que essa antologia chegue à sala de aula e seja lida e comentada por estudantes do Ensino Fundamental anos finais, Ensino Médio Regular e EJA – Educação de Jovens e Adultos (Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio), como uma forma de aproximá-los, também, da poesia de autoria feminina e das temáticas tratadas por ela.

Sigamos para o próximo tópico, em que apresentamos os poemas que compõem a antologia de vozes femininas da literatura de cordel do Sertão do Pajeú.

#### 4.2 ANTOLOGIA DE AUTORIA FEMININA DA LITERATURA DE CORDEL

Após apontarmos as temáticas predominantes nos poemas, selecionados para a pesquisa, de autorias de cordelistas do Sertão do Pajeú e discutirmos sobre alguns temas, apresentamos, agora, a antologia feminina da literatura de cordel. Composta por 20 (vinte) poemas de autoria das 10 (dez) poetisas que fazem parte deste trabalho, a antologia é formada pelas cinco temáticas que predominam no *corpus* deste trabalho: “mulher”, “metalinguagem”, “sertão”, “amor” e “político-social”.

Primeiro, definimos as temáticas para compor a antologia, considerando a recorrência nos poemas selecionados para a pesquisa, bem como, a relevância da abordagem e os procedimentos utilizados pela poetisa na construção dos versos. E assim, diante do critério temático, escolhemos os poemas levando em consideração os que pertenciam àquele tema. Relembrando que no capítulo anterior, selecionamos três temas, que consideramos relevantes para comentarmos sobre eles e analisarmos um poema de cada temática, a saber: “mulher”, “metalinguagem” e “sertão”, já comentados nos tópicos do capítulo dois.

Para a antologia, decidimos seguir com esses três temas citados e acrescentar mais dois: o “amor” e a temática político-social”. O “amor” é, sem dúvida, muito presente nas conversas e vivências dos jovens, considerando que, nessa faixa-etária, estão vivendo uma fase de encantamento ou desilusão em relação aos sentimentos. Então, pensar na leitura de poemas que tratam sobre essa temática, pode favorecer uma aproximação entre o leitor e o texto.

Quando tratamos sobre a temática “político-social”, podemos pensar o quanto é relevante e pode favorecer a interação entre leitor e texto, despertando um olhar crítico e, quem sabe, uma tomada de atitude em relação à realidade discutida. Essa temática nos faz lembrar Paulo Freire que acredita que “nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. A ação educativa e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa situação[...]” (Freire, 1968, p. 55) E de fato, a ideia é que a relação dialógica entre mediador e leitor, leitor e poemas possa ser significativa. Sendo assim, passemos à leitura da antologia, composta pelos poemas sobre as temáticas: “mulher”, “metalinguagem”, “sertão”, “amor” e “político – social”.

#### 4.2.1 A poesia encoraja/Nossa luta feminina

Muito presente na poesia de autoria das cordelistas do Sertão do Pajeú, a temática “mulher” comparece para engajar um manifesto de luta, de denúncia e resistência. Para essa temática, selecionamos três poemas: “Mulher”, de Alecsandra Ramalho, “Protesto feminista”, de Elenilda Amaral e “Nós, mulheres, morremos todo dia”, de Isabelly Moreira. Os poemas, embora, com a mesma temática, apresentam uma abordagem variada, em que versam sobre a necessidade da luta coletiva contra o machismo, o enfrentamento à violência contra a mulher e a insatisfação com a invisibilidade do trabalho feminino. Leiamos os poemas.

##### Mulher<sup>32</sup>

(Alecsandra Ramalho)<sup>33</sup>

Na condição de mulher	Eu conclamo a todas nós
Eu nasci e não me esquivo,	A seguirmos de mãos dadas
Pois viver como eu vivo	Se formos silenciadas
Lutando e sempre de pé	Outras erguerão a voz
Não pense que fácil é:	Vamos desatar os nós
Eu luto contra gigantes	Sabotar quem nos sabota
Machistas, ignorantes,	Deixemos de ser chacota
Mas socialmente aceitos	Fraquejada é quem nos chama!
Que prendem nossos direitos	Quem mata mulher, não ama:
Pra se manter confiantes.	É machista e idiota!

<sup>32</sup> Poema disponibilizado pela autora via e-mail

<sup>33</sup> Natural de Tabira-PE, Alecsandra é professora, mestra em Literatura pelo ProfLetas – UFPE. Cordelista, escreve literatura de cordel, mas também poesia livre. Sócia da APPTA (Associação de Poetas e Prosadores de Tabira), é uma defensora da poesia do Sertão do Pajeú, especialmente de autoria feminina. É autora do livro: FlorEssência – onde brilha o sol, publicado em 2017.

**Protesto feminista<sup>34</sup>**(Elenilda Amaral)<sup>35</sup>

Não, não diga que sou uma ajudante  
 Se eu trabalho contigo lado a lado,  
 Cada cova do milho do roçado  
 Sabe a força que tem meu ser pujante.  
 Cada marca que tem no meu semblante  
 São traçados que a vida rabiscou,  
 A caneta do tempo não parou,  
 Escrever meu destino, é meu dever  
 Respeitando o desejo e meu querer  
 Pra fazer meu protesto, aqui estou.

Meu protesto é legítimo e sem receio  
 Não consiste em nenhuma vaidade.  
 Se na lida do campo eu sou metade  
 Também quero lucrar de meio a meio.  
 Pro sustento de casa, eu sou esteio  
 Quando a força é somada, há garantia...  
 Não é justo uma mão ficar vazia,  
 Quando as quatro tem marcas de labuta;  
 Quem divide as agruras de uma luta  
 Quer justiça e equidade todo dia.

Não se afogue com as ondas do machismo  
 Doentio, persistente e matador...  
 Não sou só a mulher do agricultor  
 Planto e colho também o feminismo.  
 Abandone a cultura do achismo:  
 Que a mulher é mais frágil e dependente;  
 Rompa com a visão de antigamente  
 Que mulher não nasceu pra trabalhar  
 Erga a vista e amplie o seu olhar  
 Pra poder enxergar um pouco à frente.

Não, você não me ajuda em nosso lar...  
 O trabalho doméstico é de nós dois;  
 Se eu cozinho o feijão e o arroz  
 Você lava as panelas do jantar.  
 Eu também necessito descansar...  
 São diversos momentos de exaustão;  
 Eu não sou a guerreira da nação  
 Sua visão é romântica ultrapassada;  
 Estou sempre ocupada, assoberbada,  
 Meu protesto é por justa divisão.

**Nós, mulheres, morremos todo dia<sup>36</sup>**(Isabelly Moreira)<sup>37</sup>

<sup>34</sup> ALMEIDA, Derlon (Org.) **Plantando poesia**. Melo Horizonte – MG: Impressões de Minas, 2022.

<sup>35</sup> Nascida em Tavares (PB), reside em Afogados da Ingazeira desde os 4 anos de idade. Cordelista, glosadora de improviso, ministra oficinas de poesia, apresenta programa cultural na Rádio Pajeú, em Afogados da Ingazeira. Em 2013, foi uma das primeiras mulheres a participar de uma mesa de glosas mista (com homens e mulheres). Em 2015, foi a primeira mulher a participar da Mesa de Glosas do Pajeú, realizada em Tabira, organizada pela APPTA (Associação de Poetas e Prosadores de Tabira). Elenilda compõe Mulheres de Repente, participando de Mesas de Glosas em todo o Brasil.

<sup>36</sup> Publicado na *Revista Observatório cultural*, ed. 25, 2019, p. 108

<sup>37</sup> Nascida em São José do Egito – PE. Poetisa, cordelista, declamadora, produtora cultural e artista musical, desde pequena, sempre se interessou pela poesia do Pajeú. Compõe o grupo musical “As Severinas”, produz eventos culturais e projetos que fomentam o acesso à poesia. É autora de diversos cordéis e do livro: “Cantadores”, publicado em 2017.

Nós, mulheres, morremos todo dia  
 Pelas mãos de maridos, namorados.  
 E o jornal sanguinário anuncia:  
 Mortes, mortas, destinos desgraçados.  
 Uma ossada encontrada num terreno;  
 Um pulmão perfurado leva um dreno;  
 Na cintura: uma faca dele, nela;  
 Os sinais de defesa em cada mão,  
 Ironia cruel da criação  
 Quando a fêmea fratura uma costela.

Justo nela? Do elo em criatura.  
 Sim! O barro que faz é o que enterra.  
 E o homem que beija é o que tortura  
 E que tenta explicar da vez que erra,  
 Joga a culpa pra ela e pra o ciúme,  
 Culpar vítima, aqui, virou costume.  
 Sinto nojo da frase de um carrasco  
 Que vomita jargão de um bem eterno  
 E o que foi paraíso, vira inferno  
 Se a palavra do amor se torna asco.

Um fiasco contorna a profissão  
 Que também é cenário de assédio.  
 Vira e mexe a figura do patrão  
 É a causa de um trauma sem remédio.  
 Mexe e vira, o transporte coletivo,  
 Filas, bancos e becos são motivo  
 Para que a mulher se apavore  
 Com o gesto obsceno do agressor  
 Ou qualquer falsa forma de amor  
 Faz com que cada caso só piore.

Que se tore o machismo matador  
 Inquilino de irmãos, amigos, pais...  
 Que o Estado se torne protetor  
 Para que não sejamos numerais.  
 Que a voz da mulher não silencie,  
 E nenhum dedo em riste atrofie  
 Frente à cara covarde e à covardia.  
 Toda causa exige um compromisso  
 E enquanto alguém se cala e é omissor,  
 Nós, mulheres, morremos todo dia.

#### 4.2.2 A poesia se encontra / Nas nuances da linguagem

Com uma presença marcante nos poemas que compõem o corpus desta pesquisa, a metalinguagem é um recurso que incorpora, no próprio poema, temas, procedimentos, interrogações, percepções sobre a natureza da poesia. Nessa temática, escolhemos três poemas: “Como encontro poesia”, de Carmem Pedrosa, “Em todo canto há um novo mundo”, de Francisca Araújo e “O desencontro da poesia”, de Thaynnara Queiroz. Os poemas apegam-se a recursos diferentes para descrever a própria poesia. O poema de Carmem Pedrosa recorre a natureza e seus elementos para descrevê-la. O de autoria de Francisca Araújo e de Thaynnara Queiroz dispõem dos sentimentos reveladores e da inspiração, para enunciá-la. Vejamos.



**Como encontro poesia**<sup>38</sup>  
Carmem Pedrosa<sup>39</sup>

Eu encontro poesia  
Num gibão de couro cru  
Na carreira do novilho  
No urro do boi zebu  
Nos brancos cílios compridos  
Da flor do mandacaru.

Eu encontro poesia  
Nos seixos do tabuleiro  
Na espora de metal  
Na perneira do vaqueiro  
Nas quatro patas bisunhas  
Do valente perdigueiro.

Na destreza do vaqueiro  
No seu cavalo alazão  
No garrote mandingueiro  
Que urra cavando o chão  
Jogando a terra no lombo  
Na boca do boqueirão.

Na lealdade dum cão  
Quando fica a tocaiar  
As alpercatas do dono  
E se alguém se aproximar  
Ele avança na garganta  
Que só falta estrangular.

É no quadro mais bonito  
Na sombra do juazeiro  
Um boiato descansando  
Mas quando avista o vaqueiro  
Corre que os cascos se enterram  
Nas pedras do tabuleiro

As flores do juazeiro  
Parecem brancas centelhas  
Beijadas por borboletas  
Sugadas pelas abelhas  
Quais secretárias divinas  
Que se dividem em parselhas.

Nas árvores que têm orelhas  
Eu conheço o pé de angico  
Com suas hastes linheiras  
Seus galhos cheio de picos  
Nas suas folhas rendadas  
Os ninhos dos ticos-ticos.

Pra fazer rendas e bicos  
Espinhos de mandacaru  
O cacto mais resistente  
Do vale do Pajeú  
Erguendo os braços pro céu  
Parece um moleque nu.

<sup>38</sup> PEDROSA, Carmem. **Vitória Régia**. Olinda - PE: Tipografia da Fundação Casa das Crianças, 1983

<sup>39</sup> Carmem Pedrosa nasceu em 1930, no Sítio Poço Redondo, município de Tabira - PE. Teve os primeiros contatos com a poesia, em casa. Mulher negra, Carmem promovia, nos anos 80, cantorias com cantadores de viola, em um hotel que coordenava na cidade. Autora do livro: *Vitória Régia*, publicado em 1980. Faleceu em 1997.

Umbuzeiro com umbu  
 Maduros dum verde louro  
 A linda burra leiteira  
 Furada pelo besouro  
 Galhos secos de jurema  
 Ninhos de casaca de couro.

Não sei como um anum preto  
 Este divino artesão  
 Com o bico tão pequeno  
 Usa tanta perfeição  
 Faz uma trança bem feita  
 Na crina do azulão.

Na bravura dum cão  
 Que passa noites de sono  
 Deitado numa calçada  
 Para proteger seu dono  
 É vigia sem salário  
 Termina no abandono.

Na urtiga cansação  
 Que beija-flor faz o ninho  
 Com sua técnica divina  
 Tira espinho por espinho  
 Machuca todos com bico  
 Transformando em pergaminho.

E forra o centro do ninho  
 Com a maior atenção  
 Nessa técnica abençoada  
 Do autor da criação  
 A gente olhando de longe  
 Pensa até que é algodão.

Acho bonito o canção  
 Esse pássaro inteligente  
 Vive cantando na mata  
 Mas quando avista a serpente  
 Para chamar seus companheiros  
 Ele canta diferente.

Levanta a voz, canta urgente  
 Faz diferente manobra  
 Voa pra cima e pra baixo  
 Tão rápido que a asa dobra  
 Como quem diz para os outros  
 Vamos matar esta cobra.

Eu encontro poesia  
 Em tudo que deixei lá  
 Desde as abelhas que zumbem  
 Nas flores do cambucá  
 Ritmos de violoncelos  
 A linda estampa dos pelos  
 Do gato maracujá.

Eu encontro poesia  
 Até na serpente enorme  
 Que se arrasta pelas grutas  
 Na hora em que a mata morre  
 Até com o vento se espanta  
 Enrosca num pé de planta  
 Para mudar de uniforme.

Eu encontro poesia  
 No riso duma criança  
 Nos primeiros balbucios  
 Que a mamãe da fala mansa  
 Ensinou-lhe a balbuciar  
 E ela aprende expressar  
 Paz, amor e esperança!

Eu encontro poesia  
 No nervoeiro cinzento  
 Nesses rosários de estrelas  
 Que vejo no firmamento  
 No vento que sopra brando  
 Qual odalisca chorando  
 Sem revelar seu tormento!

## Em todo canto há um novo mundo<sup>40</sup>

Francisca Araújo<sup>41</sup>

Eu não tenho um conceito definido  
Que resuma o que é a poesia  
Por mais vezes que busque esse sentido  
Remontando o painel da fantasia...  
Ela salta das quadras e tercetos,  
Pulsa forte na veia dos sonetos,  
Mergulhando no mar da inspiração...  
Canta ainda as chegadas e partidas,  
Nos olhares que choram despedidas,  
Pra dar voz ao que sente o coração.

Flor que brota do ramo da cultura,  
No pomar divinal das belas artes,  
Entre tantas reluz de forma pura  
Espalhando o saber por muitas partes.  
Ela cabe na palma do universo  
E por ter um conceito tão diverso  
Ninguém sabe qual será a sua idade...  
Mas seu cheiro comparo ao da essência  
De um poema na sombra da carência  
Cochilando nos braços da saudade.

Quando o vate desliza a mão na prima  
O bordão afinado logo soa  
E parece dizer ao som da rima  
Que ela dança por dentro da pessoa.  
Nesse mesmo rojão sai entretendo  
Puxa a linha do verso e vai tecendo  
Os mistérios do mundo e os que sente...  
Qualquer tema desata se preciso  
Bastam só dois retalhos de improviso  
Com dez cordas na agulha do repente.

Venha ao céu dos meus sonhos, quero vê-la  
Encantar-se na prece mais tranquila  
Por que posso rimar pra descrevê-la  
Mas preciso sonhar pra descobri-la...  
Incendeie a esfera desses astros  
Deixe meros sinais ou alguns rastros  
Parta assim que surgir a luz da aurora...  
Forre a cama macia do meu peito,  
Se quiser adormeça no meu leito,  
Diga um verso qualquer e vá embora!

Eu recito um minuto de protesto  
Quando a dor do meu pranto cai sem voz  
E confesso o temor de todo o resto  
Ao estar junto a ela, mas a sós...  
Ah, quem dera compor mais um poema,  
Sem que o tempo desbote a cor do tema  
Para tê-la por mim sempre lembrada...  
Já que todos que fiz vi perecendo,  
Com o suor das palavras escorrendo  
Gota a gota, da folha rabiscada.

Quis fugir do conforto do meu ninho,  
Engasguei-me no silêncio dos meus lábios,  
Pois só vi, nas lonjuras do caminho,  
Passos tolos buscando rumos sábios.  
E voltei sem explicar essa magia...  
Pois só sei contemplar a Poesia  
Sendo ela que em tudo me completa,  
Entre tantas razões, por ser perfeita...  
E, pra tentar desvendar do que foi feita,  
Sonhos, às vezes, meu Deus, que sou Poeta!

<sup>40</sup> Poema disponibilizado pela autora via WhatsApp.

<sup>41</sup> Nasceu em Iguaraci – PE. É poetisa, declamadora e glosadora de improviso. Participou de diversas coletâneas e tem um cordel publicado intitulado “Respeito não é somente no dia internacional”, escrito em homenagem aos 14 anos da promulgação da Lei Maria da Penha. Participou da Websérie: Escritoras negras do Sertão de Pernambuco. É umas das seis mulheres que participa da Mesa de Glosas do Pajeú, realizada em Tabira, pela APPTA e compõe Mulheres de Repente, participando de Mesas de Glosas pelos diversos estados do Brasil.

## O desencontro da poesia<sup>42</sup>

Thaynnara Queiroz<sup>43</sup>

Foi assim, que um belo dia  
Me perdi num pensamento  
Inventei um paradoxo  
Começou o meu tormento  
Não sei nem como eu conto  
Sem morrer de sentimento

De sentimento se morre?  
Eu digo que morre sim  
Nunca morri de facada  
Nunca atiraram em mim  
Mas meu peito todo dia  
Acha o caminho do fim.

E se alguém aqui me entende  
É que não falo besteira  
Quem achar muito confuso  
Se levante da cadeira  
Fique lá fora que chamo  
Na sextilha derradeira.

Continuando o assunto  
Somente por um segundo  
Eu propus ao meu olhar  
O desafio profundo  
De separar-se de mim  
Pôr-se num lado do mundo.

Onde ambos, vida e morte  
São coisas inexistentes.  
Lá, só a memória existe,  
O conceito, a dor da gente  
E a alegria em tal solo  
São as chamadas sementes.

Enfim, tornou-se impossível  
Dar fim a esse universo  
Tornei-me eu lírico em mim  
Pois onde nascia o verso  
Era casa de aldeia  
Pra onde mandei meu reverso.

Se uma palavra surgia  
Era a tal quem me pensava  
Daí meu ego aturdido  
Era a mim que reclamava  
Mas se eu ia protestar  
A palavra se calava.

Posta em tal situação  
Resolvi, então, ceder  
Ouvir com resiliência  
O que tinha a dizer  
Já que era carcereira  
E me tinha em seu poder.

Nunca foi ela direta  
Sempre usou de arroteio  
Se eu fosse pela beirada  
Ela ia pelo meio  
Tentando chegar primeiro  
Toda vez errei em cheio.

Mas errando eu achei coisas  
Que perdi ao acertar  
Achei um retrato antigo  
Um jeito antigo de olhar  
Achei mesmo um esquecido  
Jeito meu de desejar.

E assim fui achando bom  
Que por suas linhas tortas  
A palavra foi me dando  
O meio para abrir portas  
Por onde passam os cheiros  
Das horas que já vão mortas.

Era a palavra queimando  
Em meu peito que, aumentando,  
Parecia não caber.  
Ela fazendo um bodado  
Não se aperreava nunca  
Com meu jeito aperreado.

Olhando, às vezes pra dentro,  
Acho até que me pareço  
Um pouco comigo mesma.  
E achando que eu mereço,  
Arisco um autorretrato  
Num verso que eu mesma teço.

Será saudade que eu sinto  
Quando penso em quem eu era?  
Ou quando eu sinto que morro  
Se me conto essa quimera:  
Que me reencontro ainda  
Em alguma primavera?

<sup>42</sup> Poema publicado no folheto de cordel: Desencontro da poesia.

<sup>43</sup> Nascida em Afogados da Ingazeira, poetisa, cordelista e glosadora, é membro-fundadora do Clube de Cordel, Academia Afogadense de Letras. Autora de diversos cordéis e do livro: Estrelas, publicado em 2021. É uma das seis mulheres que participam da Mesa de Glosas do Pajeú realizada pela APPTA, em Tabira. Participa de Mesa de glosas em várias regiões do país, compondo o grupo Mulheres de Repente.

### 4.2.3 Seja na seca ou na chuva / O sertão é esperança

O Sertão é uma temática muito presente na literatura de cordel. Nos textos de autoria feminina das cordelistas do Sertão do Pajeú encontramos diversos poemas que tratam sobre esse assunto. Nessa temática, escolhemos, para a antologia, três: “Imagem viva da seca”, de Carmem Pedrosa, “Sertão”, de Dayane Rocha e “Uma tela pintada desse jeito/ Só se ver no sertão que fui criada”, de Elenilda Amaral. O poema de Carmem Pedrosa versa sobre a seca que assolou o sertão, de forma que potencializou a emigração. Os poemas de Dayane Rocha e Elenilda Amaral apresentam as belezas e a paz de ser sertão. Leiamos.

#### Imagem viva da seca<sup>44</sup>

Carmem Pedrosa

As cientistas abelhas  
Voam além do serrado  
Sem encontrarem uma flor  
Nem arvoredos copados.  
Onde reuniam-se plateias.  
Juntas ao zangão disposto  
Morrem de fome e desgosto  
Recuadas nas colmeias.

E a linda rouxinol  
Do galho da laranjeira  
Canta com seu canto triste  
Olhando pra ribanceira,  
Onde a rã raspava o pote  
E famoso caçote  
Corria na capoeira.

E a linda sabiá  
De sede quase morrendo,  
Canta defronte o filhote  
Como quem canta dizendo:  
Não tem água na represa  
E as coisas da natureza  
Estão desaparecendo.

E o vento buzinando  
Na densa poeira da estrada,  
Onde o bravo sertanejo  
Emigrou com a filharada.  
E no Pajeú sem água  
A juriti canta a mágoa  
Desta seca prolongada.

E o forte sertanejo  
Deixa sua região  
Vai para o sul, pensativo,  
Em troca de água e pão.  
Suportando as desvantagens,  
Conservando as tatuagens  
Das lembranças do sertão.

Nas garras do mau patrão  
Passa nas portas da morte  
Porque não tem instrução  
Sofre por conta da sorte.  
Porém quando enche a barriga  
Demonstra com uma briga  
Que é sertanejo do norte.

Mas Deus muda a sua sorte  
Por sua grande humildade.  
Volta de novo pro Norte,  
Pra um sítio ou pra cidade,  
Porque pegou o inverno.  
Diz: Voltei daquele inferno  
Pra não morrer de saudade.

Quero é rever meu Nordeste  
Cheio de pássaros cantando  
E os mansos sertanejos  
Iguais cordeiros pastando.  
Onde a mulata bonita,  
Com seu vestido de chita  
Nasce e cresce trabalhando.

<sup>44</sup> PEDROSA, Carmem. **Vitória Régia**. Olinda - PE: Tipografia da Fundação Casa das Crianças, 1983

**Sertão**<sup>45</sup>  
Dayane Rocha<sup>46</sup>

O céu se veste de chuva  
O vento passa bulindo  
Pra terra que tá secando  
Todo inverno é bem-vindo  
E a gente, feito um canário,  
Fica olhando o cenário  
Achando o sertão mais lindo.

**Uma tela pintada desse jeito  
Só se ver no sertão que fui criada**<sup>48</sup>  
Elenilda Amaral

Uma chuva fininha ao fim do dia  
Apagando a poeira do caminho  
Um cachorro latindo bem baixinho  
No terreiro servindo de vigia  
Um vaqueiro juntando a vacaria  
Mais alegre depois da chuarada  
Um bezerro apoiando uma mamada  
Pra dormir mais feliz e satisfeito  
Uma tela pintada desse jeito  
Só se ver no sertão que fui criada

Uma casa com cinco ou seis janelas  
Onde o vento entra e sai sem ser trancado  
Um dos tornos pendente, atrofiado  
Sustentado um gibão e várias selas  
Um arranjo de flores amarelas  
Ornamenta uma mesa bem forrada  
E a família ao redor toda sentada  
Compartilha o jantar que foi bem-feito  
Uma tela pintada desse jeito  
Só se ver no sertão que fui criada.

**Eu nasci no sertão**<sup>47</sup>  
(Milene Augusto)<sup>49</sup>

Eu nasci no sertão de Severina,  
Onde o verso navega em todo canto,  
Onde a rima nos cobre como um manto  
E a toada nos toca e muito ensina.  
Comecei a rimar desde menina,  
Vendo a lua brilharno escuro chão,  
Me inspirei vendo mãe me dando a mão,  
Quando eu lhe dizia: "mãe, a bença!"  
E não há nesse mundo quem convença  
Eu deixar de viver no meu sertão.

Vi meu pai trabalhando no roçado,  
Escutando no rádio a cantoria,  
E eu notei logo cedo essa magia  
Que existe no vers improvisado.  
O meu jeito de ser é inspirado  
Na leveza dos versos de Cancão,  
Onde eu moro se chama Solidão,  
Porém, lá solidão não faz morada,  
Pois aqui eu estou sempre cercada  
Das riquezas que têm no meu sertão.

<sup>45</sup> Poema disponibilizado pela autora via WhatsApp

<sup>46</sup> Residente em Brejinho de Tabira - PE, glosadora e cordelista, participou de várias coletâneas de poesia, tem cordéis publicados. Participou, em 2013, pela primeira vez na Mesa de glosas mista, realizada em São José do Egito. Foi umas primeiras mulheres a participar da Mesa de Glosas do Pajeú realizada em Tabira e organizada pela APPTA (Associação de Poetas e Prosadores de Tabira). Compõe o grupo Mulheres de Repente, participando de mesas de Glosas por diversas regiões do Brasil.

<sup>47</sup> Poema disponibilizado pela autora via WhatsApp

<sup>48</sup> Poema publicado no Instagram da autora

<sup>49</sup> Nasceu em Solidão – PE. Poetisa, cordelista, declamadora e glosadora, Milene começou muito jovem a frequentar eventos de poetisa. É uma das seis mulheres que participa da Mesa de Glosas do Pajeú realizada em Tabira pela APPTA (Associação de Poetas e Prosadores de Tabira) e integra o grupo Mulheres de Repente, participando de Mesas de Glosas pelo Brasil.

Eu só peço a Jesus sabedoria  
 Pra que eu possa vencer com meu suor  
 Que eu não queira ser mais ou ser melhor  
 Mas qu'eu possa vencer a cada dia.  
 Que a pureza que tem na poesia  
 Seja a mesma que tem no coração,  
 E que quando eu fizer minha oração  
 Cada anjo me escute e diga "amém",  
 Que eu não queira ser mais do que ninguém  
 E eu não deixe por nada o meu sertão.

#### 4.2.4 Na espera ou desencanto / O amor se faz presente

O amor comparece na poesia de todas as épocas. Assim, também, temos essa temática em abundância nos poemas, corpus de nosso estudo. Para essa antologia, escolhemos cinco poemas, “Recaída”, de Dayane Rocha, “Desenganos do amor”, de Dulce Lima “Que eu chorei escondida e ninguém viu, /Nem você nunca soube que eu chorei”, de Milene Augusto e “Embalos dos sonhos”, de Isabelly Moreira. Os cinco poemas consagram e sentem o amor de uma forma diferente. Leiamos os poemas, a seguir.

**Àquele que há de vir**<sup>50</sup>  
 Alecsandra Ramalho

Apressa-te, amado meu,  
 Venhas buscar o que é teu!  
 O tempo passa ligeiro  
 E meu ser tão torturado,  
 Está mais apaixonado  
 Pois teu verso foi certo.  
  
 Como flecha me atingiu  
 E o meu coração abriu  
 Com a poesia tua.  
 Desfez todos os laços  
 Fui envolta em teus abraços  
 E tornei-me a tua lua!

**Recaída**<sup>51</sup>  
 Dayane Rocha

Eu não sei se, de fato, superei  
 Quando digo que sim, se alguém pergunta  
 Ou é só a saudade que se junta  
 No lugar que eu já me confortei.  
 Não pretendo voltar, pois eu bem sei  
 Porque foi que sai do seu caminho.  
 Vez por outra, a saudade faz carinho,  
 Mas lembrar só o bom, não justifica.  
 Pois se tiro o ruim, você não fica  
 E por isso, o meu peito está sozinho.

**Desencantos do amor**<sup>52</sup>  
 Dulce Lima<sup>53</sup>

Fui, na vida, uma inquilina  
 Dos desencantos do amor.  
 Sem jamais ao mundo expor  
 Razões de tão triste sina...  
 Nas lições que a dor ensina,  
 Aprendi o que é sofrer;  
 Porém não posso esquecer  
 Mágoas de um passado omisso.  
 Só se acaba tudo isso  
 Um dia quando eu morrer.

<sup>50</sup> RAMALHO, Alecsandra. **FlorEssência – Onde brilha o sol**. Afogados da Ingazeira – PE: R S G Gráfica Editora Ltda, 2017

<sup>51</sup> Poema publicado no folheto de cordel: Balai de Munganga.

<sup>52</sup> Disponibilizado pela autora via e - mail

<sup>53</sup> Nascida em 1939, no Sítio Pocinhos de Tabira, poetisa, cordelista e cronista, Dulce Lima é sócia fundadora da APPTA (Associação de Poetas e Prosadores de Tabira). Ativista em defesa da poesia do Pajeú. Mediadora de oficinas do Ponto de cultura da APPTA, realiza oficinas em escolas, fomentando a identidade poética do Pajeú, oportunizando o acesso dos alunos à literatura de cordel. É Autora do livro: *Sertão: Cenário de Crônicas e versos* (2015). Atualmente, escreve trovas e é vencedora de diversos concursos em várias regiões do Brasil.

**Que eu chorei escondida e ninguém viu,<sup>54</sup>**  
**Nem você nunca soube que eu chorei.**  
 Milene Augusto

Acabou! Terminou! Chegou ao fim!  
 Um adeus, um abraço e um aceno!  
 E o meu coração pensou pequeno,  
 Mas parei, respirei, pensei em mim.  
 Se você preferiu seguir assim,  
 Eu só posso é fingir que aceitei.  
 O meu peito cansou, e eu cansei  
 De falar pra quem nunca me ouviu.  
 Que eu chorei escondida e ninguém viu  
 Nem você nunca soube que eu chorei.

Eu pensei que talvez eu fosse ser  
 Tudo aquilo que um dia você quis,  
 E agora não sei nem ser feliz  
 Porque só aprendi a lhe querer  
 Vou tentar dar um fim nesse sofrer,  
 E apagar as lembranças, mas não sei  
 Como vou esquecer que entreguei  
 O meu peito pra quem só me feriu  
 Que eu chorei escondida e ninguém viu  
 Nem você nunca soube que eu chorei.

Nossa história serviu de aprendizado  
 É que um laço apertado vira nó,  
 E folgado demais desata e só  
 Fica só o desgaste amarrotado.  
 Vou tentar lhe deixar lá no passado  
 Porém lembre que errou, e eu errei,  
 Que não quis me amar, mas eu amei  
 E doeu lhe olhar quando partiu,  
 Que eu chorei escondida e ninguém viu  
 Nem você nunca soube que eu chorei.

**Embalos dos sonhos<sup>55</sup>**  
 Isabelly Moreira

A tua delicadeza  
 É maior que a de uma ave  
 Que leva no bico a chave  
 Da porta da natureza.  
 Voando livre a canção,  
 Sendo tu, inspiração  
 Que o mundo trouxe pra mim.  
 E pra não ser devolvida,  
 Peço humilde, enternecida:  
 Só floresça em meu jardim!

Tanto tempo já passado  
 E a gente do mesmo jeito:  
 Mesmo carinho e respeito,  
 Mesmo interesse aflorado.  
 Mas eu vejo a diferença,  
 Pois o tanto da querença  
 Sinto que é progressivo!  
 Amor que me guia a vida  
 E pra me manter erguida,  
 Tu és meu maior motivo!

Faço mais outros pedidos:  
 Perdoa-me se eu falhar  
 Por não poder te ofertar  
 Teus valores merecidos.  
 Mas saiba que eu tenho, aos montes,  
 Carinhos das puras fontes  
 Que talvez em mim habitem.  
 Porque a minha poesia  
 Tenta imitar a magia  
 Que só teus olhos transmitem.

#### 4.2.5 A poesia não cala/ Perante a desigualdade

A poesia é um instrumento de resistência, denúncia. Com esse objetivo, ela comparece nos poemas que tratam sobre a temática “político – social”. Tratando sobre independência do Brasil do ponto de vista social e reivindicando melhorias, Andreia Miron escreveu o poema: “Brasil, cadê tua independência?”. Sobre a democracia, Carmem Pedrosa apresenta: “O que é democracia?”. Milene Augusto, ainda numa visão política, oferece-nos o poema: “O futuro

<sup>54</sup> Poema disponibilizado pela autora via WhatsApp

<sup>55</sup> MOREIRA, Isabelly. **Cantadores**. Teresina - PI: Halley, 2017



está em nossas mãos”. Numa visão social, Dulce Lima escreveu: “Contradições de Natal” e Isabelly Moreira: “Sem número nem endereço”. Vejamos, logo a seguir, os poemas:

**Brasil, cadê tua independência?**<sup>56</sup>

Andreia Miron<sup>58</sup>

Se tua dívida é tão alta  
E queres morrer pagando  
Se teu governo é tão “sério”,  
Pra que viver enrolando  
A nossa carente massa  
Que, com o tempo que passa,  
Tá mais e mais desabando?...

Se tu és o mais católico  
Dentre todos os países,  
Por que é que se mata tantos  
Inocentes, infelizes?  
E os abortos ilegais  
Que acabam com toda a paz  
Das que chamam meretrizes?

Se a “gangue” é tão perigosa  
E a “Farda” despreparada;  
Se a saúde adoeceu,  
E a educação já é nada,  
Com essa pobreza rica,  
Quer ver como é que fica,  
A querida Pátria Amada?

Mostra, Brasil, tua cara  
Através da inteligência,  
Demonstra a tua cultura,  
Busca também a ciência.  
Não quero te criticar,  
Mas como não perguntar?  
Cadê tua independência?

**O que é democracia?**<sup>57</sup>

Carmem Pedrosa

Democracia, meu povo,  
Que alguém sabe e não diz  
Não é estes militares  
Atacando a nós civis,  
Nos cobrindo de defeitos,  
Assassinando os direitos  
Das leis do nosso país.  
[...]

Democracia não é  
A nódoa da lei forjada  
Que expulsa os pobres das fábricas  
Sem seguro, sem ter nada,  
E manda um grupo se armar  
Pra em seguida espancar  
A multidão desarmada.

Democracia é o elo  
De paz entre os continentes  
E fidalga inimiga  
Dos generais prepotentes  
Que mandam queimar revistas,  
Assassinar jornalistas  
E zombam de seus parentes.  
[...]

Democracia é igualdade  
Direito e filantropia.  
Era o que Gandhi pregava,  
Era o que Cristo fazia.  
Vem, Cristo, pregar de novo,  
Que os monstros que matam o povo  
Matam a democracia!

<sup>56</sup> Poema publicado na I Antologia de Tabira – Poesia e Prosa, organizada em 2008 pela Associação de Poetas e Prosadores de Tabira - APPTA p. 179.

<sup>57</sup> PEDROSA, Carmem. **Vitória Régia**. Olinda - PE: Tipografia da Fundação Casa das Crianças, 1983

<sup>58</sup> Nascida, na cidade de Tabira – PE, Cordelista e policial militar, na adolescência participou de Grupo de Teatro, foi presidente da APPTA (Associação de Poetas e Prosadores de Tabira), durante 2 mandatos. Autora de vários folhetos de cordel, a poetisa participa de eventos que contribuem e fomentam à poesia no Sertão do Pajeú.

**O futuro está nas nossas mãos<sup>59</sup>**

Milene Augusto

Não podemos, de fato, reverter  
 Os desgastes que afligem a nação  
 Mas podemos, então, compreender  
 Que o futuro está na nossa mão.  
 É na urna que habita o direito  
 E se for presidente ou prefeito  
 Deve agir de uma forma transparente.  
 Que não seja pra nós um ser hostil,  
 Que procure fazer com que o Brasil  
 Evolua e consiga andar pra frente.

O presente medonho que vivemos,  
 A cultura se esvai e ninguém ver,  
 Fico olhando o futuro (que não temos),  
 E a criança sem nada pra comer.  
 Muita gente não olha pra nação,  
 E o pobre descalço, pés no chão,  
 Ergue os olhos, não vê uma esperança.  
 É um povo que chora e padece  
 É um grito de luta que esmorece  
 É o futuro negado da criança.

Bora lá, ô meu povo! Pra quê medo?  
 Que o Brasil só tem jeito se a gente  
 Procurar escrever o nosso enredo  
 Desenhando o futuro no presente.  
 Se levantem, se unam, vão à luta!  
 Não queremos vingança, nem disputa,  
 Só estamos em busca do direito!  
 Não queremos nem bomba, nem fuzil,  
 Só queremos, de fato, que o Brasil  
 Possa um dia dizer: "EU TIVE JEITO".

**Contradições do Natal<sup>60</sup>**

Dulce Lima

Dois anjos passam risonhos,  
 Felizes os sinos tocam  
 Crianças famintas mostram  
 Um pisca-pisca de sonhos.  
 São meninos tão tristonhos  
 Num Natal de esquecimento.  
 Brinquedo sem movimento  
 Que logo vai se quebrando,  
 Quem tiver coração brando  
 Chora no mesmo momento.

---

<sup>59</sup> Poema disponibilizado pela autora via WhatsApp

<sup>60</sup> Disponibilizado pela autora via e-mail.

**Sem número, sem endereço**<sup>61</sup>

Isabelly Moreira

Era uma vez uma casa  
 Cujo céu era o telhado.  
 As telhas feitas de estrelas,  
 As ripas, de ensolarado.  
 Paredes feitas de vento,  
 Sem tijolo e sem cimento.  
 A porta, só de entrada,  
 As janelas eram olhos,  
 O quintal cheio de abrolhos  
 Emendava na calçada.

Alguns postes eram luzes,  
 Que deixavam a noite acesa.  
 Depois, uns faróis de carros  
 Refletiam sobre a mesa,  
 Feita na palma da mão.  
 A cadeira, o próprio chão,  
 De pedra áspera e quente.  
 O tapete era de asfalto,  
 E um batente bem alto  
 Era parede de enchente.

Tão simples eram seus móveis,  
 Que a cama era papelão.  
 Nada vinha encomendado  
 Pra compor decoração.  
 Um cobertor, um jornal;  
 O guarda-roupa, um varal  
 Com uma lona por cima,  
 Disfarçava o ambiente,  
 Tentando deixar mais quente  
 E mais agradável o clima.

Quão era modesta a louça,  
 Pra um pote de margarina  
 Servir de prato e bacia.  
 Uma faca ponta fina,  
 Um caneco enferrujado  
 Um garfo bem amassado,  
 Tudo junto da cadeira,  
 Uma garrafa de coca  
 E Uns pedaços de taboca  
 Para aumentar a tranqueira.

Quem habitava essa casa  
 Eram seres mal-vestidos,  
 Com idades variadas,  
 Mostravam-se envelhecidos...  
 Mão grossas, pés calejados,  
 Os cabelos assanhados,  
 Corpos raquíticos e feios...  
 Quando gordos, tão doentes,  
 Tidos como delinquentes  
 Na sentença dos alheios.

Na família dos mendigos,  
 A herança era a pobreza;  
 No trabalho de pedinte,  
 Alimento era riqueza;  
 O salário era a esmola,  
 A poupança era a sacola  
 E viver era insistência.  
 Morrer era liberdade,  
 Se a dor cobria a vontade  
 Desse clã de resistência.

A vizinhança era rude,  
 Morna, preconceituosa,  
 Egoísta, interesseira,  
 De língua maliciosa.  
 Não conhecendo a tal casa,  
 Jogava em seu povo a brasa  
 Subalterna social.  
 E esse povo escanteado,  
 Visivelmente humilhado,  
 Dentre um ciclo desleal.

Tanto de fora pra dentro,  
 Quanto de dentro pra fora,  
 Na moderna arquitetura  
 Dessa casa, toda hora.  
 Tudo é solto e transparente.  
 O endereço presente,  
 Quem procura, sempre erra.  
 É perto de um sonho anil,  
 Desse país que é Brasil,  
 E de um planeta que é Terra!

Esse conto é verdadeiro,  
 Baseado em nossa gente,  
 Que sobrevive de sendas  
 De um país indiferente.  
 E quem quiser constatar,  
 Tire as vendas pra enxergar,  
 Como irmão, sentindo apreço  
 A um ser humano infeliz,  
 Distante de um fim feliz,  
 Sem número, sem endereço.

Após apresentarmos a antologia com as vozes femininas da literatura de cordel do Sertão do Pajeú, chegamos ao último tópico deste trabalho, no qual apontamos sugestões de abordagens de leitura dos poemas apresentados que podem ser vivenciadas em sala de aula. Vejamos.

<sup>61</sup> MOREIRA, Isabelly. **Cantadores**. Teresina - PI: Halley, 2017

#### 4.3 NA SALA DE AULA: ALGUMAS SUGESTÕES DE ABORDAGEM

Antes de pensarmos em propor estratégias de leitura de poesia na sala de aula que possam contribuir para a formação de jovens leitores, precisamos refletir sobre a importância da leitura como uma experiência literária que dialoga com as vivências do leitor, com seus limites, suas imersões e sua história. Oportunizar o contato com o poema, ouvir o leitor, conversar sobre suas impressões acerca da leitura e instigar a expressão de como ler o poema, contribui – e muito – para a formação de leitores.

Embora os livros didáticos quase sempre privilegiem o cânone estabelecido, é da maior importância trazer aquelas obras que circulam, muitas vezes, no ambiente dos alunos em formação, mas que são esquecidas na escola.

Então, para começo de conversa, podemos dizer que as discussões sobre leitura literária têm despontado uma vertente considerável que trata do reconhecimento do sujeito leitor nas práticas de leitura na escola. Nesse contexto, o leitor, à luz de suas vivências e lembranças, dá, ao texto, um novo significado, posto que a leitura subjetiva permite que ele leia o texto e leia-se, suscitado por ele.

Nessa perspectiva, a leitura subjetiva oportuniza a construção da identidade, das concepções de vida, oportunizando uma reflexão entre o eu - leitor e o que diz o texto. É o engajamento de sua interpretação e autonomia na leitura, oportunizando-se ouvir-se e ler-se, ao mesmo tempo. Sobre essa abordagem de leitura, Rouxel (2014) diz que

Ensinar literatura com essa visão de formação de um leitor sensível e envolvido requer sair do formalismo e transformar a relação dos alunos com o texto literário, acolhendo suas reações subjetivas. É na confrontação diante do texto que o leitor prova e se descobre. (Rouxel, 2014, p.26)

No entanto, no que concerne à leitura subjetiva, a escola ainda anda distante dessa prática. O texto, muitas vezes, é usado como pretexto para estudo de estruturas e aprofundamento dos saberes escolares, limitando a relação sujeito leitor – texto.

Logo, pensar em um ensino de leitura literária na escola numa perspectiva subjetiva, é quebrar paradigmas contextuais e históricos que vão ao encontro ao ensino conteudista e preocupado com a apreensão de conhecimentos técnicos. É permitir que pense sobre a leitura, refletindo sobre as escolhas dos poemas que poderão ser lidos em sala de aula, bem como, abrir espaço para que o estudante tenha um contato silencioso com o texto, de forma que possa senti-

lo. Portanto, pensar na formação de leitor, atendendo à abordagem subjetiva, é considerar a obra vista pela ótica de quem lê, numa perspectiva reflexiva. Nesse sentido, é realizar a mediação da leitura, favorecendo a escuta e a reflexão de forma genuína e singular.

Aliada a essa concepção, a escuta e a conversa literária defendidas por Bajour (2012) consistem em reconhecer a importância da preparação da leitura, desde a seleção dos textos, à conversa literária, considerando a escuta dos silêncios dos estudantes, que muitas vezes, “em contextos marcados pela exclusão ou diversas formas de violência, reais ou simbólicas, predomina o silêncio como refúgio, como resistência ou como violação da própria palavra” (Bajour, 2012, p. 20).

Dessa maneira, pensar nos textos com antecedência, é considerar o público a quem ele se destina, é pensar em como a leitura será recepcionada e como o mediador pode lançar perguntas, comparar com outros textos, que possam desencadear uma conversa literária receptiva e produtiva. Sobre isso, Bajour (2012), afirma que

Pensar nos textos com antecedência é imaginar perguntas e modos de apresentar e adentrar os livros, estratégias de leitura e também de escrita ficcional, possíveis pontes entre os textos propostos e outros. É fazer uma representação provisória da cena com os leitores, que por mais que sejam conhecidos, nunca se conhece de todo, que certamente, surpreenderão nossas previsões, já que ninguém pode antecipar com certeza o rumo das construções dos sentidos dos textos. (Bajour, 2012, p. 60)

Sob esse olhar, a conversa literária proposta por Bajour (2012) consiste em considerar as intervenções que o leitor faz sobre o texto. Assim, o professor, como mediador do processo desse momento de leitura, não deve se tornar um detentor de verdades absolutas, mas alguém que coordena a discussão sobre o que a leitura revela aos leitores.

E por fim, dialogando com as ideias de Rouxel (2014) e Bajour (2012), podemos pensar no quanto propor a leitura de poesia na sala de aula é de grande relevância, considerando que “de todos os gêneros literários, provavelmente é a poesia o menos prestigiado no fazer pedagógico em sala de aula” (Pinheiro, 2018, p. 11). E não podemos limitar o pensamento, achando que é porque os estudantes não gostam de ler poesia. Pinheiro (2018) aponta, no livro *Poesia na sala de aula*, diversas pesquisas que mostram que esse gênero literário pouco chega à sala de aula, tanto pela pouca presença nos livros didáticos, quanto no próprio trabalho do professor, que normalmente dá prioridade aos textos em prosa, considerando a presença maior desses textos nos suportes de leitura.

Por esse motivo, é de grande valia pensar em atividades de leitura de poesia em sala de aula. Porém é importante planejar estratégias de leitura que possam aproximar o leitor do texto e o texto do leitor. Sobre isso, Pinheiro (2018; 2024) apresenta duas condições indispensáveis para que a leitura de poesia contribua para a formação de leitores: a primeira, que o professor seja um leitor de poesia e a segunda, que conheça os interesses de leitura dos alunos. Ainda sobre isso, Pinheiro (2018) diz:

Um professor que não seja capaz de se emocionar com uma imagem, com uma descrição, com um ritmo determinado de um poema, dificilmente revelará, na prática, que a poesia vale a pena, que a experiência simbólica condensada naquelas palavras é essencial em sua vida. Sem um mínimo de entusiasmo, dificilmente poderemos sensibilizar nossos alunos para a riqueza semântica da poesia. (Pinheiro, 2018, p. 22)

Sob tal perspectiva, a leitura de poesia na sala de aula precisa ser planejada desde a escolha dos poemas ao momento de leitura. Propor a leitura em voz alta, em que inúmeras vezes seja lida pelos mesmos estudantes ou por estudantes diferentes, é uma forma de fazê-los sentir o texto e ter mais elementos para conversar sobre ele.

Assim, também, é possível pensar a leitura de literatura de cordel na escola, considerando as experiências leitoras e os gostos dos estudantes e não como um pretexto para ensinar conteúdos, mas uma leitura que possa favorecer uma relação dialógica entre o leitor e o texto. Nessa perspectiva, Marinho e Pinheiro (2012), dizem que

Deve-se recolher dos próprios alunos relatos de vivências, experiências deles conhecidas e, ao mesmo tempo, partir das obras – os folhetos – e penetrar nas questões que lá estão representadas. A experiência com a poesia oral está presente em toda comunidade, em qualquer região do país. (Marinho e Pinheiro, 2012, p. 126)

Logo, conceber a leitura de poemas de literatura de cordel, considerando as experiências dos estudantes e oportunizar que vivam e sintam sua história, suas lembranças e suas vivências é, certamente, uma forma efetiva de fomentar a formação de leitor e possibilitar a construção de memórias afetivas.

Mas é preciso, também, que o professor tenha a sensibilidade com a cultura popular e possa favorecer uma relação dialógica entre a leitura e a experiência de quem lê, considerando o contexto em que o leitor está inserido. Nesse sentido, Marinho e Pinheiro (2012) dizem que “um procedimento metodológico que oriente o trabalho com o cordel terá que favorecer o

diálogo com a cultura da qual eles emanam e, ao mesmo tempo, uma experiência entre professores, alunos e demais participantes do processo” (Marinho; Pinheiro, 2012, p.126).

Portanto, amparados por esse embasamento, construímos algumas sugestões de leitura dos poemas de autoria das cordelistas, selecionados e presentes na antologia organizada para este fim.

Como já havíamos falado no início do tópico, as sugestões de abordagem de leitura de poesia para sala de aula são organizadas por núcleos temáticos, com poemas da antologia apresentada no subtópico 4.2, mas também em diálogo com outros textos de outras esferas, que estão dispostos nos anexos.

Ainda é importante pensar nas diversas possibilidades que a antologia nos oferece, de forma que oportunize aos estudantes o acesso, nesse caso, a uma diversidade de poemas de autoria feminina da literatura de cordel e, principalmente, de temáticas que podem dialogar com as experiências leitoras e de vida que eles têm.

Quanto ao objetivo desse trabalho, é oferecer à (o) professora (o) um conjunto de possibilidades que possam contribuir com a formação do leitor de poesia. Adotamos uma perspectiva comparatista cuja abordagem, como lembra Pinheiro (2020), busca “proporcionar o confronto entre textos a partir de aspectos formais, temáticos, ideológicos.” (Pinheiro, 2020, p. 164). Pensar nessa estratégia de leitura, é oportunizar ao estudante um leque de opções de textos que dialogam entre si, como também, com elementos que se opõem. No que se refere aos benefícios, podemos, ainda, recorrer a Pinheiro (2020) que acredita que

São inúmeras as vantagens desse tipo de abordagem – mas uma dentre tantas outras é o fato de se poder exercitar no leitor de literatura em formação a capacidade de observar mais detidamente os textos e descobrir certas especificidades, diferenças de forma, de gênero, de visão de mundo. (Pinheiro, 2020, p. 164)

Predispomos, portanto, de estratégias que possam ampliar a percepção de especificidades, consonâncias ou discrepâncias entre os poemas e canções que tratam da mesma temática. A respeito disso, é necessário ressaltar que o que apresentamos aqui, não é uma receita, que deve ser vivenciada de forma linear. Podem ser consideradas como estratégias de leitura de poemas de autoria de cordelistas do Sertão do Pajeú que contribuem tanto para conhecer o que elas escrevem, quanto para oportunizar uma discussão diante da temática. Mas, também, podem ser lidos sem obrigatoriedade de uma atividade sistemática.

Por fim, no que concerne às sugestões, elaboramos pensando em estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Porém não elencamos uma quantidade de aulas, como ocorre nas sequências didáticas, de forma que a(o) professora (o) possa repensar as sugestões, acrescentar ou suprimir, de acordo com o contexto em que atua. O importante, de fato, é que este trabalho possa contribuir para que a leitura de poesia seja uma prática na escola.

Após apresentarmos essa abordagem sobre a importância da leitura de poemas numa perspectiva dialógica, apontamos a seguir, as sugestões de leitura, organizadas com base nos temas: “mulher”, “político-social”, “sertão”, “metalinguagem” e “amor”.

#### **4.3.1 A mulher é resistência/ Nas vozes da poesia**

Um dos temas muito presentes nos poemas de autoria das dez cordelistas do Sertão do Pajeú é a condição da mulher. Numa perspectiva de luta, denúncia, resistência e enfrentamento à violência, os poemas lançam mão de visões de mundo que se completam e reforçam a necessidade de permanecer na luta em busca de igualdade de gênero e respeito à liberdade feminina. Apresentamos três poemas que estão nessa antologia que abordam a temática citada. São eles: “Nós, mulheres, morremos todo dia”, de Isabelly Moreira; “Protesto feminista”, de Elenilda Amaral e “Mulher”, de Alecsandra Ramalho.

Sugerimos, inicialmente, que a sala seja organizada em círculo, de forma que os estudantes se vejam. Em seguida, é importante que seja feita a leitura oral dos poemas. Nesse caso, eles podem escolher qual poema ler primeiro, sem precisar estabelecer uma ordem de leitura, ou seja, podem fazê-la livremente, lendo e relendo os textos quantas vezes quiserem.

Após o contato com os poemas, podemos lançar a ideia de uma conversa livre sobre o que leram, de modo que os estudantes possam falar sobre aspectos da leitura, tais como: poema que mais gostaram, trechos que lhe chamaram a atenção, etc, a fim de apresentarem suas experiências com as que os poemas apresentam.

Caso não se sintam estimuladas (os) a falar, é importante instigar para que eles possam dialogar sobre o poema, considerando as imagens construídas em cada verso, em cada estrofe. Sem direcionar perguntas, sem um roteiro linear, podemos mobilizar para que eles falem sobre: verso ou estrofe e/ou que mais lhe chamaram a atenção; sobre a bandeira de luta que os poemas



levantam; o que pensam sobre a forma que o eu lírico trata a luta da mulher, em cada estrofe; imagens construídas nos poemas que impactam mais, bem como, o sentido das palavras empregadas, as relações de oposição e conflitos que podem ser destacados; a posição do estudante em relação à discussão que os poemas trazem; a forma que os textos conseguem acolher o sentimento das mulheres. Os estudantes podem relatar vivências ou experiências afins ou discrepantes que conhecem.

A ideia é que os leitores possam perceber se há ou não presença de imagens construídas em cada verso. Se é possível perceber a voz de resistência e de denúncia. Ainda podem observar de que forma a disposição das imagens, na construção do poema, pode impactar o leitor, mobilizando suas vivências, experiências ou leituras anteriores.

Este momento requer uma mobilização para que todos possam falar e demonstrar a sua percepção, mesmo aqueles que não se interessarem, devem ser incentivados a lê-los e a participarem da discussão.

Outra estratégia que pode ser utilizada é a abordagem comparatista entre os poemas, pontuando as diferenças estabelecidas em relação ao modo de representação e visão do eu lírico. Pode surgir a ideia de que, em cada poema, ele se porta diferente, embora a abordagem da temática seja a mesma. É importante que os leitores atentem para a diferença do posicionamento do eu lírico nos três textos, uma vez que, enquanto o poema: “Nós, mulheres morremos todos os dias” é um manifesto de luta e denúncia e luta contra a violência à mulher; Elenilda Amaral em: “Protesto feminista”, questiona a invisibilidade do trabalho da mulher no campo, reivindicando reconhecimento; no poema: “Mulher”, de Alecsandra Ramalho, o eu lírico conchama às mulheres a não se curvarem à submissão. Então, embora os textos tratem da mesma temática, apresentam situações e contextos diferentes.

Além disso, é possível que sejam motivados a perceber a diferença da construção dos poemas e o efeito de sentido causado pela disposição formal dos versos. Por exemplo, ao ler os versos decassílabos e setissílabos concebem se há diferença de sonoridade e de ritmo e qual o efeito que a construção pode trazer nessa diferença formal.

Quanto ao aspecto da linguagem, é possível indagarmos se há metáforas, comparações, personificações, antíteses e outras imagens que contribuíram para a construção dos textos. Além disso, podemos solicitar o apontamento dos efeitos de sentidos que os recursos de linguagem que despontam nos versos. Outra dimensão que pode ser instigada é sobre quais os sentidos são

despertados pela leitura do poema; se é possível imaginar, visualizar ou sentir alguma situação apresentada nos versos e como pode ser descrita essa sensação.

Na aula seguinte, apresentamos a canção: “Maria da Vila Matilde”, de autoria de Douglas Germano, interpretada por Elza Soares<sup>62</sup>. Com a canção impressa, é interessante realizar a leitura em voz alta. Após a leitura, sugerimos a audição, uma vez que o impacto e a entonação da voz da cantora, bem como, a melodia da canção contribuem para uma melhor interação do leitor com o texto.

A letra é rica e dialoga com os poemas, numa perspectiva de luta constante e real. De forma muito clara e explícita, a mulher ganha autonomia, enfrentando a violência, dizendo “não” e reafirmando o que disse Isabelly Moreira, no poema anterior: “Que a voz da mulher não silencie/E nenhum dedo em riste atrofie/Frente à cara covarde e a covardia”. A repetição dos versos: “Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim”, demonstra o quanto o eu lírico da canção está empoderada, com uma voz engajada e assume uma condição de luta contra a violência sofrida.

Após a leitura e audição, a ideia é abriremos um espaço para escuta. Ouvir o diálogo do leitor com o texto, quais as concepções e percepções a partir da canção. Nesse sentido, a leitura subjetiva oportuniza a reflexão entre o eu - leitor e o que diz o texto. É o engajamento de sua interpretação e autonomia na leitura, oportunizando ouvir-se e ler-se, ao mesmo tempo. “É na confrontação diante do texto que o leitor prova e se descobre” (Rouxel, 2014, p. 26).

É interessante propormos que pensem e falem se a canção dialoga com os poemas que leram anteriormente e de qual poema, a canção mais se aproxima, tanto do ponto de vista ideológico, quanto da construção de linguagem.

Além disso, devemos oportunizar que falem sobre a condição da mulher tanto nos poemas, quanto na canção; quais as imagens que se relacionam entre os textos e o que marca cada um; indagar sobre o efeito de sentido da repetição dos refrões e versos. A ideia é deixar que eles passem pelos textos e tracem um diálogo, observando quais pontos convergem e quais divergem, de forma que percebam com o que se identificam mais. Propor, também, que observem a sonoridade provocada pela repetição.

Nessa perspectiva, Bajour (2012, p. 38) diz que “nessa discussão, é interessante como a professora presta atenção à inquietude que o não saber suscita, e com suas perguntas, facilita

---

<sup>62</sup> Canção: Maria da Vila Matilde, de autoria de Douglas Germano  
<https://www.youtube.com/watch?v=y6V8IL8xn7g>

as possíveis interpretações sobre o incerto, sem fechá-la”. Então, a mediação é importante para que os estudantes construam e desconstruam ideias a partir do que leem e discutem.

Após a leitura e discussão dos poemas e canções, podemos sugerir algumas atividades, dentre elas, a realização de um recital com os poemas lidos e um coral com a canção. Os estudantes podem ser divididos em grupos. O grupo que for responsável para apresentar a canção, caso alguém saiba tocar, pode acompanhar com um instrumento e, se não, pode ler ou cantar, dependendo das habilidades do grupo. Nesse momento podemos falar com os estudantes sobre a entonação da voz, dependendo da situação apresentada nos versos, para que a leitura não se torne mecânica.

Outra atividade que propomos é apresentação de um grande cartaz, contendo o nome dos poemas e da canção. Os estudantes registram as impressões sobre os textos por meio de uma palavra, e depois discutem os registros numa roda de conversa.

Ainda é possível sugerir que os estudantes façam registro num diário de leitura, deixando as impressões, as relações e o impacto que os poemas causaram ao serem lidos e como se relacionam com suas vivências e histórias de vida.

Por fim, ressaltamos que essas sugestões devem ser vivenciadas com estudantes do Ensino Médio regular e Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos (EJA), considerando que a forma como a temática é proposta e a profundidade da abordagem dos textos, sugere-se, então, para essa faixa etária de estudantes.

#### **4.3.2 As sequelas sociais/ São consequências políticas**

As questões sociais e políticas enfrentadas no nosso país e nas localidades de cada uma é um tema bem discutido pelas poetisas que compõem essa antologia. A desigualdade social, as contradições de classe, a ausência de vontade política para resolver problemas enfrentados na realidade brasileira são assuntos que compõem o repertório da temática político – social.

Não é novidade que a literatura de cordel sempre foi um instrumento de resistência e denúncia. No período em que ninguém podia falar, a poesia não se calou, continuou denunciando, embora houvesse censura. Então, pensar na leitura de poesia na escola que aborda essa temática é uma forma de oportunizar a reflexão sobre a realidade de quem lê, de forma que, também, favorece a formação de um leitor literário crítico.

Em relação à antologia, temos cinco poemas que remetem a esse tema. Em geral, questionam desde a ameaça à democracia até a independência de um país que pouco faz pelos menos favorecido, de forma que a desigualdade, a fome, a ausência de assistência à saúde e todas as mazelas sociais são consequências da desestrutura político-social do Brasil.

Então, também nesse grupo temático, a abordagem comparatista pode favorecer uma discussão pertinente, considerando que os estudantes talvez vivam, na pele, muitos dos questionamentos levantados pelos poemas, assim como, podem reconhecer a realidade tratada na comunidade em que vivem.

Dentre as diversas abordagens, propomos, neste primeiro momento, que o mediador indague sobre a concepção que os estudantes têm de democracia, após ouvi-los, pode pedir que leiam, em voz alta, o poema: “O que é democracia?”, de Carmem Pedrosa. Propor que os alunos leiam outra vez, da forma que quiserem. Após esse momento, sugerir uma conversa sobre o que leram, suas impressões e conexões com suas vivências. Em seguida, pode ser apresentado o poema: “Cadê tua independência?”, de Andreia Miron. Sugerimos, mais uma vez, a leitura oral do poema, bem como a repetição dela, da forma que os estudantes acharem melhor. A seguir, é importante abrir um espaço para que eles expressem o que pensam sobre o poema lido. Após a discussão, o professor pode propor que eles retomem o poema de Carmem Pedrosa e possam realizar uma abordagem comparativa, discutindo as semelhanças e diferenças presentes nos textos. Em seguida, o mediador apresenta o poema “O futuro está nas suas mãos”, de Milene Augusto. Realizada a leitura oral, mais de uma vez, pode ser lançada uma proposta de uma roda de conversa, para que os estudantes apresentem suas impressões sobre os poemas, bem como possam, livremente, citar as questões abordadas nos textos e outras que acharem pertinente.

Após esse momento de conversa, algumas perguntas podem ampliar a discussão, como por exemplo, como relacionam o que tratam os poemas com a realidade de vocês? Qual a relação existente entre os três poemas? E qual poema dialoga mais com as experiências de vocês? Como o eu lírico se posiciona? O que coincide e o que difere em relação ao posicionamento? Há marcas temporais que demarcam o contexto histórico em que foram escritos os textos? Do ponto de vista formal, a construção dos versos provoca quais sentidos?

Ainda pensando na abordagem de leitura, outra estratégia é mediar uma discussão mais detida sobre cada poema. Diante do poema “O que é democracia?”, de autoria de Carmem Pedrosa, algumas questões podem ser lançadas, como por exemplo, como relacionamos o que o poema aborda com os acontecimentos atuais no Brasil? por que o eu lírico, já no título do

poema, apresenta um questionamento? Como ele se posiciona diante do assunto incitado? Qual a relação entre a temática do poema e o período da Ditadura Militar? Qual a relação entre esse poema e “Cadê tua independência?” Como as questões político-sociais discutidas podem ser resolvidas? De que forma os problemas sociais que o poema apresenta impactam na nossa vida? Qual o ponto de vista apresentado pelo eu lírico no poema: “O futuro está nas suas mãos”, de Milene Augusto? A quem, no título do poema, se dirige o eu lírico? Como se comporta o eu lírico perante a realidade apresentada? Como podemos definir as propostas apresentadas no texto? (Utópicas? Reais? Necessárias?) Os três poemas apresentam um diálogo temático? Em que convergem e em que diferem? Do ponto de vista formal, qual a predominância dos versos e estrofes?

Em outra aula, ainda numa perspectiva comparatista, sugerimos que apresente a canção: “O meu país”, de autoria de Orlando Tejo, Livardo Alves e Gilvan Chaves interpretada por Flávio José<sup>63</sup>. A canção apresenta questões sociais em que comparece a desigualdade, denunciando a falta de cuidado com a pobreza e com os direitos básicos dos cidadãos.

Podemos iniciar lendo, em voz alta, a letra da canção e depois realizar a audição. Após esse momento, os estudantes podem ler e reler o texto, sendo desafiados a cantar, coletivamente. Passado esse contato com a canção, é importante instigar uma conversa, propondo que falem sobre a canção, relacionando aos poemas lidos anteriormente. O estímulo a destacarem versos que chamam atenção e lembrem situações que já vivenciaram ou presenciaram é uma forma possível de ser realizada.

Sugerimos, também, direcionar a discussão com questionamentos sutis, caso seja pertinente. Por exemplo, do ponto de vista temático, qual o posicionamento do eu lírico? De que forma as questões sociais são apresentadas? Quais os sentimentos despertados ao ouvir a canção? Qual a relação dos poemas e das canções com alguma vivência sua? Qual o lugar da política nessa canção e nos poemas lidos? São diferentes ou convergentes? Do ponto de vista formal, qual a relação entre a canção e os poemas? De que forma são construídas as estrofes e versos? Qual o efeito de sentido que essa construção permite perceber ao ouvir e ler a canção?

Esses questionamentos podem levar os estudantes a perceberem as relações temáticas e formais que se entrelaçam entre a canção e os poemas. A canção, por exemplo, é constituída de estrofes de dez versos e cada verso, com dez sílabas métricas, ou seja, segue uns dos padrões

---

<sup>63</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=Ovx3EDQef4A>

presentes na literatura de cordel. Ainda para instigar a conversa, podemos apresentar trechos dos poemas e da canção e propor um diálogo, como por exemplo, trechos que tratem sobre os menos favorecidos, sobre criança, sobre negro, sobre as desigualdades sociais, a educação negligenciada, a saúde pública sem investimento.

Apresentamos aqui, por exemplo, trechos dos poemas e canção que questionam a ausência de cuidado com a crianças. Vejamos, a seguir, os seguintes trechos. Do poema: “Brasil, cadê sua independência”, de Andreia Miron, podemos evidenciar os versos: “Por que é que se mata tantos/Inocentes, infelizes?”; No poema: “O futuro está em nossas mãos”, de Milene Augusto, destacamos: “É um grito de luta que esmorece/É o futuro negado da criança” e da canção: “O meu país”, de Orlando Tejo e outros autores, apresentamos o trecho: “Um país que crianças elimina/ Que não houve o clamor dos esquecidos”. Em um pequeno quadro, apresentados os trechos, sugerimos que estabeleçam um diálogo para que falem sobre a relação existente entre os versos. Quais os que mais se aproximam? De que, principalmente, se trata nesses versos? Podemos instigar os estudantes a pensarem sobre o assunto abordado nesses trechos, relacionando à realidade da comunidade ou bairro em que moram.

Ainda nessa discussão, podemos levantar várias questões, dentre elas, de que forma a ideia é apresentada nos poemas; no Brasil há políticas públicas que garantam a vida da criança com dignidade? Quais são os direitos sequelados? Como pensar em soluções de melhoria dessas questões sociais? Reconhecem esses problemas em sua localidade? Enfim, esses e outros trechos devem desencadear muitas discussões que podem surgir, também, pelos estudantes.

Nessa mesma perspectiva, no segundo momento dessa abordagem, propomos ampliar a leitura de poesia, apresentando os poemas: “Sem número e sem endereço”, de Isabelly Moreira e “Contradição de Natal”, de Dulce Lima. Estes poemas tratam sobre a desigualdade social. Constituídos de imagens que mobilizam os sentidos, narram as dificuldades, os sonhos quebrados e a sobrevivência humana sem o básico necessário para manter-se na vida. Esses poemas dialogam com o que apresentamos anteriormente, uma vez que os relatos destes são consequências da falta de cuidados com os direitos básicos humanos, discutidos nos textos anteriores.

Para que os estudantes tenham contato com os textos, podemos fazer a leitura em voz alta e possibilitar que leiam, quantas vezes quiserem. Deixemos que os poemas os toquem, de forma que eles sintam a leitura, a sonoridade dos versos e a abordagem da temática. Depois, a mediação de uma roda de conversa, de forma que, em círculo, eles possam falar sobre a

impressão que tiveram, passagens marcantes que dialogam com sua vida ou a vida de muitos que eles conhecem.

Sem uma sequência programada, movimentemos a discussão, perguntando o que sentiram ao ler os poemas? Quais as imagens construídas nos versos que mais lhe tocaram? Instigar para que percebam se as cenas apresentadas estão presentes na realidade do bairro ou de famílias que conhecem? Quanto ao desenrolar da narrativa do poema: “Sem número, sem endereço”, quem conhece realidades parecidas? Conhecemos, de fato, realidades como a que é narrada no poema?

Após essa discussão, apresentamos a canção: “A casa” de Vinicius de Moraes, que pode ser lida em voz alta e ouvida na voz de Toquinho<sup>64</sup>. Após o contato dos leitores com o texto, é possível realizar uma abordagem comparatista com o poema: “Sem número, sem endereço”.

Lançamos a proposta para que consigam perceber os elementos que convergem para a mesma discussão, como por exemplo, falta de uma moradia segura e própria. Embora tratem da mesma temática, é necessário instigar para que percebam as diferentes perspectivas, mas que se fundem para uma necessidade básica. A escuta, nesse momento, é muito necessária, considerando que cada estudante com experiência diversa, tem um olhar único sobre o texto e vê-lo, a partir de sua própria experiência, é sem dúvida, o nosso objetivo.

Em contato com os poemas e a canção de Vinicius de Moraes, é interessante favorecer um diálogo, em que possam comparar poemas e canções, visão do eu lírico, tratamento da temática, perspectiva dos pontos de vistas; pontos em comum e pontos que diferem, abordagem social, visão crítica. Perceber, também, a linguagem, o uso de comparações, antíteses, hipérboles e elementos que permitem a construção das imagens presentes nos textos.

Concluída essa discussão, ainda há uma canção que pode ser um elemento importante para essa proposta, a saber: “Chão de estrelas”, de composição de Orestes Barbosa e Sílvio Caldas<sup>65</sup>. Para apresentá-la, é interessante realizar a audição dela e, com a letra impressa, oportunizar que os estudantes leiam em voz alta. Podemos instigar o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre o que trata poemas e canções. Favorecer que destaquem, conversem e expressem o que pensaram e sentiram ao ouvir/ler os poemas e canções.

Em outra aula, podemos retomar o poema: “Contradições de Natal”, de Dulce Lima, realizando a leitura em voz alta e deixando que os estudantes leiam e releiam. Instiguemos para

---

<sup>64</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=fEW7wd4fAnY>

<sup>65</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=NfKX048NCMo>

que percebam a relação que existe entre o enredo do poema anterior: “Sem número, sem endereço” e a descrição de: “Contradições de Natal”. Algumas indagações podem suscitar a seguinte discussão: O Natal é diferente em cada lar de classes sociais distintas? Como se configuram, na realidade, essas contradições que o poema apresenta? Podemos perguntar se conhecem outros poemas que tratam sobre o Natal. Nesse momento, a escuta literária favorece a formação de leitores.

Em seguida, é possível apresentar o poema: “Meu Papai Noel de casa<sup>66</sup>”, de Dedé Monteiro e “Versos de Natal<sup>67</sup>”, de Manuel Bandeira. Propor a leitura em voz alta de cada poema, bem como, permitir que leiam diversas vezes. Após esse momento, favorecer um diálogo sobre os poemas e a relação que têm com os que já foram lidos anteriormente. É necessário oportunizar que conversem, apresentem suas impressões comparativas. É um momento que precisa respeitar o turno de fala do estudante, mediando as discussões e as proposições apresentadas.

Após as discussões, podemos apresentar a sugestão de uma atividade em grupo, para que os estudantes realizem jogos dramáticos, permitindo que construam e reconstruam diálogos, utilizando os poemas e as canções apresentadas nas sugestões de abordagem de leitura. Quanto tratamos de jogos dramáticos, é necessário ressaltar que é uma atividade que criativa que permite a invenção, interpretação e improvisação de um texto.

Segundo Pinheiro e Marinho (2012, p. 130), jogos dramáticos “é a capacidade da criança ou jovem fantasiar, de criar a realidade”. A ideia é que eles possam reescrever os textos, fazendo adaptações para os jogos, numa intertextualidade textual. Por exemplo, escolhe um poema e uma canção ou dois poemas e faz uma conexão entre eles, construindo um enredo para ser dramatizado, sem se preocupar com cenários ou trajes característicos para as cenas. Com o roteiro pronto, os estudantes podem apresentar para os colegas ou para toda a escola. Fica a critério de um combinado entre professores e alunos.

Em outra sugestão, envolvendo outra arte, também, propomos a construção de uma tela coletiva, em que os estudantes podem expressar o que sentiram com os textos e poemas, construindo uma pintura coletiva, com pincel e tinta. Esse cartaz pode ser exposto na área interna da escola para apreciação de todos.

---

<sup>66</sup> NETO, José Rufino da Costa. (Dedé Monteiro) **Retalhos do Pajeú**. 1. ed. Recife: Imprensa Universitária da UFRPE, 1984.

<sup>67</sup> BANDEIRA, Manuel. **Lira dos cinqüent'anos**. 5. ed. São Paulo: Global, 2001.



E por fim, é possível que os estudantes realizem a leitura para outras turmas da escola. Para isso, apresentam aos professores das turmas a proposta e combinam o dia e horário que farão essa visita leitora. Em grupos, os alunos podem organizar uma cesta com os nomes dos poemas e canções. Ao chegar na sala de aula para fazer a visita, alguém da turma escolhe um papel da cesta e o grupo lê o poema escolhido. Dependendo de como acontece a recepção, podem ler mais de um e coordenar uma conversa com a turma sobre a abordagem do poema.

É importante lembrarmos que essas sugestões de leitura podem ser vivenciadas em turmas de 9º ano dos anos finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA Fundamental e Médio. Vale salientar que o direcionamento da abordagem é singular em cada turma e, portanto, as sugestões devem ser adaptadas e inspirar outras, de acordo com a realidade de cada escola.

### **4.3.3 O sertão é uma tela / Que inspira poesia**

O Sertão é uma temática recorrente na produção de autoria das cordelistas que compõem este estudo. Desde o sertão alegre - como espaço de liberdade, de contato com a natureza, inspiração de poetas - ao sertão seco, os poemas trazem características que podem fazer o leitor sentir-se parte, resgatar lembranças ou - para que nunca conviveu no espaço sertanejo - conhecê-lo e senti-lo. Na antologia que organizamos, há quatro poemas que tratam sobre o sertão e que podem dialogar com textos de outros autores. Sendo assim, apresentamos sugestões de leitura que podem favorecer uma aproximação do leitor com o texto, com suas experiências de vida, bem como, despertar um diálogo com outras leituras que abordam a mesma temática, e que podem suscitar uma perspectiva distinta.

Apontamos, nesse campo, uma abordagem comparativa dos poemas, considerando aspectos formais, ideológicos e o viés que o autor adotou para tratar o tema. Iniciamos propondo que o professor apresente o poema: “Eu nasci no sertão”, de Milene Augusto. Sugerimos que seja feita a leitura oral do poema. Caso os alunos não tenham costume com a leitura de poemas no formato de cordel, o professor pode fazer a leitura da primeira estrofe e depois, deixar que eles continuem. Após leitura e releitura, os leitores podem dialogar sobre as impressões que tiveram do poema e da temática que aborda, bem como, sobre a estrutura do poema. Perceber se farão conexão com suas experiências ou experiências de pais e avós sobre a vida no sertão. Em seguida, o professor pode apresentar o poema: “Uma tela pintada desse jeito/Só se ver no Sertão que fui criada”, de Elenilda Amaral. Pode ser realizada, novamente, a leitura em voz

alta. Como já estão mais familiarizados com o estilo de texto, o professor pode propor que os alunos que se disponibilizarem leiam o poema. Após essa leitura, os estudantes podem fazer outras leituras, seja oral ou silenciosa. Concluído esse momento, o professor pode abrir um espaço de diálogo para que eles comentem sobre o poema, destaquem estrofes que mais gostaram ou que lhe deixaram inquietos. Os alunos podem dialogar sobre lembranças ou vivências que já tiveram e que o poema despertou, bem como, destacar versos ou estrofes que lhe chamaram a atenção. Solicitar que os estudantes relatem, caso tenham esta experiência, cenas que viveram ou vivem no sertão, na casa dos avós ou, - quando não vivem nessa região - se já visitaram ou se reconhecem alguma situação que se pareça com o poema. A seguir, na mesma roda de conversa, instigar um diálogo sobre os poemas, numa abordagem comparatista, para que destaquem as aproximações entre os textos. O professor pode sugerir a partir do título, destacando algumas questões, como: Qual o sentimento expressado pelo eu lírico quanto a ideia de pertencimento ao lugar? Qual o olhar que é dado ao sertão? Qual a relação de proximidade entre o eu lírico e o sertão? Quais dos poemas se aproximam mais? Feita essa conversa, pode ser realizada a apresentação do poema “Sertão”, de Dayane Rocha. Seguindo o percurso dos textos anteriores, sugerimos a leitura em voz alta, bem como, a releitura. Mais uma vez, o professor disponibiliza um momento para que os estudantes dialoguem sobre o poema e as impressões obtidas após a leitura. Para ampliar o percurso comparativo, o professor, pode também, destacar os seguintes trechos dos poemas: “O céu se veste de chuva/O vento passa bulindo” (Sertão, de Dayane Rocha); “Uma casa como cinco ou seis janelas/ Onde o vento entra e sai sem ser trancado” (Uma tela pintada desse jeito/ Só se ver no sertão que fui criada, Elenilda Amaral) e “Eu nasci no sertão de Severina/Onde o verso navega em todo canto/ Onde a rima nos cobre como o manto” (Eu nasci no sertão, Milene Augusto). Após o destaque, instigar para que falem sobre o que provoca a leitura dos versos e qual o efeito de sentido provocado pela construção deles. Ainda sobre os poemas, indagar sobre os procedimentos formais utilizados pelas autoras para construção das estrofes. Há diferenças? Conversar sobre as diferenças e a implicação que têm na construção do ritmo dos versos e a sonoridade.

Após esse diálogo, apresentar a canção: “Na paz do Sertão<sup>68</sup>”, composta por Flávio Leandro. Sugerimos que seja lida em voz alta e depois realizada a audição. Em seguida, é necessário ouvir os estudantes sobre o que a canção apresenta e qual a relação com suas

---

<sup>68</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=GPjWydE31ZM>

experiências. É interessante ouvir os leitores, porque há quem possa gostar da calma do sertão, da vivência com a natureza, mas pode existir quem não se identifique com o que o sertão oferece e prefere o movimento da cidade grande. Então, esse momento de escuta é uma forma de democratizar o diálogo, o posicionamento de cada um. Solicitar que apresentem aproximações ou diferenças entre a canção e os poemas lidos. Pedir que analisem a construção da canção, comparando-os a estruturação dos poemas.

Em outra aula, o professor pode apresentar o poema: “Imagem viva da seca”, de Carmem Pedrosa. Sugerimos que a leitura seja feita em voz alta, como proposto, anteriormente, nas sugestões de leitura. Após esse momento, abrir espaço para que os estudantes leiam e releiam quantas vezes quiserem. A seguir, propomos que o professor crie uma roda de conversa, para que os alunos possam falar sobre o que trata o poema, contar suas experiências e suas impressões sobre o texto. Após essa discussão, pedir que os estudantes apresentem semelhanças ou diferenças entre “Imagem viva da seca” e os poemas lidos anteriormente. Caso os estudantes não se aprofundem nas discussões, o professor pode instigar, a partir de alguns questionamentos, tais como: Qual o olhar do poema sobre o sertão? Como a seca é tratada? Como a natureza se comporta diante do fenômeno? Qual a solução que o sertanejo encontra para se sobreviver nesse período? O professor pode perguntar se eles conhecem algum poema, canção ou obra que trate sobre o tema da seca. Caso digam que conhecem, pedir que socializem. Após essa discussão, o professor pode apresentar o poema: “Triste partida<sup>69</sup>”, de Patativa do Assaré, realizar a leitura oral e sugerir que os estudantes leiam e releiam quantas vezes desejarem. A leitura pode ser dividida com a turma, em que cada aluno que se disponibilize, possa ler uma estrofe.

Após esse momento, o professor pode propor que eles apresentem as aproximações e diferenças existentes entre o poema de Patativa e o de Carmem Pedrosa. Para direcionar a discussão, o mediador pode lançar alguns questionamentos, como, por exemplo, qual a relação entre as narrativas? Qual as aproximações entre o sertanejo dos dois poemas? Há alguma semelhança na forma que enfrentam a seca no “Su” do país? É possível identificar uma idealização do sertão em alguns dos poemas? Quanto ao regresso do sertão para sua terra, há aproximações na narrativa? Vocês conhecem alguma história de alguém que precisou sair da

---

<sup>69</sup> ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.

sua terra para sobreviver? Após a discussão, o professor pode apresentar a canção: “O tempo e a seca<sup>70</sup>”, de autoria de Luiz Marcondes, interpretada por Flávio José, realizar a leitura oral e a audição. Após lerem em relerem, propor a roda de conversa, para que possam apresentar trechos que mais gostaram, bem como os que dialogam com os poemas. Para provocar o debate, as seguintes questões podem ser apresentadas: Com qual poema a canção tem mais elementos que dialogam? Quais imagens construídas nos versos nos lembram os poemas lidos? O sertão apresentado nessa canção, dialoga com os poemas de Elenilda Amaral, Dayane Rocha e Milene Augusto? O que os diferenciam? Após a discussão, propomos a leitura em voz alta da canção: “Chuva de honestidade<sup>71</sup>”, de autoria de Flávio Leandro. Em seguida, é interessante que seja feita a audição.

Após esse momento, sugerimos que o professor proponha, mais uma vez um diálogo, favorecendo a escuta dos estudantes. Caso os estudantes não avancem nas discussões, o mediador pode lançar algumas questões, como: Qual a temática abordada pela canção? Qual a relação que ela existe com os poemas de Carmem Pedrosa, Patativa do Assaré e com a canção de Luiz Marcondes? Será que a abordagem que a canção traz dialoga com a realidade nos períodos secos no sertão? O que vocês entendem desse trecho da canção: “Eu sei que a chuva é pouca e que o chão é quente/Mas tem mão boba enganando a gente/Secando o verde da irrigação”. Quem é “essa mão boba” que a canção aborda? Como eles se aproveitam desse período para explorar a situação? Por que ele levanta a questão que a seca é uma questão social? Por que não há ações de governo para uma melhor convivência com seca no semiárido nordestino? Por quê? Quais seriam as soluções para melhorar a convivência com a seca e com a falta de água? Por que o autor usou a situação de Israel para falar sobre a seca no Nordeste? O professor pode pesquisar antes, as tomadas de decisões de Israel para enfrentar a questão social discutida e, caso os alunos não conheçam, ele pode trazer algumas informações, momento da conversa com os leitores. A partir dessa discussão, outras questões podem ser desencadeadas e o professor pode mediar a situação, fortalecendo o diálogo.

Por fim, sugerimos a apresentação da tela: “Retirantes<sup>72</sup>”, de Cândido Portinari, para que os estudantes possam fazer pontes entre a obra de arte e poemas e canções lidos até o

---

<sup>70</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=aNFstz-VhB0>

<sup>71</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=yQd-EhAXY8Y>

<sup>72</sup> <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3329/retirantes>

momento, que abordam a temática da seca. Disponibilizar um tempo para que os estudantes discutam e apresentem o que mais lhe chamou atenção na tela apresentada; se alguma parte da tela que provoca um sentimento de tristeza; e se relacionam a tela a algo vivido na sociedade, atualmente. Para dialogar, é possível pedir que eles relacionem trechos dos poemas e canções que serviriam de legenda para a tela. Qual poema dialoga com a tela, quais aspectos que podem ser destacados entre o poema e a tela que há uma convergência de ideia.

Durante toda a vivência de leitura, o professor pode propor que os estudantes registrem, no diário de leitura, os trechos que mais lhe chamaram a atenção, que acharam pertinente da discussão, bem como suas reflexões acerca do tema. Também podem registrar outros poemas, canções ou trechos de obras que conhecem e que dialogam com essa discussão.

Sugerimos que os estudantes possam escolher um poema completo ou trecho dele para realizar a dramatização, com os textos narrativos e os que têm um tom lírico, podem realizar a leitura recitada ou jogralizada. Por exemplo, os poemas narrativos, como: “A triste partida”, de Patativa do Assaré e “Imagem viva da seca”, de Carmem Pedrosa podem ser dramatizados. Os leitores podem dividir entre si as falas: do narrador, personagens, bem como, pensar nos cenários e elementos que podem dar um tom concreto à história. Os estudantes podem, também, adaptar o texto, ampliando os diálogos. Essa organização pode ser feita em horário extraclasse. E após prontos para apresentar, organizam no pátio ou na própria sala para realizarem a encenação. Da mesma forma que essa sugestão anterior, os leitores podem organizar o recital ou jogral, em casa ou em atividade extra na escola. Após dividirem o poema, discutirem sobre as expressões corporais e orais, tom de voz, vestimentas, realizar ensaios, caso seja necessário e, no dia combinado com o professor, realizar a apresentação para todos da turma ou da escola.

Outra atividade possível de ser realizada, é dividir a turma em grupos, para que escolham um poema e uma canção e façam a releitura dos textos, pintando uma tela coletiva, numa cartolina. Após finalizado o trabalho, os estudantes podem expor no pátio da escola e apresentar os trabalhos a outras turmas. E para concluir, é possível indicar como sugestão de leitura, a obra: *Vidas secas*<sup>73</sup>, de Graciliano Ramos.

A proposta de leitura aqui apresentada, podem ser vivenciadas em turmas de 9º ano dos anos finais do Ensino Fundamental, EJA Fundamental e Médio e Ensino Médio. Podem servir

---

<sup>73</sup> <https://iedamagri.files.wordpress.com/2020/02/vidas-secas-graciliano-ramos.pdf>

como inspiração para o professor, que dependendo da realidade da turma, pode adaptar, modificar, acrescentar ou suprimir alguma sugestão.

#### **4.3.4 A poesia se olha/ Na voz da sua linguagem**

Para a construção da antologia com temas que predominam na escrita de autoria das cordelistas do Sertão do Pajeú, selecionamos três poemas que falam sobre a própria poesia, construindo imagens que demarcam o processo de metalinguagem. Apresentamos, nessa sugestão, uma abordagem de leitura dos poemas que contemplam essa temática, de forma que possa oportunizar, na sala de aula, uma experiência de interação entre leitor e texto. Para isso, iniciamos com a apresentação do poema: “Como encontro poesia” de Carmem Pedrosa. Propomos que seja realizada a leitura oral e, em seguida, flexibilizar o momento para que os estudantes releiam, da forma que acharem melhor. A seguir, sugerimos que seja realizada uma roda de conversa, para que os estudantes demarcem quais as estrofes que mais gostaram, ou que não gostaram no poema. É importante criar um espaço de diálogo democrático, em que eles sintam a liberdade de expressarem o que pensam sobre o que leram. Após a conversa, caso seja necessário, o professor pode propor algumas questões para ampliar a discussão, como por exemplo, há algum verso ou estrofe que você relaciona a alguma vivência sua? qual a relação que a autora faz entre a poesia e o seu lugar? Qual a relação que a poetisa estabelece entre a poesia e o sertão? Quais elementos demarcam os sentimentos que o eu lírico expressa no poema?

Após essa discussão, apresentar o poema: “Todo canto é um novo mundo”, de Francisca Araújo. Propomos, mais uma vez, a leitura em voz alta do poema, bem como a possibilidade de os estudantes lerem e relerem o quanto acharem necessário. Após esse momento, os leitores podem, com a mediação do professor, dialogar sobre o texto, apresentando estrofes ou versos que mais lhe chamaram a atenção. Após esse diálogo, é importante é possível instigar para que os estudantes retomem o poema de Carmem Pedrosa e observem aproximações entre eles, numa abordagem comparatista. Nesse momento, o professor exerce o papel de mediador, fomentando o diálogo e, se preciso, lançar mão de questões, tais como: Quais as aproximações entre os dois poemas? Em que eles se diferenciam? Ao falar sobre o fazer poético, qual o viés utilizado por Carmem Pedrosa? Como Francisca Araújo representa a construção da poesia? Como a forma de “encontrar” a poesia tratada por Carmem Pedrosa se diferencia da “procura” pela poesia de

Francisca Araújo? Qual o posicionamento do eu lírico em cada poema? Em qual poema é possível identificar conflitos e angústias do eu lírico em relação à inspiração? É possível demarcar passagens do poema que apresentem essa questão? Após a abordagem dos leitores, percebendo se há semelhanças e diferenças entre os textos, sugerimos a leitura em voz alta do poema: “Desencontro da poesia”, de Thaynnara Queiroz.

Em seguida, propomos que o professor abra um espaço de diálogo, para que os estudantes apresentem as impressões sobre o poema. A entrada da discussão pode partir do título. Os estudantes podem, também, apresentar trechos dos poemas que mais se identificam ou que não gostaram também. É importante que o leitor se sinta livre para externar o que pensa. Após esse momento, sugerimos uma abordagem comparativa entre os três poemas lidos. Inicialmente, pode solicitar que os alunos apresentem as aproximações presentes entre os textos. Caso os estudantes não prolonguem a discussão, é possível lançar algumas questões para estimular as discussões. O professor pode indagar: No poema de Thaynnara Queiroz, o eu lírico apresenta conflitos no processo de produção? Como podemos destacá-los no poema? Quais são as aproximações entre os três poemas? Em que eles se diferenciam? Como o poema de Thaynnara Queiroz e Francisca Araújo dialogam? E como se diferenciam? Como concebem a poesia? De que forma os três poemas falam sobre a inspiração poética? Como o eu lírico se porta em cada um dos poemas? Do ponto de vista formal, quais as semelhanças e diferenças na construção do poema? Qual a estrutura que mais lhe aproxima da leitura?

Em outra aula, sugerimos a leitura em voz alta do poema: “Queria tanto<sup>74</sup>”, de Alice Ruiz. A ideia é romper com a forma e lançar mão de outro estilo de poema (verso livre) que trate da mesma temática. Após a leitura em voz alta, depois individualmente, - como os estudantes preferirem - é possível oportunizar que os alunos conversem sobre suas impressões do poema, e numa perspectiva comparatista, buscar aproximações do ponto de vista temático e de outras questões que podem ser levantadas por eles. O mediador pode, também, abordar algumas questões, da seguinte forma: Qual a relação entre o poema “queria tanto”, com os lidos até agora? De que forma o eu lírico se porta perante a poesia? Qual conflito podemos identificar entre o eu lírico e a inspiração poética? Quais as aproximações ou diferenças entre os desejos do eu lírico nos poemas: “Todo canto é um canto novo”, de Francisca Araújo, “O desencontro da poesia” de Thaynnara Queiroz e “queria tanto”, de Alice Ruiz?

---

<sup>74</sup> RUIZ, S. Alice. **Dois em um**. São Paulo: Iluminuras, 2013.

Em seguida, pode ser feita a leitura oral do poema: “Momento<sup>75</sup>”, de Lenilde de Freitas. A seguir, os alunos podem estabelecer comparações entre o texto de Lenilde e os poemas lidos anteriormente. Instigar para que falem sobre o poema: “Momento” e que apresentem aproximação ou diferença quando relacionado a outros poemas. É importante falar com eles sobre a construção formal dos poemas, pedindo que comentem semelhanças e diferenças entre eles. Observar se atentam para a diferença de forma e se percebem que há poemas curtos, mas que não comprometem a abordagem temática.

Após essa etapa, é possível apresentar a canção: “Me ensina a escrever<sup>76</sup>”, de Oswaldo Montenegro. Depois de ouvi-la, os alunos podem ter contato com a letra da canção para lerem e comentarem sobre as impressões que tiveram ao lê-la. O professor pode propor, como suas sugestões anteriores, a abordagem comparatista e, caso seja necessário, lançar algumas indagações, tais como: Qual a relação que podemos estabelecer entre o seguinte trecho da canção de Oswaldo Montenegro: “Meu amor/Me ensina a fazer/Uma canção falando quanto custa/Trancar aqui dentro as palavras/Calando e querendo dizer/Não sei se o poema é bonito/Mas sei que preciso escrever”, o trecho do poema de Francisca Araújo: “Ah, quem dera compor mais um poema, /Sem que o tempo desbote a cor do tema/Para tê-la por mim sempre lembrada...” e o trecho do poema de Alice Ruiz: “queria tanto/fazer um poema hoje/uma canção que fosse/digna desse dia/com suas cores/brilhos e brisas”. A quem o eu lírico recorre nesses trechos apresentados?

O mediador pode apresentar, após as discussões suscitadas, a canção: “Regue-se<sup>77</sup>”, de autoria de Luiz Marcondes. Depois de ler em voz alta e ouvi-la, o professor pode mediar a conversa entre os alunos que podem apresentar suas impressões sobre o que leram, bem como as aproximações e diferenças entre os textos apresentados nessa proposta. O professor pode indagar sobre como a canção trata a relação do eu lírico com a poesia; com qual dos textos a canção mais se aproxima, do ponto de vista de posicionamento do eu lírico. Outra questão que pode ser destacada como se dá a relação de interdependência entre o eu lírico e a poesia. O professor pode apresentar este trecho da canção: “Se, um dia, a poesia me sumir da veia/ E o senso das metáforas morrer no ar, /Terei a sensação da alma que incendeia/ E o grande mal dos loucos que não podem amar.” e a indagar se há algum poema que apresente algum trecho que

---

<sup>75</sup> FREITAS, Lenilde. **Grãos na eira**. 1. ed. São Paulo: Ateliê editorial, 2001.

<sup>76</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=B2GW-2FWZVU>

<sup>77</sup> <https://www.letras.mus.br/em-canto-e-poesia/regue-se/>



dialogue com o apresentado. O espaço de escuta é muito importante para que todos se pronunciem e participem. Caso algum estudante não fale, propomos que o professor aproxime-se dele e tente engajá-lo na conversa, de forma que todos possam participar e demonstrar o que pensam sobre o que leram.

Finalizada a discussão, em outra aula, o professor pode pedir que os estudantes escolham os poemas que se interessarem para realização de um recital ou um jogral para seus pares. Os alunos que tiverem habilidade de tocar instrumentos musicais, podem acompanhar, tocando e depois, podem interpretar as canções apresentadas na proposta, para toda a escola. Outra ideia interessante, é os estudantes gravarem vídeos curtos fazendo a leitura dos poemas. É importante que observem o tom de voz e as expressões, mantendo uma coerência com a abordagem do poema. Propomos, por fim, que essas sugestões de abordagem de leitura possam ser realizadas em turmas de Ensino Médio.

#### **4.3.5 O amor está presente/ Em sentimentos diversos**

O amor é um tema que comparece, constantemente, na poesia, sobretudo na literatura de cordel. É, também, um assunto que muitos jovens procuram ler. Assim, selecionamos cinco poemas para compor a antologia e propomos sugestões de leitura que possam contribuir para a formação de leitores. Inicialmente, sugerimos a apresentação do poema: “Embalos dos sonhos”, de Isabelly Moreira. Propomos que a seja feita a leitura oral. Os alunos podem dividir a leitura por estrofes e realizar uma leitura compartilhada.

Em seguida, é necessário disponibilizar um tempo para que os leitores leiam o poema, livremente, da forma que mais se identificarem. Após esse momento, o professor pode oportunizar uma roda de conversa, para que os estudantes possam comentar sobre o poema, tratarem sobre as impressões que tiveram, bem como, apresentarem versos ou estrofes do poema que lhe chamaram atenção. Nessa conversa, algumas questões podem ser pontuadas, como: De que forma o eu lírico concebe o amor? No poema, o que o amor provoca no ser amado? Talvez os estudantes abordem a reciprocidade, o respeito, a confiança, a admiração e a construção do sentimento.

Após o diálogo, o professor pode sugerir que leiam em voz alta o poema: “Àquele que há de vir”, de Alessandra Ramalho. Em seguida, o professor pode seguir o percurso da primeira leitura e propor que os estudantes releiam o poema. Após esse momento, o professor pode abrir

uma roda de diálogo para que os leitores apresentem o ponto de vista sobre os textos, que destaquem versos que eles mais gostaram. Caso os estudantes não abordem alguns aspectos do texto, o mediador pode apresentar algumas questões, como, como o eu lírico se posiciona no poema? Qual a presença do amor na vida do eu lírico? Os estudantes podem dizer que é uma espera, que é utópico, que representa o desejo do eu lírico, que pode ser inacessível etc. Algumas questões podem ser apontadas pelos leitores que não serão lançadas nessa proposta.

A seguir, o professor pode lançar a ideia para que os leitores realizem uma abordagem comparativa dos dois poemas. A ideia é que eles destaquem aproximações e diferenças que conseguem perceber entre eles. Após os alunos apontarem suas percepções, o mediador, se achar necessário, pode apresentar alguns questionamentos, começando pelos títulos dos poemas: “Embalado dos sonhos” e “Àquele que há de vir”, tais como: O que nos diz os títulos dos poemas? Qual a diferença de perspectiva que os títulos sugerem? Sobre o amor, qual a diferença de expectativa dos eu líricos? Como podemos caracterizar o amor em cada poema? Idealista, utópico, sonhador, esperançoso? Nesse momento, é interessante observar o que os estudantes falarão e qual a percepção perante a leitura.

Após a discussão, propomos a leitura oral do poema: “Desencantos do amor”, de Dulce Lima. A seguir, os alunos podem fazer a leitura novamente do texto. Depois disso, sugerimos que siga o percurso das outras leituras para oportunizar uma conversa entre eles sobre as impressões que tiveram do poema, tanto do ponto de vista temático, quanto da abordagem adotada pela autora. Terminado esse momento, o professor pode, novamente, propor que possam comparar o poema aos lidos anteriormente, destacando aproximações ou diferenças. Talvez os estudantes percebam que os três poemas se aproximam na temática, mas diferem no posicionamento do eu lírico quando a o amor. No primeiro, o eu lírico vislumbra um amor idealizado, perfeito, pautado no amor, respeito, admiração. No segundo, o eu lírico vive um amor platônico, à espera de sua chegada e no terceiro, o eu lírico lamenta nos desencantos e o sofrimento que o amor lhe apresenta. Caso os estudantes não cheguem a essa discussão, o mediador pode propor algumas questões, como: Qual a relação entre o poema: “Desencantos do amor” e os que foram lidos anteriormente? Há diferença de postura entre o eu lírico desse poema e dos outros? Como ele concebe o amor na sua vivência? Qual os elementos que demarcam as diferenças entre os poemas?

Após essas e outras questões que podem surgir, o professor pode apresentar o poema: “Recaída”, de Dayane Rocha. Seguindo a proposta das sugestões anteriores, pode ser feita a

leitura em voz alta, bem como, a leitura pelos alunos, outras vezes. Após esse momento, sugerimos que os estudantes conversem sobre as impressões que tiveram ao ler o poema, se alguém se identifica com algum verso ou como a temática é abordada. Pode indagar se alguém já sofreu por amor ou se teve uma recaída e voltou atrás para continuar com a pessoa amada. Após essa conversa, que imaginamos ser longa, porque os jovens se identificam com o tema, propomos que o mediador possibilite a realização de uma abordagem comparativa, no formato do percurso já utilizando nas leituras anteriores.

Propomos que os estudantes destaquem as aproximações e diferenças entre o poema: “Recaída” e os poemas já lidos nessa proposta. O mediador pode lançar, se for preciso, algumas questões, como: Qual a diferença entre a postura do eu lírico desse poema e dos outros lidos nesta proposta? Como cada um concebe o amor? O que você pensa sobre essas perspectivas do amor apresentadas nos poemas? Já sentiu algo dessa forma? Os poemas lembram algum texto que você já leu? Quais versos ou estrofes se relacionam entre os textos?

Após a conversa, o professor pode apresentar o poema: “Que eu chorei escondida e ninguém viu/Nem você nunca soube que eu chorei”, de Milene Augusto. O texto pode ser lido em voz alta e sugerimos que a leitura possa ser dividida, para que alunos diferentes leiam as estrofes. Após essa leitura, é importante que eles leiam novamente o poema. A seguir, é propomos a disponibilização de um tempo para que eles dialoguem sobre as impressões que tiveram do texto, bem como conectem-se às suas experiências ou vivências. Como o poema é conhecido popularmente, como “verso de roedeira<sup>78</sup>”, por tratar do término de um relacionamento e as dores e sentimentos como consequência disso, os jovens podem se empolgar para comentar sobre o poema e expor o que pensam.

Talvez, seguindo o percurso de leitura vivenciado nos outros momentos, os estudantes nas discussões já comecem realizando a abordagem comparativa. Se não, o professor pode professor que eles apresentem as diferenças e/ ou aproximações entre o poema de Milene Augusto o os outros poemas lidos nessa proposta. Para ampliar as reflexões, o mediador pode propor algumas questões, tais como: Como se porta o eu lírico nesse poema? Do ponto de vista de perspectiva temática, quais dos poemas lidos mais se aproximam do que escreveu Milene Augusto? Qual é o sentimento de amor que o poema apresenta? Há alguns trechos desse poema que se relaciona com outros poemas lidos? Quais as aproximações e diferenças entre o eu lírico

---

<sup>78</sup> São poemas que demonstram o sofrimento pela pessoa amada, popularmente chamado de “roedeira” ou “sofência”.

desse poema e dos outros que você leu nessa proposta? Do ponto de vista formal, quais as diferenças entre o poema de Milene e dos outros lidos, no que diz respeito construção dos versos e estrofes? Após essa e outras questões apresentadas pelo professor e pelos estudantes, é fundamental que eles dialoguem livremente.

Em outro momento da aula, sugerimos a apresentação do hai-kai de autoria de Alice Ruiz: “Desacerto<sup>79</sup>”. Propomos, novamente, a leitura oral, bem como, a releitura do poema. Em seguida, é importante deixar que os estudantes falem sobre as impressões que tiveram do poema, do ponto de vista temática e formal. Os estudantes podem ser indagados se já conheciam hai kai, se sim, podem ser motivados a falar sobre o assunto. Nesse momento, pode instigar a abordagem comparativa em que eles podem abordar sobre o que aproxima e afasta o hai kai dos outros poemas lidos; qual a relação que o hai-kai tem com os outros poemas; com quais dos poemas, o hai-kai mais se aproxima. Quanto ao amor, qual a postura do eu lírico?

Em seguida, o mediador pode apresentar a canção: “Se tu quiser<sup>80</sup>”, de autoria de Chico Bizzerra, interpretada por Santana. Inicialmente, propomos que seja feita a leitura em voz alta e depois, é interessante que oportunize a audição da canção, que tem uma boa melodia. Os alunos podem acompanhar cantando também, bem como podem reler, posteriormente. Após esse momento, é necessário propor uma roda de conversa, para que os estudantes conversem sobre a impressão que tiveram da canção, destaque trechos que mais lhe chamaram atenção.

Na sequência, o professor pode instigar uma abordagem comparativa, para que os estudantes apresentem as aproximações ou diferenças entre a canção e os poemas lidos ao longo dessa proposta. Para isso, eles podem destacar versos da canção que dialogam com o poema, bem como os que apresentam um paradoxo em relação a algum poema lido. Nesse momento, o mediador observa o diálogo dos estudantes e, caso for preciso, podem apresentar questões que favoreçam essa abordagem, como por exemplo, pedir para que os estudantes estabeleçam a diferenças entre o eu lírico da canção e dos poemas lidos; que percebam de qual poema o eu lírico da canção mais se aproxima; as aproximações e diferenças entre o amor tratado pela canção e o tratado por cada poema; diante das experiências que já viveram, com qual poema mais se identificam. Outras questões e abordagem podem surgir durante o diálogo e é muito importante que os alunos percebam que um mesmo tema ele pode ser tratado de formas

---

<sup>79</sup> RUIZ, Alice S. **Desorientais**: hai – kais. 5. ed. São Paulo: Imuninuras, 2006.

<sup>80</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=Y0AmYAMONLU&t=11s>

diferentes e que com uma abordagem comparativa, conseguimos elucidar algumas questões postas nos diferentes textos.

Em outra aula, o professor pode propor que os estudantes se organizem em grupos e escolham poemas que mais se identificaram para realização de um sarau na escola. Os estudantes que tiverem habilidade para tocar música no violão, podem apresentar as canções. Além dos poemas e canções que propomos, podemos apresentar sugestões de outros com essa mesma temática, para que eles leiam e escolham. Por exemplo, do livro *Dois em um* de Alice Ruiz, eles podem ler o poema: “Assim que vi você<sup>81</sup>”; do livro: *Desorientais*, da mesma autora o poema: “Teu sol<sup>82</sup>”. As canções: “Sem não nem talvez<sup>83</sup>”, de Flávio Leandro; “Eu não existo sem você<sup>84</sup>”, de Antonio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes e “Dia especial<sup>85</sup>”, de Tiago Iorc. Os estudantes também podem propor outros poemas e canções que tratam sobre temática, para complementarem as sugestões apresentadas nessa proposta. Feito isso, eles podem se organizar em casa ou em horários extras na escola para preparação do sarau. Os alunos podem dividir realizar um sarau musical, intercalando poemas e canções. Preparado o sarau, o professor pode combinar com eles o espaço para se apresentarem, seja no pátio da escola, no auditório ou numa sala de reunião que a escola disponha. Para isso, propomos que os estudantes convidem as outras turmas para assistir.

O importante é a leitura de poemas aconteça com o objetivo de conectar os estudantes com suas experiências e que seja conduzida para ampliar o diálogo do leitor com o texto, com o mediador e com os outros leitores. Por fim, sugerimos que essa abordagem de leitura seja vivenciada com alunos de 9º ano dos anos finais do Ensino Fundamental, alunos de EJA Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio e turmas de 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio.

Quando selecionamos os poemas para compor a antologia, contemplamos poemas de todas as poetisas que fazem parte dessa pesquisa, das cinco temáticas predominantes: mulher, sertão, metalinguagem, amor e político – social. A escolha de vinte textos, dentre cento e setenta e um selecionados, no início da pesquisa, foi criteriosa, considerando que os poemas poderiam chegar à sala de aula e serem lidos por um público distinto de jovens. Nesse caso, o momento da escolha foi muito importante, pois consideramos os textos que pudessem contribuir

---

<sup>81</sup> RUIZ, S. Alice. **Dois em um**. São Paulo: Iluminuras, 2013.

<sup>82</sup> RUIZ, Alice S. **Desorientais**: hai – kais. 5. ed. São Paulo: Imuninuras, 2006.

<sup>83</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=J7DihPp42WA>

<sup>84</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=OoSfRjWxBFI>

<sup>85</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=y0wzDTutlmE>

para uma abordagem de leitura em turmas dos Anos Finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA Fundamental e Médio.

Acreditamos que a antologia temática apresentada neste trabalho pode possibilitar ao leitor o conhecimentos de diversas autoras, temáticas e poemas no mesmo suporte de publicação, bem como como o tema é abordado por cada um. É uma forma dinâmica de fomentar a leitura de diversos poemas, contribuindo para propor diálogos entre eles, traçar diferenças e até mesmo, identificar qual temática/ poema que mais chama a atenção de quem lê. Lembramos que a antologia é uma das abordagem do poema citada por Pinheiro (2018) como trabalho que pode ser realizado para fomentar a formação de leitores na sala de aula.

Dentro dos cinco temas, propomos atividades de leitura dos poemas que podem favorecer a experiência do leitor e a interação dele com o texto. Nesse sentido, a proposta é que o leitor seja acolhido pelo poema e despertado por experiências e vivências, em que sua história dialogue com o texto. O professor como mediador potencializa a experiência, inicialmente ouvindo e, se necessário, pondo questões que favoreçam o diálogo literário. Com base em Bajour (2012) e Rouxel (2014) que defendem a conversa literária e a leitura subjetiva, respectivamente, os estudantes podem ler e dialogar livremente sobre o que pensam sobre o texto. Esse é um aspecto muito importante, considerando que há uma preocupação, muitas vezes, da escola ou do professor em classificar, estrofes, métricas e rimas e esquecer de dialogar sobre o que o poema tem a dizer ou fazer sentir. E na verdade, a proposta aqui apresentada oportuniza que o leitor sinta a poesia, converse sobre ela, sem precisar classificá-la tecnicamente.

Outra questão importante que apresentamos foi como a leitura do poema pode favorecer a interação entre o texto e o leitor. Com base em Pinheiro (2018) e Marinho e Pinheiro (2012), apresentamos sugestões de leitura em voz alta dos poemas, como umas das estratégias que podem contribuir para a conexão entre o sujeito leitor e o texto. Pensar que a literatura impressa do cordel tem origem na oralidade, é pensar que a leitura oral favorece ao leitor amplas possibilidades de criar/identificar imagens do que se lê, a partir de como o texto é lido.

Apontamos, ainda em cada temática, uma abordagem comparatista entre os poemas e outros textos, como, canções, telas, versos livres, para que os estudantes possam perceber as aproximações e diferenças entre os textos. Essa proposta pode favorecer aos alunos a percepção do diálogo entre os textos, independente do gênero a que pertencem.

Quando nos referimos ao ensino, consideramos que a antologia constituída de uma seleção de poemas com abordagem para sala de aula pode favorecer a aproximação dos leitores à leitura de poemas, sobretudo, da literatura de cordel. E pensar na leitura, como propomos, numa perspectiva em que a experiência e a história do leitor dialoguem com o texto, ou vice-versa, numa relação dialógica, pode oportunizar amplas possibilidades de formação de leitores de poesia na sala de aula.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando revisitamos o propósito elencado para a pesquisa, constatamos que, ao finalizar o trabalho, conseguimos corresponder ao que nos propomos. Iniciamos olhando para o objetivo geral que trata sobre a investigação da predominância de temas e procedimentos, na literatura de cordel de autoria feminina do Sertão do Pajeú, bem como a construção de uma antologia com abordagem de leitura para a sala de aula. Ao nos debruçarmos nos três capítulos deste trabalho, constatamos que o objetivo foi alcançado durante o processo de desenvolvimento da pesquisa.

A experiência deste trabalho nos oportunizou uma ampliação da visão da literatura de cordel. Desconstruímos, no processo de pesquisa, o nosso pensamento colonial da literatura de folhetos/cordel no Nordeste, concebido nas leituras que associam, somente a Portugal, a influência e a origem dessa literatura no Brasil. Passamos a perceber, claramente, as características próprias da produção cordelista nordestina, bem como, a influência da poesia oral para a constituição do cordel impresso. Do ponto de vista formal, a investigação nos apresentou a constituição do cordel no Sertão do Pajeú numa perspectiva que tem peculiaridades dentro da tradição cordelista. Percebemos a influência específica da cantoria de viola na construção dos cordéis, em que encontramos poemas narrativos, mas também temáticos, constituídos de décimas setissílabas ou decassílabas, formato presente na construção poética do cantador de viola.

Este estudo nos possibilitou visualizar o lugar da mulher no espaço de autoria da literatura de cordel. Embora, estivessem nas cantorias de viola, no século passado, duelando com homens ou entra elas mesmas, eram invisibilizadas pela ideia patriarcal da época. No entanto, pudemos perceber, ao longo da pesquisa, que essas vozes pavimentaram os caminhos para que as vozes de autoria feminina da literatura de cordel pudessem ser ouvidas e lidas no contexto contemporâneo.

Embora tivéssemos uma visão geral da presença da mulher na literatura de cordel do Sertão do Pajeú, nos surpreendemos com a quantidade de vozes de autoria feminina obtida neste levantamento. Acreditamos que trazer para este estudo o nome dessas mulheres é contribuir para descortinar a autoria feminina da região citada, fortalecendo a visibilidade de uma voz pouco vista neste meio literário. Outra questão que podemos destacar é que a recolha realizada



nesta pesquisa pode contribuir para o empreendimento de outros estudos acadêmicos sobre a temática que estamos tratando neste trabalho.

Nesse sentido, obtivemos um horizonte amplo da presença das mulheres, como produtoras da literatura de cordel tanto em números, quanto em produção literária. Passamos a ler muitos textos poéticos, da autoria delas, dos quais não tínhamos conhecimento e isso nos proporcionou uma ampliação do repertório de poemas, bem como das temáticas tratadas pelas cordelistas. Outra questão que nos chamou a atenção é que as autoras que compuseram este estudo não se limitaram, no corpus que recolhemos, somente à formalidade cordelista, permearam, também, o caminho de poemas clássicos como sonetos e a poesia contemporânea, constituída por versos livres.

Destacamos, também, como relevante nesta pesquisa, o mergulho nas questões de ordem metodológica, desde a organização da antologia composta por cordéis/poemas da autoria das cordelistas até as propostas de abordagem de leitura para sala de aula. Acreditamos que a antologia temática apresentada neste trabalho pode possibilitar ao leitor o conhecimento de diversas autoras, temáticas e poemas no mesmo suporte de publicação, bem como o tema que é abordado por cada uma. Essa forma dinâmica de fomentar a leitura de diversos poemas, pode contribuir para propor diálogos entre eles, traçar diferenças e até mesmo identificar qual temática/ poema que mais chama a atenção de quem lê. Lembramos que a antologia é uma das possibilidades de contato do leitor com o texto poético citada por Pinheiro (2018) como trabalho que pode ser realizado para fomentar a formação de leitores na sala de aula.

Consideramos, como contribuição, a apresentação da proposta metodológica contemplando os poemas/cordéis de autoria das cordelistas - que não são consideradas do cânone literário - mas que podem fortalecer a visibilidade a literatura de cordel feminina como subsídio que estimula a formação de leitores literários. Outra questão que podemos destacar nas abordagens de leitura propostas neste trabalho é a relação dialógica que propusemos entre os textos, não nos limitando, somente, aos que apresentamos na antologia. Quando apontamos, em cada temática, uma abordagem comparatista entre os poemas da antologia e outros textos, como canções, telas, versos livres, para que os estudantes possam perceber as aproximações e diferenças entre eles, favorecemos a visibilidade temática e autoral dessas autoras, conectando-as com outras linguagens e formas. Essa proposta pode oportunizar aos leitores a percepção do diálogo entre os textos, independente do gênero e da forma a que pertencem.

Por fim, destacamos a relevância desta pesquisa tanto do ponto de vista acadêmico, quanto do ponto de vista de proposta metodológica. Quanto ao primeiro aspecto, ressaltamos que o levantamento de dados e o estudo das temáticas presentes nos poemas de autoria das cordelistas do Sertão do Pajeú é de grande importância e apresenta uma fortuna crítica que pode contribuir para o desenvolvimento de outras pesquisas acerca da literatura de cordel de autoria feminina da região citada. Além disso, rompendo com o universo cânone presente na sala de aula, a literatura de cordel de autoria feminina pode ampliar as possibilidades de formação de leitores literários na escola.

Saímos da pesquisa com o sentido de dever cumprido, mas também cientes de que adentramos um campo fértil, aberto a muitos estudos e muita dedicação. Estamos, também, determinados a divulgar este estudo nos espaços escolares da região, bem como, compartilhar nos grupos de formação compostos por professores de Língua Portuguesa de outras regiões do estado. A ideia é que possam conhecer as abordagens de leitura de autoria feminina da literatura de cordel propostas neste trabalho.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. 4. ed. Campinas (SP): Mercado das Letras, 1999.
- ALMEIDA, Derlon (Org.) **Plantando poesia**. 1. ed. Melo Horizonte – MG: Impressões de Minas, 2022.
- ALMEIDA, Isabelly Moreira. A mulher na poesia do Pajeú. **Revista Observatório**. Itaú Cultural, v. 1, p. 103-107, 2019.
- ALVES, José Hélder Pinheiro. **Eu canto o sertão que é meu**. In: Diversidade do campesinato: expressões e categorias: construções identitárias e sociabilidades. Emília Pietrafesa de Godoi, Marilda Aparecida de Meneses, Rosa Acevedo Marin (Orgs.). São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.
- ALVES, José Hélder Pinheiro. **Do parnaso aos Slams**: as antologias como espaço de encontro com a poesia. Cadernos CESPUC de Pesquisa. Série Ensaios – n. 1, 1996 – Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2023.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Sentimentos do mundo**. 28. ed. Rio de Janeiro: Record, 2023.
- ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá**: filosofia de um trovador nordestino. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
- AYALA, Maria Ignez Novais. **No arranco do grito**: aspectos da cantoria nordestina. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- BACHELARD, G. **O direito de sonhar**. 2. ed. São Paulo: DIFEL, 1985.
- BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas**: O valor da escuta nas práticas de leitura. Tradução: Alexandre Morales. 1. ed. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
- BANDEIRA, Manuel. **Lira dos cinquent'anos**. 5. ed. São Paulo: Global, 2001.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luiz Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70. 2016.
- BATISTA, Luzia. **Poetisa sonhadora**: versos e canções. 1. ed. São José do Egito: RS Gráfica Editora Ltda. 2018.
- BÍBLIA. **Gênesis**. In: Bíblia Sagrada. Tradução: Ivo Storniolo e Euclides Martins. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.
- BOSI, Alfredo. **O Ser e o Tempo da Poesia**. 1. ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 1977.

BRANCA, Severina. **Enquanto render a vida/ não se acaba a esperança**. Ésio Rafael; Isabelly Moreira; Juliana Coutinho; Petrônio Lorena (org.). São José do Egito: Coqueiro, 2022.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e cantadores**. 3. ed. São Paulo: Global, 2005.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o sertão**. 2. ed. Natal: Editora CERN, 1984.

CARVALHAL, Tânia Franco. **O próprio e o alheio**: ensaios de literatura comparada. 1. ed. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

CEIA, Carlos. **Metalinguagem**. E-Dicionário de Termos Literários (EDTL), coord. de Carlos Ceia, dez 2010. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/metalinguagem>. Acesso em: 28 mar. 2024.

CESARINY, Mário. **Horta de literatura de cordel**: o continente submerso, o grande teatro do mundo, os sobreviventes do mundo: monstros nacionais, monstros estrangeiros. 2. ed. Lisboa – Portugal: Assírio e Alvin: 2004.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Gadalho. Algés – Portugal: DIFEL, 1988.

DIEGUES JÚNIOR, Manoel. **Ciclos temáticos da literatura de cordel**, *In*: Literatura popular em verso, Estudos. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura/ Fundação Casa Rui Barbosa, 1993.

FERREIRA, Gilmar Leite. **O Sertão educa**. 2013. 163 f. Tese (Programa de pós-graduação em educação) – Centro de educação – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal, 2013. Disponível: <https://repositorio.ufrn.br/bitstream/>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

FREITAS, Lenilde. **Grãos na eira**. 1. ed. São Paulo: Ateliê editorial, 2001.

GOTLIB, Nádia Battella. **A literatura feita por mulheres no Brasil**. *In*: BRANDÃO, Izabel e MUZART, Zahidé L. Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura. Santa Cruz do Sul: Edunics; Florianópolis: Mulheres, 2003.

GRISI, Maria Vitória de Rezende. **A criação poética no Sertão do Pajeú**: uma análise a partir das relações entre identidade nacional brasileira, representação e estética. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas – SP, 2021.

HAYKES, N. Katherine. **Literatura eletrônica**: novos horizontes para o literário. Tradução: Luciana Lhullier e Ricardo Moura. 1. ed. São Paulo: Global, 2009.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** Tradução Bhuvi Libanio. 21. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos. 2023.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação.** Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

LEITE, Francisco Tarciso. **Metodologia Científica: métodos e técnicas de pesquisa - monografias, dissertações, teses e livros.** Aparecida – SP: Ideias & Letras, 2008.

LEMAIRE, Ria. **Vozes de mulheres no território do cordel e da cantoria.** Londrina – PR: Boitatá, Ano 15, n. 30, p. 47–60, 2020.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história de opressão das mulheres pelos homens.** 1. Ed.. Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

LUCCOCK, John. **Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil.** São Paulo: Itatiaia; São Paulo: Livraria Martins Editora S.A, 1951.

LIMA, Dulce. **Sertão: Cenário de Crônicas e Versos.** 1. ed. Recife - PE: Ed. do Autor, 2015.

LUYTEN, Joseph M. F. **Feminismo versus machismo: autoras mulheres na literatura de cordel.** In: MELO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina; BARBOSA, Sérgio (Org.). *Comunicação Latino-Americana: o protagonismo feminino.* São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco/ Umesp/FAI, 2003.

MACEDO, Nicoli Braga; SILVA, Sabrine Cordeiro Barbosa da. **O cordel feminino: presença e participação de mulheres autoras.** Anais do 3º encontro Internacional Histórias & Parcerias. 2021. Disponível: [https://www.historiaeparcerias.rj.anpuh.org/resources/anais/19/hep2021/1\\_635706656\\_ARQUIVO\\_ef29180521f7b4177f8035bca1eb6195.pdf](https://www.historiaeparcerias.rj.anpuh.org/resources/anais/19/hep2021/1_635706656_ARQUIVO_ef29180521f7b4177f8035bca1eb6195.pdf). Acesso em 08 de novembro de 2022.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da pesquisa em educação.** Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar.** 1. Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MARQUES, Francisco Claudio Alves; SILVA, Esequiel Gomes da. **Literatura de cordel brasileira: poesia, história e resistência.** In: FERREIRA, Eliane Ap. Galvão Ribeiro; MARQUES, Francisco Cláudio Alves; BULHÕES, Ricardo Magalhães (orgs.) *Literatura de cordel contemporânea: voz, memória e formação de leitor.* 1. ed. Campinas, SP. Mercado das Letras, 2020.

MENDONÇA, Maristela Barbosa. **Uma voz feminina no mundo dos folhetos.** 1. ed. Brasília: Thesaurus, 1993.

MOREIRA, Isabelly. **Canta Dores.** 1. Ed. Teresina - PI: Halley, 2017.

MOREIRA, Maria Eunice. **Cânone e cânones: um plural singular**. Letras, n. 26, p. 89-94, Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), 2003.

MOTA, Leonardo. **Cantadores**. 5. ed. Rio de Janeiro: Cátedra, 1978.

NETO, José Rufino da Costa. (Dedé Monteiro) **Retalhos do Pajeú**. 1. ed. Recife: Imprensa Universitária da UFRPE, 1984.

PEDROSA, Carmem. **Vitória Régia**. 1. ed. Olinda - PE: Tipografia da Fundação Casa das Crianças, 1983.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia brasileira: das origens ao pré-modernismo**. 1. ed. Campina Grande: EDUFCG, 2017.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018.

PINHEIRO, Hélder. **O preço do jumento: poesia em contexto de ensino**. 1. Ed. Campina Grande: EDUFCG, 2020.

PINHEIRO, HÉLDER. **Leitura de poemas e algumas reflexões metodológicas**. 1. Ed. Campina Grande: EDUFCG, 2024.

PIRES, Nevinha. **Fragmentos do Pajeú: sociais e políticos**. 1. ed. Serra Talhada, PE: Sertagráfica, 1997.

POLESSO, Natália Borges; ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Da margem: a mulher escritora e a história da literatura. **Revista Eletrônica MétiS**. Caxias do Sul, v.9, jul./dez., p.99-112, 2010.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUEIROZ, D. A. de. **Mulheres Cordelistas: Percepções do universo feminino na Literatura de Cordel**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras da UFMG - Belo Horizonte - MG, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ALDR-6WEK7J>

QUEIROZ, Thaynnara. **Estrela – Poemas**. 1. ed. Recife -PE: Gira editorial, 2021

RAMALHO, Alecsandra Barros. **A performance da voz poética feminina na mesa de glosas e o ensino da literatura**. Dissertação (Mestrado ProfLetras) Biblioteca Digital de Teses e Dissertações –TEDE2-UFRPE. Garanhuns – PE, 2018. Disponível: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/8052>

RAMALHO, Alecsandra. **FlorEssência – Onde brilha o sol**. 1. ed. Afogados da Ingazeira – PE: R S G Gráfica Editora Ltda, 2017.

RAMOS, Alexandre. **O rio que não passa**. 1. ed. Recife – PE: Andararte, 2013.

ROMANELLI, Marina. **A representatividade feminina na literatura brasileira contemporânea**. Monografia (Graduação em Produção Editorial), Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, UFRJ, 51f, 2014.

ROUXEL, Annie. **Ensino da literatura: Experiência estética e formação do leitor (Sobre a importância da experiência estética na formação do leitor)**. In: ALVES, José Hélder Pinheiro (Org.). *Memórias da Borborema 4: Discutindo a literatura e seu ensino*. 1. ed. Campina Grande: Abralic, 2014.

RUIZ, S. Alice. **Dois em um**. 4. ed. São Paulo: Iluminuras, 2013.

RUIZ. Alice S. **Desorientais: hai – kais**. 5. ed. São Paulo: Imuninuras, 2006.

SANTOS, Francisca Pereira dos. **Mulheres fazem... cordéis**. João Pessoa: Graphos. v.8, n.1/ Jan/Jul/2006.

SANTOS, Francisca. Cantadoras e repentistas do século XIX: a construção de um território feminino. **Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea**, v. 35, p. 207–249, 2010. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9663>. Acesso em: 22 de abr. de 2022.

TAVARES, Bráulio. **Arte e Ciência da Cantoria de Viola**. 1. ed. Recife: Bagaço, 2016.

TAVARES, Bráulio. **Contando histórias em versos: Poesia e Romanceiro Popular no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Ed. 34, 2005.

TAVARES, Bruna; ROCHA, Dayane (Org.). **Coletânea das Flores – Poetisas do Pajeú**. 1. ed. Recife – PE: Editora dos Organizadores, 2017.

TELLES, Norma. **Escritoras, escritas, escrituras**. In: PRIORE, Mary del (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

VALÉRY, Paul. **Variedades**. São Paulo: Iluminuras, 1991.

## **APÊNDICES**



## Apêndice A

### Categorização temática dos poemas das cordelistas do Sertão do Pajeú

#### 1. Alecsandra Ramalho

Autora: Alecsandra Ramalho					
Temática	Título do poema	Fonte	Dimensão Formal		
			Número de estrofes	Quant. de Versos	Sílabas métricas
<b>EXISTENCIAL</b>	Silêncio	Acervo da autora	01	Sextilha	Setessilaba
	Gratidão	Acervo da autora	01	Setilha	Setessilaba
	Hoje eu quero plantas flores	Ramalho (2007, p. 49)	03	setilha	setessílaba
	Àquele que há de vir	Ramalho (2007, p. 65)	02	Sextilha	Setessilaba
	Se eu fosse um passarinho...	Ramalho (2007, p. 87)	03	Sextilha	Setessilaba
<b>AMOR</b>	Não era amor verdadeiro	Acervo da autora	01	Septilha	Setessilaba
	Gastei minha poesia	Acervo da autora	01	Décima	Decassílaba
	Filho	Acervo da autora	01	Sextilha	Setessílaba
	Simpatia	Ramalho (2007, p. 107)	03	Sextilha	Setessilaba
	Feito festa de São João	Ramalho (2007, p. 143)	02	Décima	Decassílaba
<b>POLÍTICO - SOCIAL</b>	Quanto vale um professor?	Acervo da autora	10	sextilha	Setessílaba
	Marca de mudança	Acervo pessoal da autora	01	Décima	Setessílaba
<b>MULHER</b>	Não nasci submissa	Acervo da autora	04	1 oitava/ 2 sextilha/ 1 sétima	Setessilaba
	Mulher	Acervo da autora	03	Décima	Setessilaba

## 2. Andreia Miron

<b>Autora: Andreia Miron</b>					
<b>Temática</b>	<b>Título do poema</b>	<b>Fonte</b>	<b>Dimensão Formal</b>		
			<b>Qt de estrofes</b>	<b>Quant. de Versos</b>	<b>Sílabas métricas</b>
<b>AMOR</b>	Quero mais	Acervo da autora	01	Décima	Setessílaba
	Fui embora e voltei pra lhe dizer/ Que o amor que levei e vivo ainda	Acervo da autora	02	Décima	Decassílaba
	Retirei seu retrato da carteira/ sem tirar seu amor do coração	Acervo da autora	03	Décima	Decassílaba
<b>POLÍTICO -SOCIAL</b>	Brasil, cadê tua independência?	(APPTA, 2008, p. 179)	19	Décima	Setessílaba
	Natal	Acervo da autora	01	Décima	Setessílaba
	Uma forcinha do além	Folheto de cordel	17	Setilha	Setessílaba
<b>MULHER</b>	Mulher da poesia	Acervo da autora	01	Setilha	Setessílaba
<b>EXISTENCIAL</b>	Você não tem a metade/ do valor que conquistei	Acervo da autora	02	Décima	Setessílaba
<b>METALIN GUAGEM</b>	O que é poesia?	Acervo da autora	01	setilha	Setessílaba

## 3. Carmem Pedrosa

Autora: Carmem Pedrosa					
Temática	Título do poema	Fonte	Dimensão Formal		
			Qt estrofes	Quantidade de Versos	Sílabas métricas
SERTÃO	Imagem viva da seca	(Pedrosa, 1983, p.22)	13	Setilha	Setissílaba
	O sertão e a natureza	(Pedrosa, 1983, p.25)	15	Décima	decassílaba
	O sertão na seca	(Pedrosa, 1983, p.43)	04	Décima	Setessílaba
	A seca no sertão	(Pedrosa, 1983, p.44)	05	Décima	Decassílaba
	Quando choveu no sertão	(Pedrosa, 1983, p.55)	05	Sextilha	Setessílaba
	Coisas que eu admiro	(Pedrosa, 1983, p.137)	04	Setilha	setessílaba
	Aonde eu moro	(Pedrosa, 1983, p.115)	06	Setilha	setessílaba
	Sei porque	(Pedrosa, 1983, p.62)	07	Décima	decassílaba
METALINGUAGEM	Como veio a poesia	(Pedrosa, 1983, p.13)	10	Setilha	Setissílaba
	Como encontro poesia	(Pedrosa, 1983, p.15)	29	Sextilha	Setissílaba
	O valor da poesia	(Pedrosa, 1983, p.20)	05	Décima	Decassílaba
MULHER	Quem sou	(Pedrosa, 1983, p.46)	38	Sextilha	setessílaba
	Eu poetisa	(Pedrosa, 1983, p.120)	05	Sextilha	setessílaba
	Meus lamentos	(Pedrosa, 1983, p.105)	06	Setilha	Setessílaba
AMOR	A quem dou meu coração	(Pedrosa, 1983, p.81)	06		
	Puros sentimentos	(Pedrosa, 1983, p.103)	06	Décima	Decassílaba
	Minha mãe pobre	(Pedrosa, 1983, p.85)	05	Sextilhas	setessílabas
	Meus sonhos irreais	(Pedrosa, 1983, p.119)		Sextilha	setessílaba
	Martelo alagoano	(Pedrosa, 1983, p.29)	08	Décima	Decassilaba
	O que venho trazer	(Pedrosa, 1983, p.113)	04	Setilha	Setessílaba

**Continuação - Carmem Pedrosa**

<b>Autora: Carmem Pedrosa</b>					
<b>Temática</b>	<b>Título do poema</b>	<b>Fonte</b>	<b>Dimensão Formal</b>		
			<b>Quant. estrofes</b>	<b>Quantidade de Versos</b>	<b>Sílabas métricas</b>
<b>SAUDE</b>	Carmem Criança	(Pedrosa, 1983, p.121)	03	Sextilha	setessílaba
	Eu criança	(Pedrosa, 1983, p.122)	05	Sextilha	setessílaba
	Lembrança inesquecível	(Pedrosa, 1983, p.77)	07	Sextilha	setessílaba
	Saudades de minha terra	(Pedrosa, 1983, p.41)	10	Sextilha	setessílaba
	A um amigo	(Pedrosa, 1983, p.56)	06	Décima	decassílaba
<b>POLÍTICO - SOCIAL</b>	Cidade tediosa	(Pedrosa, 1983, p.75)	09	Sextilhas	setessílabas
	O que é democracia?	(Pedrosa, 1983, p.97)	10	Setilha	setessílaba
	O nordestino falando com o presidente	(Pedrosa, 1983, p.31)	11	Sextilha	setessílaba
<b>NATUREZA</b>	A floresta e o caçador	(Pedrosa, 1983, p.67)	03	Décima	setessílaba
	Borboleta Indígena	(Pedrosa, 1983, p.68)	03	Décima	Setessílaba
	Os meteoritos	(Pedrosa, 1983, p.129)	05	Oitava	setessílaba

## 4. Dayane Rocha

Autora Dayane Rocha			Dimensão Formal		
	Título do poema	Fonte	Quant. De estrofes	Quantidade de Versos	Sílabas métricas
SAUDADE	A saudade fareja pra cancela/ Do matuto com cheiro de sertão	Balai de Munganga, p.05	01	Décima	Decassílabas
	A saudade me queima	Instagram da autora	01	Décima	Setessílabas
	Caminhei na estrada da saudade	Instagram da autora	01	Décima	setessílabas
	Saudade	Instagram da autora	01	Décima	Decassílabas
	Pedaço de saudade	Instagram da autora	01	Sextilha	Setessílabas
	A saudade presente me espora	Instagram da autora	01	Décima	Decassílabas
	ERÓTICO	Amor santo demais é sem sabor	Folheto de cordel	06	Décima
Essa noite dispensa a timidez		Instagram da autora	01	Décima	Decassílabas
Tua boca com gosto de cerveja		Instagram da autora	01	Décima	Decassílabas
Hoje à noite a poesia/ Vai ser feita em nossa cama		Instagram da autora	01	Décima	Setessílabas
POLÍTICO - SOCIAL	Meu São João é assim	Folheto de cordel	19	Décima	Setessílabas
	Mas não é, com certeza, o meu país	Instagram da autora	01	Décima	Decassílabas
	Genocida	Instagram da autora	01	Décima	setessílabas
SERTÃO	O vento passa cantando/ Quando é inverno o Sertão	Balai de Munganga, p.02	01	Décima	setessílabas
	É esse o quadro avistado/ Da janela do Sertão	Balai de Munganga, p.04	01	Décima	Setessílabas
	Forte feito o sertão	Instagram da autora	01	Décima	Setessílabas
MULHER	Minha força	Balai de Munganga, p.01	01	Décima	Decassílabas
	Minha raiz	Balai de Munganga, p.22	01	Décima	Decassílabas
	Mulheres	Instagram da autora		Décima	Decassílabas

## 5. Dulce Lima

Autora: Dulce Lima					
Temática	Título do poema	Fonte	Dimensão Formal		
			Quant. de estrofes	Quant. de Versos	Sílabas métricas
METALINGUAGEM	Na fonte da poesia	Acervo da autora	01	Setilha	Setissílabas
	Quanto vale a poesia	Acervo da autora	01	Setilha	Setessilaba
	Nas águas da poesia/ batizei o universo	(Lima, 2015, p.182)	01	Décima	Setessilaba
	Nosso pão é poesia/recheado de emoção	(Lima, 2015, p.183)	01	Décima	Setessilaba
POLÍTICO - SOCIAL	Paz	Acervo da autora	01	Décima	Decassílabas
	O governo acha pouco, inda quer mais/Dos pedintes famintos roubam o pão	(Lima, 2015, p.181)	01	Décima	Decassílabas
	Contrações do Natal	(Lima, 2015, p.177)	01	Décima	Setissílabas
EXISTENCIAL	Vivo a vida plenamente	Acervo da autora	01	Sétima	setessílabas
	Desencantos do amor	Acervo da autora	01	Décima	Setessilaba
AMOR	Nosso amor tão singular	Acervo da autora	01	Décima	Setessílabas
SERTÃO	Noite de São João	Acervo da autora	01	Décima	setessílabas
TERRA NATAL	Sou do Pajeú das flores	Acervo da autora	01	Décima	Setessilaba

## 6. Elenilda Amaral

<b>Autora: Elenilda Amaral</b>					
<b>Temática</b>	<b>Título do poema</b>	<b>Fonte</b>	<b>Dimensão Formal</b>		
			<b>Quant. de estrofes</b>	<b>Quant. de Versos</b>	<b>Sílabas métricas</b>
<b>SERTÃO</b>	Uma tela pintada desse jeito	Instagram da autora	02	Décima	Decassílabas
	Os tabaqueiros	Folheto de cordel	18	Sextilha	Setessílabas
	Labuta do agricultor	(Almeida, 2022, p. 47)	04	Décima	Decassílabas
	O tecido cinzento do sertão/ Com um toque de Deus mudou a cor	(Tavares e Rocha, 2017, p. 65)	01	Décima	Decassílabas
<b>POLÍTICO - SOCIAL</b>	O pobre vive de fé	Instagram da autora	01	Décima	Setessílabas
	H(á) vida no semiárido	(Almeida, 2022, p. 107)	12	Setilha	Setessílabas
	Pobre não tem vez	(Tavares e Rocha, 2017, p. 64)	01	Décima	Setessílabas
<b>EXISTENCIAL</b>	O que devo fazer pra ser feliz	(Tavares e Rocha, 2017, p. 69)	04	Décima	decassilabas
	Quando precisa de mim	(Tavares e Rocha, 2017, p. 72)	01	Sextilha	Setessilabas
<b>AMOR</b>	Sinto muito	(Tavares e Rocha, 2017, p. 71)	01	Setilha	Setessilabas
	Traíçoeira	(Tavares e Rocha, 2017, p.73)	01	Sextilha	Setessilabas
	Deus criou nossa mãe pra ser rainha	(Tavares e Rocha, 2017, p.62)	01	décima	Decassilabas
<b>METALINGUA GEM</b>	Sonhar que sou poeta	(Tavares e Rocha, 2017, p.63)	01	Décima	Setessílabas
<b>MULHER</b>	Protesto feminista	(Almeida, 2022, p. 77)	04	Décima	Decassílabas

## 7. Francisca Araújo

<b>Autora: Francisca Araújo</b>					
Temática	Título do poema	Fonte	Dimensão Formal		
			Quant. estrofes	Quant. de Versos	Sílabas métricas
POLÍTICO -SOCIAL	Uma nação consciente/Não permite tirania	Transcrição de vídeo youtube	01	Décima	Setessílaba
	Respeite a diversidade/Todos nós somos iguais	Transcrição de vídeo youtube	01	Décima	Setessílaba
	Paulo Freire – Filósofo da educação	Acervo da autora	07	Décima	setessílaba
	O que falta pra cair/ Esse tal de presidente?	Transcrição de vídeo youtube	01	Décima	Setessílaba
SERTÃO	Quando o firmamento chora/O sertão sente alegria	Transcrição de vídeo do youtube	01	Décima	Setessílaba
NATUREZA	Setembro chegou trazendo /Toda beleza das flores	Transcrição de vídeo do youtube	01	Décima	Setessílaba
MULHER	Sou mulher	Acervo da autora	01	Sextilha	Setessílaba
	Respeito não é somente/ No dia internacional	Acervo da autora	16	décima	Setessílaba
	A força do meu repente/ Representa quem eu sou	Transcrição de vídeo do youtube	01	décima	Setessílaba
	Minha voz é plenitude/ versejando a liberdade	Transcrição de vídeo do youtube	01	Décima	Setessílaba
METALIN GUAGEM	Em todo canto há um novo mundo	Acervo da autora	01	Décima	Decassílaba



## 8. Isabelly Moreira

Autora: Isabelly Moreira					
Temática	Título do poema	Fonte	Dimensão Formal		
			Quant. estrofes	Quant. de Versos	Sílabas métricas
POLÍTICO -SOCIAL	Pra ganhar o meu voto, eu sirvo e presto	(Moreira, 2017, p.73)	02	Décima	Decassílabas
	Mundo concreto	(Moreira, 2017, p.78)	05	Décima	Setessílabas
	Sem número, sem endereço	(Moreira, 2017, p.89)	09	Décima	Setessílabas
	A mão que doa, recebe	(Moreira, 2017, p.88)	02	Décima	Setessílabas
	Uma esmola, por favor	(Moreira, 2017, p.94)	09	Décima	Setessílabas
	Nesse Brasil de caboco	(Moreira, 2017, p.99)	05	Décima	Setessílabas
	Tempos difíceis	(Moreira, 2017, p.109)	05	décima	Setessílabas
AMOR	Alfaiate do tempo	(Moreira, 2017, p.128)	05	Décima	Setessílabas
	Voltar pra quê?	(Moreira, 2017, p.142)	03	Décima	Setessílabas
	Embalado dos sonhos	(Moreira, 2017, p.145)	03	Décima	Setessilabas
	Desejar-te	(Moreira, 2017, p.149)	03	Décima	Decassílabas
	Amor de mãe	Instagram da autora	01	Sextilha	Setessilabas
SERTÃO	São João	(Moreira, 2017, p.61)	04	Décima	Setessílabas
	Sertão teu, sertão meu, sertão de nós	(Moreira, 2017, p.65)	04	Décima	Decassílabas
	Não ouço mais o carão	(Moreira, 2017, p.152)	02	Décima	Setessilabas
	Coroa de frade	Instagram da autora	01	Sétima	Setessilabas
TERRA NATAL	Feliz cidade	Moreira, 2017, p.41)	03	Décima	Setessilabas
	Viva o Nordeste	Moreira, 2017, p.52)	05	Décima	Setessilabas
	Um sopro de poesia	Moreira, 2017, p.59)	05	Décima	Setessílabas
	Ponto de vista	Moreira, 2017, p.105)	04	Décima	Setessílabas
EXISTENCIAL	Meu tempo	Instagram da autora	01	Sétima	setessílabas
	Todo mundo erra	Instagram da autora	01	Sextilha	Setessilabas
	Plante o bem	Instagram da autora	01	Sextilha	Setessílabas
MULHER	Levanta teus braços	Acervo da autora	01	Décima	Decassílabas
	Nós, mulheres, morremos todo dia	Acervo da autora	04	Décima	Decassílabas
NATU REZA	A natureza devolve/ O que a gente lhe oferece	(Moreira, 2017, p.93)	02	Décima	Setissílabas

## 9. Milene Augusto

Autora: Milene Augusto					
Temática	Título do poema	Fonte	Dimensão Formal		
			Quant. de estrofes	Quant. de Versos	Sílabas métricas
AMOR	Amor não tem idade	Acervo da autora	01	Décima	Setissílaba
	Ninguém põe tornozeleira/ No pé do meu coração."	Acervo da autora	01	Décima	Setissílaba
	Quem colheu o que não quis/Sabe bem o que plantou	Acervo da autora	01	Décima	Setissílaba
	Coração curado das feridas	Acervo da autora	01	Décima	Setissílaba
	Amores e despedida	Acervo da autora	18	Décima	Setissílaba
SERTÃO	Brota verso improvisado/ do solo da poesia.	Acervo da autora	01	Décima	Setissílaba
	Que o vento passa cantando/ Quando é inverno o sertão	Acervo da autora	01	Décima	Setissílaba
	Eu nasci no sertão	Acervo da autora	03	Décima	Decassílaba
	Onde eu nasci	Acervo da autora	03	Décima	Decassílaba
MULHER	Sou mulher que tem postura	Acervo da autora	01	Sextilha	Setissílaba
	Nós queremos respeito	Acervo da autora	01	Décima	Setissílaba
	A mulher vai poder se libertar	Acervo da autora	01	Décima	Decassílaba
DEUS	Pedido a Deus	Acervo da autora	01	Sextilha	Setissílaba
	Deus me conduz	Acervo da autora	01	Sextilha	Setissílaba
	Caminhar é preciso	Acervo da autora	01	Décima	Setissílaba
POLÍTICO - SOCIAL	"Quem dorme na rua sente/O frio que uma noite faz."	Acervo da autora	01	Décima	Setissílaba
	O futuro está nas nossas mãos	Acervo da autora	01	Décima	Setissílaba
EXISTENCIAL	Sonhe grande	Acervo da autora	01	Décima	Decassilaba
	Eu nunca quis ser melhor	Acervo da autora	01	Décima	Setissílaba
METALIN GUAGEM	Poesia	Acervo da autora	01	Sextilha	Setissílaba
SAUDADE	Tempos de criança	Acervo da autora	03	Sextilha	Decassílaba

## 10. Thaynnara Queiroz

Autora: Thaynnara Queiroz					
Temática	Título do poema	Fonte	Dimensão Formal		
			Quant. estrofes	Quant. de Versos	Sílabas métricas
SERTÃO	E ver o gado berrando/ Na porteira do curral	(Queiroz, 2021, p. 86)	03	décima	setessílaba
	Eu nunca fui tão feliz	Instagram da autora	01	sextilha	Setissílaba
	Mês sem chuva	Instagram da autora	01	sextilha	Setessílaba
	Do chão que meu peito adora	Instagram da autora	01	Décima	Setessílaba
	Pajeú, nosso corcel/De beleza e alumbramento	(Queiroz, 2021, p.69)	05	Décima	setessílaba
	A chuva é quem veste a planta	(Queiroz, 2021, p. 73)	03	Décima	setessílaba
	Eu admiro o roçado	Instagram da autora	01	Sextilha	Setessílaba
MULHER	Gênesis – a origem do cangaço	Folheto de cordel	24	Sextilha	Setissílaba
	A minha vó me ensinou	Instagram da autora	01	Sextilha	Setissílaba
SAUDADE	Um batente no oitão/ Que não serve mais pra nada	(ribe, 2021, p. 108)	02	Décima	Setissílaba
METALINGUAGEM	O desencontro da poesia	Folheto de cordel	18	Sextilha	setessílaba
	Poesia	Instagram da autora	01	sextilha	setessílaba
	A força da poesia	Instagram da autora	01	sextilha	setessílaba
EXISTENCIAL	Não desista	Instagram da autora	01	Sextilha	setissílaba

## Apêndice B

### Quadro de poemas temáticos

#### Poemas sobre a temática “mulher”

Cordelistas	Temática “mulher”
Alecsandra Ramalho	Não nasci submissa
	Mulher
Andreia Miron	Mulher da poesia
Carmem Pedrosa	Quem sou
	Eu poetisa
	Meus lamentos
Dayane Rocha	Minha força
	Minha raiz
	Mulheres
Dulce Lima	Mulher
Elenilda Amaral	Protesto feminista
Francisca Araújo	Sou mulher
	Respeito não é somente/ No dia internacional
	A força do meu repente/ Representa quem eu sou
	Minha voz é plenitude/ versejando a liberdade
Isabelly Moreira	Levanta teus braços
	Nós, mulheres, morremos todo dia
	Outras dez levantarão...
Milene Augusto	Sou mulher que tem postura
	Nós queremos respeito
	A mulher vai poder se libertar
Thaynnara Queiroz	Gênesis – a origem do cangaço
	A minha vó me ensinou

### Poemas sobre a temática “metalinguagem”

Cordelista	Temática “metalinguagem”
Andreia Miron	O que é poesia?
Carmem Pedrosa	Como veio a poesia
	Como encontro poesia
	O valor da poesia
	Ao público jovem
Dayane Rocha	Poesia
Dulce Lima	Na fonte da poesia
	Quanto vale a poesia
	Nas águas da poesia/ batizei o universo
	Nosso pão é poesia/recheado de emoção
Elenilda Amaral	Sonhar que sou poeta
Francisca Araújo	Em todo canto há um novo mundo
Milene Augusto	Poesia
Thaynnara Queiroz	O desencontro da poesia
	Poesia
	A força da poesia

### Poemas sobre a temática “Existencial”

Cordelista	Temática “Existencial”
Alecsandra Ramalho	Silêncio
	Gratidão
	Hoje eu quero plantas flores
	Àquele que há de vir
	Se eu fosse um passarinho...
Andreia Miron	Você não tem a metade/ do valor que conquistei
Dulce Lima	Vivo a vida plenamente
	Desencantos do amor
Elenilda Amaral	O que devo fazer pra ser feliz
	Quando precisa de mim
Isabelly Moreira	Meu tempo
	Todo mundo erra
	Plante o bem
Milene Augusto	Sonhe grande
	Eu nunca quis ser melhor
Thaynnara Queiroz	Não desista

### Poemas sobre a temática “Sertão”

Cordelista	Temática “Sertão”
Carmem Pedrosa	Imagem viva da seca
	O sertão e a natureza
	O sertão na seca
	A seca no sertão
	Quando choveu no sertão
	Coisas que eu admiro
	Aonde eu moro
	Sei porque
	Homenagens aos poetas de Tabira
Dayane Rocha	O vento passa cantando/ Quando é inverno o Sertão
	É esse o quadro avistado/ Da janela do Sertão
	Forte feito o sertão
Dulce Lima	Noite de São João
Elenilda Amaral	Uma tela pintada desse jeito/Só se ver no sertão que fui criada
	Os tabaqueiros
	Labuta do agricultor
	O tecido cinzento do sertão/ Com um toque de Deus mudou a cor
Francisca Araújo	Quando o firmamento chora/O sertão sente alegria
Isabelly Moreira	São João
	Sertão teu, sertão meu, sertão de nós
	Não ouço mais o carão/ Cantando lá na represa
	Coroa de frade
Milene Augusto	"Brotou verso improvisado/ Do solo da poesia."
	Que o vento passa cantando/Quando é inverno o sertão
	Meu sertão
	Eu nasci no sertão
	Onde eu nasci
Thaynnara Queiroz	Pajeú, nosso corcel/De beleza e alumbramento
	A chuva é quem veste a planta
	E ver o gado berrando/ Na porteira do curral
	Eu nunca fui tão feliz
	Mês sem chuva
	Do chão que meu peito adora
	Eu admiro o roçado

### Poemas sobre a temática “Amor”

Cordelista	Temática “Amor”
Alecsandra Ramalho	Não era amor verdadeiro
	Gastei minha poesia
	Filho
	Simpatia
	Feito festa de São João
Andreia Miron	Quero mais
	Fui embora e voltei pra lhe dizer/ Que o amor que levei e vivo ainda
	Retirei seu retrato da carteira/ sem tirar seu amor do coração
Carmem Pedrosa	A quem dou meu coração
	Puros sentimentos
	Minha mãe pobre
	Meus sonhos irreais
	Martelo alagoano
	O que venho trazer
Dulce Lima	Nosso amor tão singular
Elenilda Amaral	Sinto muito
	Traíçoeira
	Deus criou nossa mãe pra ser rainha
Isabelly Moreira	Alfaiate do tempo
	Voltar pra quê?
	Embalado dos sonhos
	Desejar-te
	Amor de mãe
Milene Augusto	Amor não tem idade
	Ninguém põe tornozeleira/ No pé do meu coração."
	Quem colheu o que não quis/Sabe bem o que plantou
	Coração curado das feridas
	Amores e despedida

### Poemas sobre a temática “Saudade”

Cordelista	Temática “Saudade”
Carmem Pedrosa	Carmem Criança
	Eu criança
	Lembrança inesquecível
	Saudades de minha terra
	A um amigo
Dayane Rocha	A saudade fareja pra cancela/ Do matuto com cheiro de sertão
	A saudade me queima
	Caminhei na estrada da saudade
	Saudade
	Pedaço de saudade
Milene Augusto	Tempos de criança
Thaynnara Queiroz	Um batente no oitão/ Que não serve mais pra nada



### Poemas sobre a temática “Político-social”

Cordelista	Temática “Político - social”
Alecsandra Ramalho	Quanto vale um professor?
	Marca de mudança
Andreia Miron	Brasil, cadê tua independência?
	Natal
	Uma forcinha do além
Carmem Pedrosa	Cidade tediosa
	O que é democracia?
	O nordestino falando com o presidente
Dayane Rocha	Meu São João é assim
	Mas não é, com certeza, o meu país
	Genocida
Dulce Lima	Paz
	O governo acha pouco, inda quer mais/Dos pedintes famintos roubam o pão
	Contradições do Natal
Elenilda Amaral	O pobre vive de fé
	H(á) vida no semiárido
	Pobre não tem vez
Francisca Araújo	Uma nação consciente/Não permite tirania
	Respeite a diversidade/Todos nós somos iguais
	Paulo Freire – Filósofo da educação
	O que falta pra cair/ Esse tal de presidente?
Isabelly Moreira	Pra ganhar o meu voto, eu sirvo e presto
	Mundo concreto
	Sem número, sem endereço
	A mão que doa, recebe
	Uma esmola, por favor
	Nesse Brasil de caboco
Milene Augusto	Quem dorme na rua sente/O frio que uma noite faz.
	O futuro está nas nossas mãos

**Poemas sobre a temática “Natureza”**

<b>Cordelista</b>	<b>Temática “Natureza”</b>
Carmem Pedrosa	A floresta e o caçador
	Borboleta Indígena
	Os meteoritos
Francisca Araújo	Setembro chegou trazendo /Toda beleza das flores
Isabelly Moreira	A natureza devolve/ O que a gente lhe oferece

**Poemas sobre a temática “Terra natal”**

<b>Cordelista</b>	<b>Temática “Terra natal”</b>
Dulce Lima	Sou do Pajeú das flores
Isabelly Moreira	Feliz cidade
	Viva o Nordeste
	Um sopro de poesia

**Poemas sobre a temática “Erótica”**

<b>Cordelista</b>	<b>Temática “Erótica”</b>
Dayane Rocha	Amor santo demais é sem sabor
	Essa noite dispensa a timidez
	Tua boca com gosto de cerveja
	Hoje à noite a poesia/ Vai ser feita em nossa cama

**Poemas sobre a temática “Deus”**

<b>Cordelista</b>	<b>Temática “Deus”</b>
Milene Augusto	Pedido a Deus
	Deus me conduz
	Caminhar é preciso

## **ANEXOS**

## ANEXO A – CANÇÕES INDICADAS NAS SUGESTÕES DE LEITURA

### Temática “mulher”

#### Canção 1

##### **Maria da Vila Matilde**

**Composição:** Douglas Germano

**Interpretação:** Elza Soares

Cadê meu celular? Eu vou ligar pro 180  
 Vou entregar teu nome e explicar meu endereço  
 Aqui você não entra mais, eu digo que não te conheço  
 E jogo água fervendo se você se aventurar  
 Eu solto o cachorro e, apontando pra você  
 Eu grito: Péguis-ss-ss-ss  
 Eu quero ver você pular, você correr na frente dos vizin

Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Cadê meu celular? Eu vou ligar pro 180  
 Vou entregar teu nome e explicar meu endereço  
 Aqui você não entra mais, eu digo que não te conheço  
 E jogo água fervendo se você se aventurar  
 Eu solto o cachorro e, apontando pra você  
 Eu grito: Péguis-ss-ss-ss  
 Eu quero ver você pular, você correr na frente dos vizin

Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

E quando o samango chegar  
 Eu mostro o roxo no meu braço  
 Entrego teu baralho, teu bloco de pule  
 Teu dado chumbado, ponho água no bule  
 Passo e ainda ofereço um cafezin

Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Cadê meu celular? Eu vou ligar pro 180  
 Vou entregar teu nome e explicar meu endereço

Aqui você não entra mais, eu digo que não te conheço  
 E jogo água fervendo se você se aventurar  
 Eu solto o cachorro e, apontando pra você  
 Eu grito: Péguis-ss-ss-ss  
 Eu quero ver você pular, você correr na frente dos vizin

Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim  
 E quando tua mãe ligar  
 Eu capricho no esculacho  
 Digo que é mimado, que é cheio de dengo  
 Mal acostumado, tem nada no quengo  
 Deita, vira e dorme rapidin

Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim  
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim  
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim  
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim  
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Mão, cheia de dedo  
 Dedo, cheio de unha suja  
 E pra cima de mim?  
 Pra cima de moi? Jamé, mané!

(Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim)  
 (Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim)  
 (Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim)  
 (Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim)  
 (Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim)  
 (Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim)  
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim  
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim  
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim  
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim  
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim  
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

### **Temática “social”**

#### **Canção 1**

##### **O meu país**

**Composição:** Orlando Tejo, Gilvan Chaves e Livardo Alves

**Interpretação:** Flávio José

**Refrão:**

Tô vendo tudo, tô vendo tudo  
 Mas, fico calado, faz de conta que sou mudo

Um país que crianças elimina  
 Que não ouve o clamor dos esquecidos  
 Onde nunca os humildes são ouvidos  
 E uma elite sem Deus é quem domina  
 Que permite um estupro em cada esquina  
 E a certeza da dúvida infeliz  
 Onde quem tem razão baixa a cerviz  
 E massacram-se o negro e a mulher  
 Pode ser o país de quem quiser  
 Mas não é, com certeza, o meu país.

**Refrão**

Um país onde as leis são descartáveis  
 Por ausência de códigos corretos  
 Com quarenta milhões de analfabetos  
 E maior multidão de miseráveis  
 Um país onde os homens confiáveis  
 Não têm voz, não têm vez, nem diretriz  
 Mas corruptos têm voz e vez e bis  
 E o respaldo de estímulo incomum  
 Pode ser o país de qualquer um  
 Mas não é, com certeza, o meu país.

**Refrão**

Um país que perdeu a identidade  
 Sepultou o idioma português  
 E aprendeu a falar pornofonês  
 Aderindo à total vulgaridade  
 Um país que não tem capacidade  
 De saber o que pensa e o que diz  
 Que não pode esconder a cicatriz  
 De um povo de bem que vive mal  
 Pode ser o país do Carnaval  
 Mas não é, com certeza, o meu país.

**Refrão**

Um país que seus índios discrimina  
 E a ciência e as artes não respeita  
 Um país que ainda morre de maleita  
 Por atraso geral da medicina

Um país onde escola não ensina  
 E hospital não dispõe de raio-x  
 Onde a gente dos morros é feliz  
 Se tem água de chuva e luz do sol  
 Pode ser o país do futebol  
 Mas não é, com certeza, o meu país.

### **Refrão**

Um país que dizima a sua flora  
 Festejando o avanço do deserto  
 Pois não salva o riacho descoberto  
 Que no leito precário se estertora  
 Um país que cantou e hoje chora  
 Pelo bico do último conchris  
 Que florestas destrói pela raiz  
 E a grileiros de fora entrega o chão  
 Pode ser que ainda seja uma nação  
 Mas não é com certeza o meu país.

### **Canção 2**

#### **Chão de estrelas**

Composição: **Orestes Barbosa/Silvio Caldas**

Minha vida era um palco iluminado  
 Eu vivia vestido de dourado  
 Palhaço das perdidas ilusões  
 Cheio dos guizos falsos da alegria  
 Andei cantando a minha fantasia  
 Entre as palmas febris dos corações

Meu barracão no morro do Salgueiro  
 Tinha o cantar alegre de um viveiro  
 Foste a sonoridade que acabou  
 E hoje, quando do sol, a claridade  
 Forra o meu barracão, sinto saudade  
 Da mulher pomba-rola que voou

Nossas roupas comuns dependuradas  
 Na corda, qual bandeiras agitadas  
 Pareciam estranho festival!  
 Festa dos nossos trapos coloridos  
 A mostrar que nos morros mal-vestidos  
 É sempre feriado nacional

A porta do barraco era sem trinco  
 Mas a lua, furando o nosso zinco  
 Salpicava de estrelas nosso chão  
 Tu pisavas os astros, distraída,  
 Sem saber que a ventura desta vida  
 É a cabrocha, o luar e o violão.

### **Canção 3**

#### **A casa**

#### **Composição: Vinicius de Moraes**

Era uma casa muito engraçada  
 Não tinha teto, não tinha nada  
 Ninguém podia entrar nela não  
 Porque na casa não tinha chão

Ninguém podia dormir na rede  
 Porque na casa não tinha parede  
 Ninguém podia fazer pipi  
 Porque pinico não tinha ali

Mas era feita com muito esmero  
 Na Rua dos Bobos, número zero  
 Mas era feita com muito esmero  
 Na Rua dos Bobos, número zero

### **Temática “Sertão”**

#### **Canção 1**

#### **O tempo e a seca**

Composição: Luiz Marcondes  
 Interpretação: Vates e viola

O riacho não vi mais cheio  
 O inverno não voltou  
 E a seca que ali chegou  
 Não quis mais se retirar

Passarinho foi embora  
 Não sei mais a onde mora  
 Se ainda sabe cantar



Um antigo cajueiro  
Manga rosa e coqueiro  
São saudades do lugar  
O silêncio é a voz  
Lá na casa dos avós  
A tristeza foi morar

Não existe cantoria  
Vaquejada onde havia  
Muito forró pra dançar

Não tem peixe nem anzol  
Pescaria, futebol  
Prado nem se vê falar

Será que o tempo não chora  
Quando Deixa isso para traz  
Não podendo nunca mais

Tudo que passou passar

## **Cancão 2**

### **Chuva de honestidade** (Flávio Leandro)

Quando o ronco feroz do carro pipa  
Cobre a força do aboio do vaqueiro  
Quando o gado berrando no terreiro  
Se despede da vida do peão  
Quando verde eu procuro pelo chão  
Não encontro mais nem mandacaru  
Dá tristeza ter que viver no Sul  
Pra morrer de saudades do sertão

Eu sei que a chuva é pouca e que o chão é quente  
Mas tem mão boba enganando a gente  
Secando o verde da irrigação  
Não, eu não quero enchentes de caridade  
Só quero chuva de honestidade  
Molhando as terras do meu sertão

Eu pensei que tivesse resolvida  
Essa forma de vida tão medonha  
Mas ainda me matam de vergonha  
Os currais, coronéis e suas cercas

Eu pensei nunca mais sofrer da seca  
 No Nordeste do século vinte e um  
 Onde até o voo troncho de um anum  
 Fez progressos e teve evolução

Eu sei que a chuva é pouca e que o chão é quente  
 Mas tem mão boba enganando a gente  
 Secando o verde da irrigação  
 Não, eu não quero enchentes de caridade  
 Só quero chuva de honestidade  
 Molhando as terras do meu sertão  
 Israel é mais seco que o Nordeste  
 No entanto se investe de fartura  
 Dando força total à agricultura  
 Faz brotar folha verde no deserto  
 Dá pra ver que o desmando aqui é certo  
 Sobra voto, mas, falta competência  
 Pra tirar das cacimbas da ciência  
 Água doce que regue a plantação

Eu sei que a chuva é pouca e que o chão é quente  
 Mas tem mão boba enganando a gente  
 Secando o verde da irrigação  
 Não, eu não quero enchentes de caridade  
 Só quero chuva de honestidade  
 Molhando as terras do meu sertão

Eu sei que a chuva é pouca e que o chão é quente  
 Mas tem mão boba enganando a gente  
 Secando o verde da irrigação  
 Não, eu não quero enchentes de caridade  
 Só quero chuva de honestidade  
 Molhando as terras do meu sertão

### **Canção 3**

#### **Na Paz do Sertão**

(Flávio Leandro)

Tem um raio de sol de manhanzinha  
 Clareando a fumaça do café  
 E um balaio de frutas na cozinha  
 Ao alcance das mãos de quem quiser  
 Tem um toque de rede na varanda  
 Na ciranda das mãos de uma mulher  
 Que debulha um rosário pros três filhos

Que no doce da vida sejam brilho  
E no amargo da vida sejam fé

Tem folia de reis e quadrilhas de São João  
Na lição dos meus,  
tem a mão de Deus na paz do sertão

Tem um raio de sol de tardezinha  
Apertando o botão do anoitecer  
No fogão o tempero de mainha  
Mostra o gosto da janta sem se ver  
Tem um toque do simples no terreiro  
Que dinheiro nenhum consegue ter  
E ao redor do calor de uma fogueira  
As conversas de uma vida inteira  
E as canções que são feitas pra você

### **Temática: Metalinguagem”**

#### **Canção 1**

##### **Me ensina a escrever (Oswaldo Montenegro)**

Meu amor  
Me ensina a escrever  
A folha em branco me assusta  
Eu quero inventar dicionários  
Palavras que possam tecer  
A rede em que você descansa  
E os sonhos que você tiver

Meu amor  
Me ensina a fazer  
Uma canção falando quanto custa  
Trancar aqui dentro as palavras  
Calando e querendo dizer  
Não sei se o poema é bonito  
Mas sei que preciso escrever

Meu amor  
Me ensina a escrever  
A folha em branco me assusta  
Eu quero inventar dicionários  
Palavras que possam tecer

A rede em que você descansa  
 E os sonhos que você tiver  
 Trancar aqui dentro as palavras  
 Calando e querendo dizer  
 Não sei se o poema é bonito  
 Mas sei que preciso escrever

## **Canção 2**

### **Regue-se**

**Composição:** Lamartine Passos

**Interpretação:** Em Canto e poesia

Se, um dia, a poesia me sumir da veia  
 E o senso das metáforas morrer no ar,  
 Terei a sensação da alma que incendeia  
 E o grande mal dos loucos que não podem amar  
 Terei que proibir-me do reggae e de ti,  
 Na introspecção, mergulharei de cara.  
 Me esconderei dos sonhos, perderei a tara

E, se me perguntarem, direi que morri.  
 As cordas do ovation irão rebentar!  
 A voz, presa no peito, fraca, calará.  
 E os mal tocados tons, logo, vão se esquecer  
 E, quando me lançares ares de piedade,  
 Me esconderei de mim, ante a cruel verdade,  
 Serei a sepultura do meu podre ser.

## **Temática: “Amor”**

### **Canção 1**

#### **Se Tu Quiser**

**Composição:** Xico Bizerra

Se tu quiser  
 Eu invento um vento pra ventar o amor  
 Uma chuva bem chovida pra chover pé de fulô  
 Pra tu ficar cheirosa e vir dançar mais eu  
 Se tu quiser  
 Poemo um poema bem cheio de rima  
 Acendo a estrela mais bonita lá de cima

Faço tudo que puder pra tu ficar mais eu  
Se tu quiser  
Eu crio um sentimento pra gente se amar  
Descubro um jeito novo de te abraçar  
Te beijo com um beijo que ninguém nunca beijou

Se tu quiser  
Basta me dizer que eu irei correndo  
É só me avisar que tu tá me querendo  
E o mundo vai saber o que é um grande amor

## **Cancão 2**

### **Sem Não Nem Talvez**

**Composição:** Flávio Leandro

Eu e você somos tão nossos  
Que às vezes penso que você sou eu  
Eu sem você sou qualquer troço  
Do mesmo jeito é você sem eu  
Eu sem você sou a metade, da metade, da metade  
De quase todo nada  
Definitivamente, decididamente

Eu sem você sou nada  
Mas nada simplesmente nada  
Vai tirar da estrada  
O que a gente fez  
Pois tudo que plantamos juntos  
Que colhemos juntos é que vai ter vez

Adoro ser teu ombro amigo  
E quero estar contigo minha companheira  
Deus queira que a gente se queira  
Pela vida inteira, sem não nem talvez  
Na vida a gente nasce flor  
Pra fecundar o amor  
E então criar raiz  
Pra germinar feito semente

Mas infelizmente a vida não tem bis  
Então vamos viver o amor  
Vamos colher a flor  
Vamos morrer raiz  
Nascer semente todo dia

Num chão de alegria  
Pra gente ser feliz  
Eu e você

### **Canção 3**

**Eu não existo sem você**

**Composição:** Antonio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes

Eu sei e você sabe, já que a vida quis assim  
Que nada nesse mundo levará você de mim  
Eu sei e você sabe que a distância não existe  
Que todo grande amor  
Só é bem grande se for triste  
Por isso, meu amor  
Não tenha medo de sofrer  
Que todos os caminhos me encaminham pra você

Assim como o oceano  
Só é belo com luar  
Assim como a canção  
Só tem razão se se cantar  
Assim como uma nuvem  
Só acontece se chover  
Assim como o Vinícius  
Só é grande se sofrer  
Assim como viver  
Sem ter amor não é viver  
Não há você sem mim  
E eu não existo sem você

**ANEXO B – POEMAS INDICADOS NAS ABORDAGENS DE LEITURA****Temática “Social”****Poema 1****Meu papai Noel de casa  
(Dedé Monteiro)**

Os sinos tocam contentes  
Aí Papai Noel sai  
Distribuindo presentes  
Como se fosse outro pai  
Durante essa missão sua  
Sobe rua desce rua  
Sobe morro, morro desce,  
Palmilha todo terreno  
Só meu casebre pequeno  
Papai Noel não conhece.

É porque eu não conheço  
Onde Papai Noel mora  
Senão o meu endereço  
Eu ia enviar-lhe agora  
Escrevo um bilhetinho  
Conto bem direitinho  
Onde fica meu chalé  
Se dizem que ele adivinha  
Porque só minha casinha  
Ele não sabe onde é?

Quer saber o que se dava  
Se papai fosse um ricoço?  
Papai Noel não errava  
As grades do meu terraço  
Rondava a casa por fora  
Entrava fora de hora  
Pela chaminé descia  
E em silêncio sorrindo  
Deixava um presente lindo  
Pegava o saco e saía.

Chaminé muito enfeitada  
Minha palhoça não tem  
Mas numa lata amassada  
Papai fez uma também

Mas se o senhor entender  
 Que ela não vai lhe caber  
 Eu deixo aberta a janela  
 E se o senhor se cansar  
 Achar que não deve entrar  
 Jogue o presente por ela

Reclamando desse jeito  
 Posso até estar errado  
 Pois meu mucambo foi feito  
 Num lugar muito atrasado.  
 Será que Papai Noel não passa  
 Porque não tem luz nem praça  
 Nem parque de diversão?  
 Esse Papai Noel nobre  
 Não liga menino pobre  
 Que vive de pé no chão.

Meu papai que é mais humano  
 Este ano me falou  
 Se Deus quiser para o ano  
 O seu presente eu mesmo dou  
 Papai é homem de fato  
 Não é papai de boato  
 Como esse Noel que atrasa  
 Meu papai é tão fiel  
 Que não há Papai Noel  
 Como o que tenho em casa.

## **Poema 2**

### **Versos de Natal**

(Manuel Bandeira)

Espelho, amigo verdadeiro,  
 Tu refletas as minhas rugas,  
 Os meus cabelos brancos,  
 Os meus olhos míopes e cansados.  
 Espelho, amigo verdadeiro,  
 Mestre do realismo exato e minucioso,  
 Obrigado, obrigado!

Mas se fosses mágico,  
 Penetrarias até ao fundo desse homem triste,  
 Descobririas o menino que sustenta esse homem,  
 O menino que não quer morrer,



Que não morrerá senão comigo,  
O menino que todos os anos na véspera do Natal  
Pensa ainda em pôr os seus chinelinhos atrás da porta.

**Temática: “Sertão”**

**Poema 1**

**Triste partida**

(Patativa do Assaré)

Setembro passou  
Com Outubro e novembro  
Já tamo em dezembro  
Meu Deus, que é de nós  
Assim fala o pobre  
Do seco nordeste  
Com medo da peste  
Da fome feroz

A treze do mês  
ele fez a experiencia  
Perdeu sua crença  
Nas pedra de sá  
Mas nôta esperiência  
Com gosto se agarra  
Pensando na barra  
Do alegre Natá.

Rompeu-se o Natá,  
Porém barra não veio  
O Sol bem vermeio  
Nasceu munto além.  
Na copa da mata  
Buzina a cigarra  
Ninguém vê a barra  
Pois barra não tem

Sem chuva na terra  
Descamba janêro  
Depois feverêro  
E o mesmo verão.  
Entonce o rocêro  
Pensando consigo  
Diz: “isso é castigo!  
Não chove mais não”

Apela pra março  
Que é o mês preferido  
Do santo querido  
Senhô São José  
Mas nada de chuva!  
Tá tudo sem jeito  
Lhe foge do peito  
O resto da fé.

Agora pensando  
Segue ôtra tria  
Chamando a famia  
Começa a dizê:  
Eu vendo meu burro  
Meu jegue e o cavalo  
Nós vamo a São Paulo  
Vivê ou morre.

Nós vamo a São Paulo  
Que a coisa tá feia  
Por terras aleias  
Nós vamo vagá  
Se o nosso destino  
Não fô tão mesquinho  
Pro mesmo cantinho  
Nós torna a vortá.

E vende seu burro,  
Jumento e o cavalo  
Inté mesmo o galo  
Vendêro também  
Pois logo aparece  
Feliz fazendêro  
Por pôco dinhêro  
Lhe compra o que tem.

Em riba do carro  
Se junta a famia  
Chegou o triste dia  
Já vai viajá  
A seca terrive,  
Que tudo devora  
Lhe bota pra fora  
Da terra Natá

O carro já corre  
No topo da serra  
Oiando pra terra  
Seu berço, seu lá,  
Aquele nortista  
Partido de pena  
De longe inda acena:  
Adeus, Ceará!

No dia seguinte  
Já tudo enfadado  
E o carro embalado,  
Veloz a corrê,  
Tão triste coitado,  
Falando saudoso  
Um fio choroso  
Excrama a dizê:  
- De pena e sodade,  
Papai sei que morro!

Meu pobre cachorro  
Quem dá de comê?  
Já otô pergunta:  
-Mãezinha, e meu gato?  
Com fome, sem trato  
Mimi vai morrê!

E a linda pequena  
Tremendo de medo:  
- Mamãe, meus brinquedo  
Meu pé de fulô!  
Meu pé de rosêra,  
Coitado ele seca!  
E minha boneca  
Também lá ficou.

E assim vão dexando  
Com choro e gemido  
Do berço querido  
Céu lindo e azu  
Os pai, pesaroso,  
Nos fio pensando  
E o carro rodando  
Na estrada do Su.

Chegaro em São Palo –  
Sem cobre quebrado.  
O pobre, acanhado,  
Percura um patrão.  
Só vê cara estranha  
Da mais feia gente  
Tudo é diferente  
Do caro torrão.

Trabaia dois ano,  
Três ano e mais ano,  
E sempre nos prano  
De um dia ele vim.  
Mas nunca ele pode,  
Só veve devendo  
E assim vai sofrendo  
Tormento sem fim.

Se arguma notícia  
Das banda do norte  
Tem ele por sorte  
O gosto de uvi.  
Lhe bate no peito  
Sodade de móio  
E as água dos óio  
Começa a caí.

Do mundo afastado,  
Sofrendo desprezo  
Ali veve preso  
Devendo ao patrão.  
O tempo rolando,  
Vai dia, vem dia,  
E aquela famia  
Não vorta mais não!

Distante da terra tão seca,  
Mas boa  
Exposto à garoa  
A lama e o paú  
Faz pena o nortista,  
Tão forte, tão bravo,  
Vivê como escravo  
Nas terras do Su.

**Temática: “Metalinguagem”****Poema 1****Queria tanto**

(Alice Ruiz)

**queria** tanto  
fazer um poema hoje  
uma canção que fosse  
digna desse dia  
com suas cores  
brilhos e brisas

queria tanto  
que esse poema me quisesse  
e me fizesse um mimo  
me desfazendo em risos  
queria tanto  
esse dia em versos  
meu coração  
deste bem diverso  
para sempre  
conservado  
em seu próprio encanto

**Poema 2****Momento**

(Lenilde de Freitas)

A poesia se aproxima  
marca sua presença

ou esteve sempre aqui  
como sinal de nascença?

**Temática: “Amor”****Poema 1:****desacerto**

(Alice Ruiz)

desacerto  
entre nós  
só etceteras

**ANEXO C – ARTE EM TELA SUGERIDA NA PROPOSTA DE ABORDAGEM DE  
LEITURA**

**Temática: “Sertão”**



*Retirantes, 1944*

Candido Portinari  
Óleo sobre tela, c.i.d.  
190,00 cm x 180,00 cm  
Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (SP)  
<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3329/retirantes>